

LEOMAR DA SILVA DE LIMA

AS PLANTAS DE CURA DO POVOADO DE LAGES, PORTO DE PEDRAS- AL

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Maceió-AL

2018

LEOMAR DA SILVA DE LIMA

AS PLANTAS DE CURA DO POVOADO DE LAGES, PORTO DE PEDRAS- AL

Monografia apresentada à
Coordenação do curso de
Licenciatura em Ciências Biológicas
da Universidade Federal de Alagoas,
como requisito parcial e obrigatório
para conclusão do referido curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sílvia Aguiar Carneiro Martins

Co-Orientador: Dr. Nivaldo Aureliano Léo Neto

Maceió-AL

2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário Responsável: Janis Christine Angelina Cavalcante – CRB: 1664

C376p Lima, Leomar da Silva de.
As plantas de cura do povoado de Lages , Porto de Pedras, AL / Leomar da
Silva de Lima. – Maceió, 2018.
296 f. : il. color., graf., tabs.

Orientadora: Silvia Aguiar Carneiro Martins.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Ciências Biológicas) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde.
Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 282-287.
Apêndices: f. 288-294.
Anexos: f. 295-286.

1. Etnobotânica. 2. Etnomedicina. 3. Plantas – Propriedades terapêuticas. 4.
Conhecimento local – Porto de Pedras – Alagoas.
I. Título.

CDU: 57:581.6

Folha de Aprovação

AUTOR: LEOMAR DA SILVA DE LIMA

As plantas de cura do povoado de Lages, Porto de Pedras- AL

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Graduação em Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado com média _____, em _____ de maio de 2018.

:

Prof.^a Dr.^a Sílvia Aguiar Carneiro Martins, ICS - Universidade Federal de Alagoas

:

Dr. Nivaldo Aureliano Léo Neto

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Graziela Cury Guapo, ICBS - Universidade Federal de Alagoas

Prof.^a Dr.^a Sineide Correia Silva Montenegro, ICBS- Universidade Federal de Alagoas



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE / ICBS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

No dia 18 de maio de dois mil e dezoito, às 14:00 horas, estiveram reunidos numa sala do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Alagoas, tendo como Presidente da Banca Examinadora a Professora Orientadora: Dra. Sílvia Aguiar Carneiro Martins e os Membros Titulares Profa. Dra. Graziela Cury Guapo e a Profa. Dra. Sineide Correia Silva Montengro, para a defesa de monografia do discente **Leomar da Silva Lima**, matrícula nº 14210051, intitulada: **"AS PLANTAS DE CURA DO POVOADO DE LAGES"**. Após a apresentação do discente, seguiu-se a arguição da Banca examinadora, sendo esta Monografia aprovada com nota (10,0) de inteiro. O discente terá 30 dias de prazo para entregar um (01) exemplar corrigido em capa dura, verde oliva, e um CD com o trabalho digitalizado à Coordenação do Curso. Nada mais havendo a tratar, eu Prof.ª Dra. Lilian Carmen Lima dos Santos, lavrei a presente Ata, que vai por mim assinada e pelos Membros Titulares da Banca Examinadora.

Maceió, 18 de maio de 2018.

Profa. Dra. Sílvia Aguiar Carneiro Martins

Profa. Dra. Graziela Cury Guapo

Profa. Dra. Sineide Correia Silva Montengro

Prof.ª Dra. Lilian Carmen Lima dos Santos
Coordenadora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas



Dedico este trabalho às benzedeadas e curandeadas: Berlamino Antônio Dorta (Seu Belo); José Felipe Neris (Zé Felipe); Jovelina Maria da Conceição (Dona Jovem); Maria da Glória da Silva (Maria Carinho); Maria José dos Santos (Dona Vina); Otávia Benedita dos Santos (Tata) e Sebastiana Castelo Branco (Bida), que com grande sabedoria dedicaram-se ao bem-estar das pessoas do povoado de Lages e região.

- *In Memoriam* -

AGRADECIMENTOS

Gratidão, de acordo com o dicionário trata-se do “reconhecimento de uma pessoa por alguém que lhe prestou um benefício, um auxílio, um favor etc.; agradecimento.” Decidi deixar os agradecimentos por último, pois acreditava que seria a parte mais fácil da monografia, mas na verdade não é tão simples como parece, pois antes de pensar a quem sou grato, me vi pensando a que sou grato!.. E percebi que sou grato pela pessoa que sou.

Mas quem sou hoje não surgiu por mágica, foram muitas histórias, muitos encontros e reencontros, muitos sorrisos e lágrimas, muitos bons dias e adeuses, muita troca de experiências, pensamentos, sonhos e realidades que me tornaram a pessoa que sou.

Por isso sou grato à toda população do povoado de Lages, que em meio a suas contradições, dores e sonhos vem lutando e resistindo todos os dias não só aos males do corpo, mas aos males da vida diária!

Às minhas famílias - a biológica, as que me adotaram e as que eu adotei - em especial venho agradecer a minha avó, Dona Júlia; Sou grato por sempre ter cuidado de mim e com seus chás e lambedores ter me curado muitas vezes; Pelos conselhos, pelas risadas e as lágrimas que já compartilhamos, e por acreditar em mim. Sou grato a minha (R)irmã Thaymar da Silva de Lima (Tata), que mesmo não sendo a maior em altura é a maior em ser grosseira e hostil!.. Mas eu sei que por baixo dessa brutalidade toda, ela é a maior em coração, em alegria, em companheirismo, em apoio e em arenga. Muito grato por ter você ao meu lado! Sou grato a minha mãe Janete, que mesmo com nossas divergências na forma de pensar; compartilhamos um grande respeito e amor.

Agradeço à família Soares clássica (Tia Cinha, Dinha Morena, Dinha Mima, Dinho Will e Tio Zeca) e à nova geração (Rayssa, Kamila, Rayanne, Juninho e Israel), não sou grato, apenas, pelo fato de terem me criado como à um filho, mas por tudo que aprendemos e por tudo que vamos aprender juntas/os!

Sou Grato a família Rocha, não só por terem aberto sua casa para um desconhecido, mas por terem abertos os braços e os corações para um jovem sonhador. Em especial agradeço a Anita por sua amizade e companheirismo, pelos sorrisos e lágrimas e pelo pacto de não tomar banho se a/o outro/a não tomar (desfiz esse pacto, rs..), e a dona Rejeny pela força, compreensão e carinho. Agradeço a Helena e a Maria pelos momentos de descontração que tivemos, muitas risadas compartilhadas.

Agradeço à todas pessoas que me têm como amigo. Nesse caminho que percorremos algumas pessoas vêm e vão, porém muitas, com um simples sorriso, estão comigo em meu coração. Em especial agradeço a Carlinha, a Dai, ao Théo(mar), a Sodó e ao Cássio (amigas/o inusitadas/os e que tenho grande carinho). Tenho muitas outras pessoas a agradecer pela amizade que iniciou na universidade e sei que durará uma vida, espero que entendam que são muitas/os e que por isso não citarei aqui, mas sei que sabem do carinho que sinto por vocês!

Ao Centro Acadêmico Enraizando em Terra Seca - CAETÉS e a Resistência Popular Alagoana (não vou citar nomes, pois é provável que esqueça alguém, vocês sabem que sou mosca!), pela formação política, por me ensinarem a não baixar a cabeça frente à uma injustiça e pela amizade. Agradeço às/aos trabalhadoras/es terceirizadas/os da UFAL, que para muitos são invisíveis, mas estão lá, muitas vezes tristes, outras vezes felizes; agradeço pelas vezes que conversamos, compartilhamos sonhos e sorrimos, em especial um forte abraço para a Val, a Rosenilda, a Silvia e a Maroca.

Sou grato à equipe do Arboretum - UFAL, minha paixão por plantas estava dormente, mas graças a dedicação de vocês ela germinou e esse trabalho é um de seus frutos. Gostaria de agradecer em especial ao seu Eronildo, que com sua forma peculiar (faça você mesmo) me ensinou o que sabe sobre as plantas e à Gabriela (Gabs) pelos momentos de descontração e de perrengues que passamos juntas/os que nos mostraram o tipo de pessoa e de profissionais que queremos ser.

Agradeço à equipe do Laboratório de Anatomia e Morfologia Vegetal. Sempre me surpreendi com a diversidade (sexual, de gênero, de crenças e de pensamentos) e com respeito que temos umas/uns pelas/os outras/os. Agradeço à professora Dr.^a Graziela Cury por ter aberto o laboratório para alguém que só vê chão nas lâminas (piada interna), e por acreditar em meu potencial, sempre me estimulando a ser eu mesmo e seguir o que acredito.

Quero agradecer também às/aos amigas/os que de alguma forma me ajudaram neste trabalho: minha irmã pelas idas ao campo e ajuda em algumas coletas, como também pela companhia nesse momento importante para mim; Às/aos agentes de saúde do povoado de Lages (Adriana, Cicero, Joseane, Luciana e Marileide) por terem realizado o levantamento inicial das famílias do povoado; A Jeane Marques pelos dados sobre a população de Lages requeridos na secretaria municipal de saúde e a Paulo Rodrigo pela ajuda na identificação taxonômica de *Rhizophora mangle* L.; Ao Tonho (Antônio dos Santos) por ter aceito me guiar na mata em uma de minhas coletas e ao seu Zé Grande (José João dos Santos) por ter interrompido seu trabalho na roça para me ajudar a encontrar a planta conhecida como Trapiá, que para mim estava sendo uma agulha no palheiro, mas que ele encontrou tão facilmente.

Agradeço às/aos membros do grupo de Identificação Botânica no facebook: Hugo Arruda Castanho Júnior, Caio Vianna de Farias, Ana Claudia, Wellington J Reis e André Benedito, por identificarem, respectivamente, as espécies: *Celosia cristata* L.; *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br.(diferença morfológica); *Ayapana triplinervis* (Vahl) R.M.King & H.Rob.; *Fridericia chica* (Humb. & Bonpl.) L.G. Lohmann e *Dorstenia* sp.

E por fim sou grato ao Nivaldo Aureliano Léo Neto (Caju), que bem antes desse trabalho me apresentou a etnobiologia, seus limites, anseios, contradições e ações. Também agradeço por ter aceitado contribuir para que esta monografia não fosse apenas mais um trabalho de conclusão e sim uma reflexão sobre a realidade da população e do meu papel nesse contexto. Agradeço também pelos conselhos, pelas indicações na literatura, pelas reflexões, pela amizade e por ter indicado a

professora Silvia como orientadora no momento em que o trabalho pareceu sem rumo, foi um grande presente!

Agradeço à professora Dr.^a Sílvia Aguiar Carneiro Martins, que, mesmo sendo de outro instituto, me recebeu com carinho e aceitou participar dessa jornada. Graças a sua sensibilidade, pude florescer nesse processo. Também agradeço pelas palavras que, mesmo sem saber, me fizeram bastante bem nos momentos em que estava despedaçado por dentro.

Sou grato à todas/os vocês por ontem, por hoje e pelo amanhã que construiremos juntas/os!

*Por vezes tenho raiva
e dissemino a peste.
Por vezes tenho pena
e afasto a doença.
Entre amor e ódio,
meu coração balança,
como é o próprio dos meninos
que a mãe abandona.
Das Feridas tenho as marcas ainda,
mas não choro como antigamente.
Em meus olhos as lágrimas
viram pérolas
que trago no peito
por cima das cicatrizes.
DILACERADO,
Maurício de Macedo, 2001. p, 58.*

*Quando me deixaram nu,
o mato me deu abrigo
e cobriu a minha nudez.
De cada folha aprendi o segredo
da cura do corpo
onde a dor se escondeu.
A outros distribuo as folhas,
que no mato eu colhi
para aliviar o sofrer,
mas só quem viveu
o abandono e a solidão
pode conhecer o segredo profundo
do sofrimento do corpo.
MÉDICO,
Maurício de Macedo, 2001. p. 34.*

RESUMO

A utilização de plantas pelas populações humanas é tão antiga quanto sua própria história e o conhecimento a respeito das propriedades terapêuticas das plantas é uma das mais antigas práticas médicas da humanidade, tendo na oralidade um de seus principais meios de transmissão. O município de Porto de Pedras, localiza-se na microrregião do Litoral Norte do estado de Alagoas, é formado pelo centro administrativo e pela zona rural composta pelos povoados de: Tatuamunha; Palmeira; Lages e Curtume. No povoado de Lages a utilização de plantas medicinais é uma prática bastante difundida entre a população que buscam na flora local os meios para o tratamento de seus problemas de saúde, havendo situações particulares em que a melhora é atingida a partir de consultas com benzedeiros e curandeiros. Assim, o objetivo geral da pesquisa consistiu em uma etnografia sobre a relação da comunidade de Lages com o meio ambiente através da utilização de espécies botânicas em processos de cura, na qual foi possível abordar e descrever como ocorre nessa população o processo de transmissão do conhecimento sobre a utilização dessas plantas (cap. 2) e realizar um levantamento etnobotânico das plantas utilizadas nesses processos, descritas no cap. 3. Para esse levantamento foram conduzidos dois diferentes roteiros em forma de questionários abertos. O questionário 1 foi direcionado às/aos especialistas (pessoas que detêm um maior conhecimento sobre a utilização das plantas) e o questionário 2 foi destinado à população do povoado, totalizando 107 entrevistas realizadas (sete com especialistas e 100 com a população). A partir do levantamento etnobotânico foram identificadas um total 123 plantas, as quais tiveram sua identificação local e taxonômica, a descrição de suas partes utilizadas (raiz, rizoma, bulbo, cascas, folhas, flores, frutos, etc.), as formas de uso (chá, lambedor, emplastro, sumo, banho, etc.) e suas indicações (dor de barriga, gripe, pressão alta, mau-olhado, etc.), onde foi possível identificar redundância utilitária a respeito dos males tratados, o que reflete na escolha das plantas utilizadas (tab. 5). Esse conhecimento possui uma transmissão bastante conservativa, onde a mãe (forma vertical de transmissão de conhecimento), aparece como a maior responsável por esse processo.

Palavras-chave: Etnobotânica. Etnomedicina. Conhecimento Local.

ABSTRACT

The use of plants by human populations is as old as their own history and knowledge of the therapeutic properties of plants is one of the oldest medical practices of mankind, having orally one of its main means of transmission. The municipality of Porto de Pedras, is located in the microregion of the North Coast of the state of Alagoas, is formed by the administrative center and the rural zone composed by the villages of: Tatuamunha; Palmeira; Lages and Curtume. In the village of Lages the use of medicinal plants is a widespread practice among the population who seek in the local flora the means to treat their health problems, and there are particular situations in which the improvement is reached from consultations with healers and healers. Thus, the general objective of the research consisted in an ethnography about the relationship of the community of Lages with the environment through the use of botanical species in healing processes, in which it was possible to approach and describe how the knowledge transmission process occurs in this population on the use of these plants (Chapter 2) and carry out an ethnobotanical survey of the plants used in these processes, described in Chap. 3. For this survey two different scripts were conducted in the form of open questionnaires. Questionnaire 1 was directed to the specialists (people with a better knowledge about the use of plants) and questionnaire 2 was sent to the population of the village, totaling 107 interviews (seven with specialists and 100 with the population). From the ethnobotanical survey were identified a total of 123 plants, which had their local and taxonomic identification, the description of their parts used (root, rhizome, bulb, bark, leaves, flowers, fruits, etc.), the forms of use (tea, licker, plaster, juice, bath, etc.) and its indications (belly pain, flu, high blood pressure, bad eyesight, etc.), where it was possible to identify utilitarian redundancy regarding the evils treated, in the choice of plants used (Table 5). This knowledge has a rather conservative transmission, where the mother (vertical form of knowledge transmission), appears as the major responsible for this process.

Keywords: Ethnobotany. Ethnomedicine. Local Knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização do município de Porto de Pedras - AL. _____	4
Figura 2. Localização dos povoados e do centro administrativo, Porto de Pedras - AL. _____	5
Figura 3. Vista aérea do povoado de Lages. _____	7
Figura 4. Unidade básica de saúde Valdomero Antônio da Costa. _____	7
Figura 5. Croqui da divisão do povoado para aplicação dos questionários. _____	11
Figura 6. Prensas com as plantas coletadas. _____	16
Figura 7. Material botânico doado. _____	18
Figura 8. Primeira parte do material fértil estragado. _____	19
Figura 9. Segunda parte do material fértil perdido. _____	19
Figura 10. Lamedor preparado no fogão a lenha de Dona Lurdes _____	36
Figura 11. Relação entre faixa etária da população e o quantitativo de uma até quatro plantas citadas. _____	260
Figura 12. Relação entre faixa etária da população e o quantitativo de cinco até 10 plantas citadas _____	260
Figura 13. Relação entre faixa etária da população e o quantitativo de 11 até 15 plants citadas _____	261
Figura 14. Relação entre faixa etária da população e o quantitativo de 16 até 20 plantas citadas _____	261
Figura 15. Relação entre faixa etária da população e o quantitativo de mais de 20 plantas citadas _____	262
Figura 16. Distribuição das faixas etárias da população entre os quantitativos das plantas citadas. _____	262
Figura 17. Relação entre idade das/os conhecedoras/es e quantidade de plantas citadas _____	263
Figura 18. Tempo de residência (população) no povoado de Lages, Porto de Pedras – AL. _____	264

Figura 19. Tempo de residência (conhecedoras/es) no povoado de Lages, Porto de Pedras – AL. _____	265
Figura 20. Relação do número de mulheres e homens da população participantes da pesquisa. _____	266
Figura 21. Relação entre o número de mulheres e homens (conhecedoras/es), participantes da pesquisa _____	266
Figura 22. Escolaridade entre a população do povoado de Lages, Porto de Pedras-AL. _____	267
Figura 23. Escolaridade entre as/os conhecedoras/es do povoado de Lages, Porto de Pedras – AL. _____	268
Figura 24. Ocupação entre a população do povoado de Lages, Porto de Pedras – AL. _____	269
Figura 25. Ocupação entre as/os conhecedoras/es do povoado de Lages, Porto de Pedras – AL. _____	270
Figura 26. Responsáveis pela transmissão do conhecimento entre a população do povoado de Lages, Porto de Pedras – AL. _____	272
Figura 27. Responsáveis pela transmissão do conhecimento entre as/os conhecedoras/es do povoado de Lages, Porto de Pedras – AL. _____	273

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Identificação das espécies utilizadas no povoado de Lages _ _ _ _ _ 40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Plantas utilizadas pela benzedeira e pelo curador. _____	255
Quadro 2. Formas de transmissão do conhecimento. _____	273
Quadro 3. Plantas mais citadas entre especialistas e população. _____	276
Quadro 4. Relação entre as plantas e suas indicações. _____	276
Quadro 5. Comparativo das plantas utilizadas pela benzedeira e pelo curador e as apontadas pela população na cura. _____	278

SUMÁRIO

1. POR QUE ISSO MENINO?!	1
2. SE NAS PEDRAS A SEMENTE NÃO GERMINAR, ENTÃO (A)TIREMOS AS PEDRAS!	3
2.1. Oxi, que história é essa menino?!	3
2.1.1. O povoado de Lages... A Lages, para as/os íntimas/os!	6
3. Ô DE CASA!... Ô DE FORA!	9
3.1. Pra que tanto papel?!	9
3.2. Quem é esse povo?!	13
3.2.1. Conhecedoras e Conhecedores	14
3.2.1.1. Benzedeadas e curadores.	14
3.3 Pra que isso mesmo?!	15
3.3.1. Vai tirar retrato, é!?	16
3.3.1.1. Espia quanto mato!	17
4. DOS MALES DO CORPO E DA ALMA À CURA ATRAVÉS DAS PLANTAS.	20
4.1. Dos males o menor.	21
4.1.1. A escolhida foi você!	24
4.1. 2. E ando sobre a terra, e vivo sob o sol, e as... e as minhas raízes.	28
5. QUEM CONTA UM CONTO NEM SEMPRE AUMENTA UM PONTO!	32
5.1. Até aqui me ajudou a Tata...	32
5.2. A Sabedoria do passado, no presente e para o futuro. (Especialistas)	33

5.3. Olha o povo das Lages! (População) _____	37
6. TE MOSTRO O QUE VI E TE DIGO O QUE ME CONTARAM! _____	44
6.1. Essa planta é boa para!... (Catálogo A) _____	45
6.1.1. Essa eu não conheço! (Catálogo A: plantas sem identificação) _____	125
6.2. Te benzo, te curo! (Catálogo B) _____	130
6.3. Eu uso para!... (Catálogo C) _____	138
6.3.1. Essa eu nunca ví! (Catálogo C: plantas sem identificação) _____	245
6.4. Benze com essa aqui! (Catálogo D) _____	246
7. QUE CONVERSA DESSE MENINO! (Discussão) _____	254
7.1. Tempos distintos unidos pela cura. _____	254
7.2. O Conhecimento de ontem, de hoje e de amanhã. _____	259
7.2.1. Seguindo as pistas escondidas, mas não perdida. _____	259
7.2.2. Ensinando o que se aprende: como aprendemos o que ensinamos? _____	270
7.3. O que as plantas têm a nos dizer e o que temos a dizer sobre as plantas?! _____	275
7.3.1. Esse mato serve pra quê? _____	275
8. FIM POR FIM, FEITO POR MIM! (Conclusão) _____	280
9. LÁ, CÁ, AQUI E ACOLÁ! (Referências) _____	282
APÊNDICES _____	288
ANEXOS _____	295

1. POR QUE ISSO MENINO?!

Quando criança ao apresentar algum problema de saúde, minha avó utilizava seu conhecimento das mais diversas plantas para sanar as doenças que me acometiam. Porém para alguns males procurávamos auxílio de pessoas que tinham uma outra percepção sobre corpo, saúde e doença. Assim, mediante sessões com benzedeiros/os a cura era alcançada. Essa prática de cura no povoado de Lages diminuiu ao longo dos anos, porém ainda existe e resiste.

É certo que as observações das mudanças apresentadas pelas plantas durante a sazonalidade tenha deslumbrado os primeiros grupos humanos ao ponto de perceberem a “sabedoria” dos vegetais ao antecipar as estações do ano, assim como uma força admirável em ressurgir após as vicissitudes climáticas. Dessa admiração deve ter-se criado um respeito místico, que certamente contribuiu para o uso ritual das plantas nos primeiros períodos (LORENZI e MATOS, 2002a, p. 13-14). A utilização de plantas para fins medicinais no tratamento, cura e prevenção de doenças é apontada por Merlin (2003) como uma das mais antigas práticas da medicina humana.

O vasto conhecimento sobre o poder de cura das plantas teve na oralidade uma de suas principais fonte de difusão. Pois a transmissão oral é, segundo Di Stasi (1996), “a principal forma de perpetuação do conhecimento, principalmente em comunidades tradicionais”.

Muitas pessoas buscam na medicina popular meios de sanar seus males através dos saberes das pessoas mais velhas, que lhes indicam alguma planta para seu tratamento. Essas pessoas, tanto podem ser da própria família, quanto pessoas amigas, vizinhas/os, etc. Há ainda quem busca auxílio com as benzedeiros e/ou curadores para tratarem da saúde, que fazendo o uso de plantas e orações afastam os males da/o enferma/o.

Dessa forma, com esse trabalho investiguei o riquíssimo conhecimento das/os moradoras/es do povoado de Lages sobre as plantas utilizadas e difundidas nessa população. Assim, o objetivo geral da pesquisa consistiu em uma etnografia sobre a relação da comunidade de Lages com o meio ambiente através da utilização de espécies botânicas em processos de cura. Através dessa conduta foi possível abordar e descrever como ocorre nessa população o processo de

transmissão do conhecimento sobre a utilização dessas plantas (**capítulo 2**) e realizar um levantamento etnobotânico das plantas utilizadas nesses processos, o qual constitui o **capítulo 3** deste trabalho.

2. SE NAS PEDRAS A SEMENTE NÃO GERMINAR, ENTÃO (A)TIREMOS AS PEDRAS!

Reza a lenda que em Porto de Pedras há uma maldição,
 que só a Deus e a virgem Maria há de vir a solução.
 Uma serpente que dorme com a cauda em Porto Calvo,
 e que em Porto de Pedras
 debaixo do pé,
 Oh Piedade!
 A cabeça está.
 E se um dia a serpente de seu sono acordar
 será o fim dessa cidade a beira mar!
 A SERPENTE E A SANTA¹,
 LIMA, L.S. 2018.

2.1. Oxi, que história é essa menino?!

Localizado entre o mar e uma encosta de pedras, o município que hoje é conhecido por Porto de Pedras, teve anteriormente os nomes de Porto Real e Águas Belas. Durante a guerra, invasão e domínio, até a expulsão, os moradores de Porto de Pedras participaram do movimento contra os holandeses.

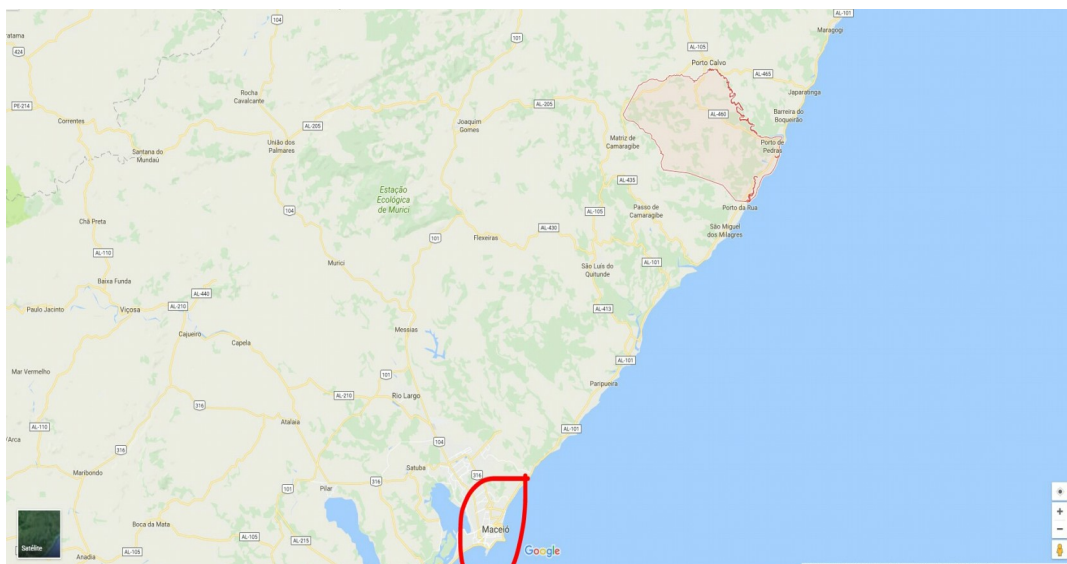
Em 05 de dezembro de 1815, por um alvará régio, o povoado foi elevado à categoria de vila, desmembrando-se de Porto Calvo. Em 1864, houve a supressão da vila e a anexação a Passo de Camaragibe. No ano de 1868 foi restaurada novamente como vila, e só então em 1921, através da Lei 903, transformou-se em município, tendo como data de sua emancipação política o dia 09 de Junho .

Localizado na microrregião do Litoral Norte do estado de Alagoas, está há aproximadamente 100 km da capital Maceió (fig. 1). Sua área é de 257,396 km². Possui clima tropical litorâneo úmido e vegetação típica de Mata Atlântica.

Porto de Pedras atrai por suas belezas naturais. Um ponto de encontro é a travessia do rio Manguaba de barco ou balsa para Japaratinga, com uma paisagem rica em manguezais e coqueirais (IBGE, 2017).

Figura 1: localização do município de Porto de Pedras em Relação à Maceió. Fonte: Google Maps.

1 Poema retirado da lenda da serpente adormecida de Porto de Pedras.



Na zona urbana - centro administrativo do município; encontram-se a prefeitura e a câmara municipal de vereadores; o posto de saúde central de pronto atendimento e especialidades; a Secretaria Municipal de Saúde; a igreja matriz; farmácias; agência bancária e dos correios; um complexo educacional (ensino fundamental 1 e 2) e uma escola da rede estadual (ensino médio). A zona rural é composta pelo povoado de Tatuamunha (ponto vermelho, fig.2), na qual encontra-se a foz do rio de mesmo nome e a base do ICMBio - Costa dos Corais; em seguida o povoado Palmeira (ponto amarelo, fig. 2), o povoado de Lages (ponto verde, fig. 2) e o povoado Curtume (ponto lilás, fig.2), o mais próximo do centro administrativo (ponto azul, fig. 2), além de sítios e fazendas que o compõem.

Figura 2: localização dos povoados e do centro administrativo, Porto de Pedras - AL. Fonte: Google Earth.



Dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2017), mostram que a população de Porto de Pedras, de acordo com o censo de 2010, era de 8.429 habitantes, sendo que a estimativa para o ano de 2017 foi em torno de 7.965 pessoas. Dessas, 8,9% encontravam-se empregadas no ano de 2015. Seu Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, que para o ano de 2010, estava em torno de 0,541 deixando-o em 69º lugar no Estado e sua taxa de mortalidade infantil, que no ano de 2014 atingiu o índice de 7,81 óbitos por mil nascidos.

A assistência em saúde da população é realizada através de quatro unidades básicas de saúde localizadas nos povoados de Tatuamunha - Unidade Básica de Saúde José Ferreira de Macedo; de Lages - Unidade Básica de Saúde Valdomero Antonio da Costa; do Curtume - Unidade Básica de Saúde do Curtume e da fazenda Canavieiras - Unidade Básica de Saúde Canavieiras, que segundo documento fornecido pela secretaria de saúde do município (ANEXO B), atende aproximadamente 350 pessoas por mês, em diferentes especialidades. E o posto de saúde central de pronto atendimento e especialidades.

A falta e a precarização no atendimento, que muitas vezes não satisfazem as pessoas que o procuram, pode ser um fator que nos indique a importância das plantas nos processos de cura dessas pessoas, pois muitas vezes são esses os recursos mais prático, barato e eficaz no tratamento dessa população.

2.1.1. O povoado de Lages... A Lages, para as/os íntimas/os!

Cambindas nasceu na Lage,
na Lage ela se criou,
na Lage arranhou madrinha,
na Lage se batizou,
na Lage arranhou madrinha,
na Lage se batizou!
AS CAMBINDAS de SÃO JOSÉ

A Lages, como é mais conhecido, localiza-se entre os povoados de Palmeira e Curtume a aproximadamente 5 km do centro administrativo do município (fig. 2). Sua população concentra-se às margens da estrada AL- 101- Norte, entre o manguezal e o Oceano Atlântico (fig. 3), porém há vários sítios e fazendas que o compõe. Há duas escolas municipais uma de ensino infantil e uma de ensino fundamental 1, mercadinhos e peixarias, a capela de São José localizada na pracinha, onde encontra-se a televisão pública. Aqui a principal forma de diversão é o sossegado banho de mar.

Dados do DATASUS (2015), apontam que em 2015 a população de Lages era de 1.597 habitantes, distribuídas/os em 441 famílias (ANEXO C), cadastradas na Unidade Básica de Saúde Valdomero Antônio da Costa (Fig. 4). Essas famílias muitas vezes não conseguem atendimento, pois a falta de médicas/os é um problema recorrente no povoado, o que leva ao deslocamento para algum povoado vizinho ou ao centro administrativo do município a fim de serem atendidas/os pelo Programa de Saúde à Família - PSF.



Figura 4: Unidade de Saúde do povoado de Lages.



Em todo o município é notado um processo de reconhecimento e pertencimento aos povoados, sítios e fazendas ao qual as/os moradoras/es habitam. Como exemplo, ao chegar no povoado de Lages e perguntar a alguém se ali é Porto de Pedras a resposta será unânime: “Não, aqui é Lages!.. Porto de Pedras fica a 5 km daqui!”

Mesmo tendo clareza que seu povoado pertence ao município de Porto de Pedras a população se reconhece enquanto povoado, ou melhor, como

'comunidade'. Assim temos a **comunidade de Lages**. Esse reconhecimento deve estar entrelaçado com o surgimento do povoado, uma vez que o local era um grande coqueiral e que passou a ser habitado após o deslocamento de famílias que moravam em uma pequena vila na praia do Patacho (Curtume), que com o avanço do mar tiveram que se mudar para outras localidades.

É notória a identidade própria que as pessoas que pertencem a essas comunidades possuem e que mesmo pertencendo ao mesmo município e estarem muito próximas geograficamente, todas possuem características distintas, uma vez que a territorialidade funciona como fator de identificação, defesa e força. As territorialidades específicas podem ser consideradas como resultantes de diferentes processos sociais de territorialização e como delimitando dinamicamente terras de pertencimento coletivo que convergem para um território (ALMEIDA, 2008, p. 29).

3. Ô DE CASA!... Ô DE FORA!

Agora que apresentei onde cresci, vou-lhes dizer como visitei as pessoas que contribuíram com este trabalho, compartilhando seus conhecimentos sobre a flora e a cura com um conhecido, que em alguns momentos causou estranhamento pelas mudanças ocorridas desde minha ida a Maceió até o momento da realização da pesquisa!

Em respeito às mulheres (trans e cis) pelas suas lutas diárias dentro de uma sociedade machista, tomei a liberdade de utilizar na escrita desta etnografia pronomes, artigos, substantivos, etc... Femininos, seguido por sufixos masculinos; ex.: ao invés de utilizar apenas a palavra **agricultores** ao referir-se às pessoas de ambos os gêneros que trabalham na agricultura, escreverei dessa forma: **agricultoras/es**. Caso a leitura se torne um pouco massante por conta das pausas encontradas nestas palavras, aconselho a escolherem um dos pronomes (femininos ou masculinos) no decorrer da leitura, mas lembrem-se que nesses casos as palavras relacionam-se com ambos os gêneros.

Para prosseguirmos, é preciso entender como foi pensado, organizado e aplicado os questionários que guiaram este trabalho, também conhecerão a quem foi direcionado, e dedicado, este estudo.

3.1. Pra que tanto papel?!

Inicialmente quando pensei em realizar esse trabalho, não tinha conhecimento das técnicas de pesquisa e coleta de dados que poderiam ser aplicadas na elaboração deste trabalho: entrevistas qualitativas e quantitativas, observação participante, etc. Porém minha primeira preocupação se deu pelo fato de minha proximidade com as pessoas do local, uma vez que sou natural do povoado ao qual fiz a pesquisa; assim, minha relação com as/os interlocutoras/es não seria apenas de “pesquisador” interagindo com “pesquisadas/os”, mas sim, de membro da comunidade com membros da comunidade.

Dessa forma pensei em como esse contato ocorreria, de como nossas relações pudessem influenciar em nosso diálogo e também me preocupou o fato de que, ao fazer parte do local, os conhecimentos prévios que tenho pudessem, de alguma forma, influenciar no andamento do trabalho de campo, principalmente na

escolha das/os interlocutoras/es. Esse processo se esclareceu a medida em que houve uma melhor compreensão de minha ação, enquanto pesquisador e membro da comunidade, e do entendimento sobre o que consiste o “trabalho de campo”.

Haguette (2007) enfatiza que:

Trabalho de campo passou a incluir não somente a observação participante como a entrevista, a história de vida e, às vezes, todo o processo metodológico de um estudo empírico. (HAGUETTE, 2007, p.68).

Nesse processo de autoconhecimento enquanto pesquisador e membro da comunidade, utilizei a definição da observação participante de Cicourel (1969) *apud* Haguette (2007, p. 71) que explica:

A observação participante como um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados, e, em participando com eles em seu ambiente natural de vida, coleta de dados. Logo, o observador é parte do contexto sendo observado no qual ele ao mesmo tempo modifica e é modificado por esse contexto. O papel do observador participante pode ser tanto formal como informal, encoberto ou revelado, o observador pode dispensar muito ou pouco tempo na situação da pesquisa; o papel do observador participante pode ser uma parte integrante da estrutura social, ou ser simplesmente periférica com relação a ela. (CICOUREL, 1969.).

Pude, portanto, perceber que uma abordagem observante participante com entrevistas elucidaria esse dilema.

Seguindo o que Haguette (2007) explica:

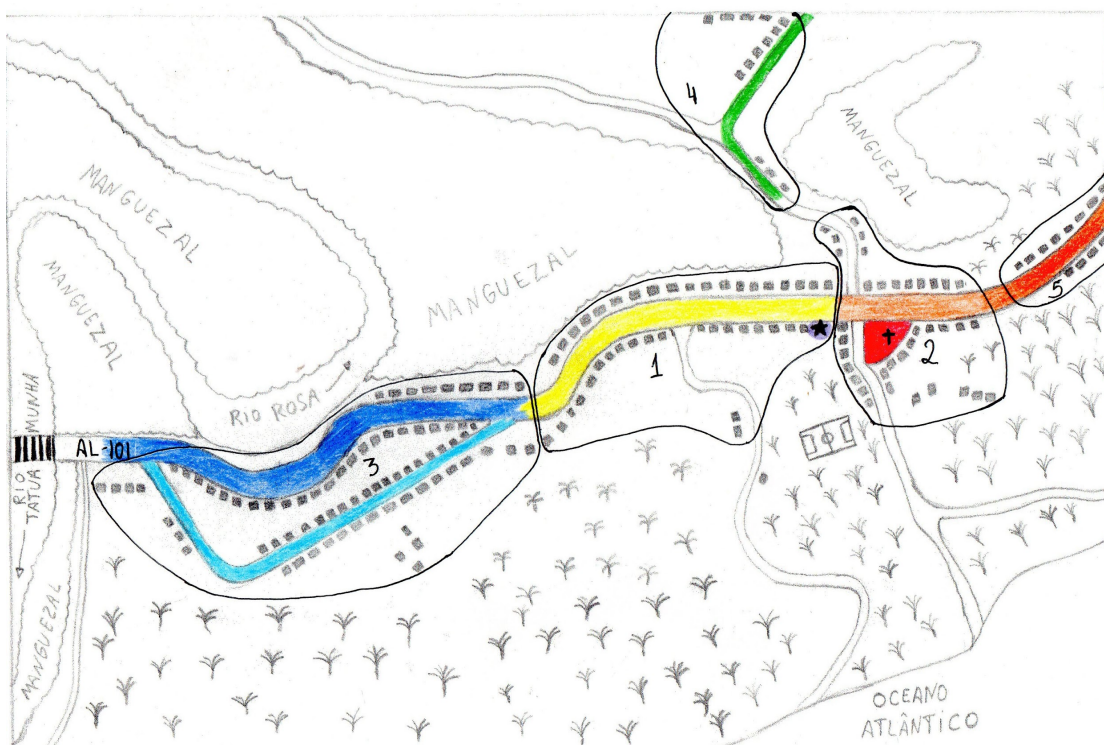
A entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um roteiro de entrevista constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida (HAGUETTE, 2007, p.86).

Assim, foram conduzidos dois diferentes roteiros, em forma de questionários fechados (APÊNDICES B e C), visando orientar a pesquisa de campo. Para viabilizar a confirmação de informações decorrentes das aplicações do questionário 1, quando permitido pelas/os voluntárias/os, foram feitas gravações em áudio das entrevistas. No entanto, para a utilização desses depoimentos na escrita do trabalho, as/os interlocutoras/es tiveram seus nomes ocultados.

Para facilitar a aplicação dos questionários, optei por dividir o povoado em

cinco áreas (fig. 5): a 1ª área, em amarelo, representa a Rua 09 de Junho e a rua da praia; a 2ª área, em laranja claro, é composta pela Praça Nicolau Paes Sarmiento (em vermelho) e o sítio Lages; a 3ª área é composta pela Rua Bernardino Araújo Cunha, em azul escuro, mais conhecida como rua de baixo, e pela Rua Prof.ª Filomena Verçosa Reis, em azul claro, rua de dentro como a chamamos. A 4ª área, em verde, compreende a rua da ponte e a Rua do Goití e a 5ª área, em laranja escuro, compreende a Rua João Vicente Damasceno, ou rua da barguilha. A estrela e a cruz representam, respectivamente a unidade de saúde e a capela (fig. 5).

Figura 5: Croqui da divisão do povoado para aplicação dos questionários, a estrela e a cruz representam respectivamente a unidade de saúde e a capela de São José .



Para cada área foram destinados 20 questionários do tipo 2, onde para cada lado da rua foram destinados dez roteiros. As visitas se deram na proporção de uma para uma, ou seja, para cada casa visitada a próxima foi pulada, seguindo-se adiante.

No caso do questionário 1, as visitas foram diretas, uma vez que as/os especialistas foram indicações da população. Houve duas conhecedoras na 1ª área; uma conhecedora na 2ª área; uma benzedeira na 3ª área e na 4ª área houve uma conhecedora, um conhecedor e um curador .

As entrevistas foram realizadas através do contato estabelecido com as/os interlocutoras/es, de forma voluntária, com a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A) e só após a assinatura da/o voluntárias/os deu-se início as perguntas.

Quando necessário fez-se uso de uma almofada de carimbo para que algumas/alguns voluntárias/os, que não sabiam assinar o seu nome, assinalasse com a impressão digital, garantindo assim a legitimidade de seu consentimento.

Mesmo havendo um questionário como guia, as perguntas foram feitas de forma conversativa e livre, deixando as/os interlocutoras/es a vontade para respondê-las.

A pesquisa ocorreu após o parecer positivo do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas (CEP – UFAL) com nº CAEE: 55395016.8.0000.5013 (ANEXO A).

As entrevistas foram realizadas nos dias 10 e 11 de setembro e 26, 27 e 28 de dezembro de 2016. Uma vez com os materiais de pesquisa em mãos (questionários, prancha, caneta, câmera e gravador), foram feitas visitas às casas, quando não se encontravam moradoras/es seguia-se para a próxima. Muitas/os das/os interlocutoras/es encontravam-se em casa realizando seus serviços diários, outras/os estavam descansando ao fim de suas tarefas, uma vez que as visitas foram realizadas em diferentes horários do período da manhã e da tarde.

Mesmo as pessoas que encontravam-se atarefadas terem sido informadas que eu retornaria em uma outra ocasião, decidiram participar da pesquisa naquele momento e uma vez que as perguntas eram colocadas em meio á uma conversa as respostas também eram dadas em uma conversa, não atrapalhando, tanto, a

execução das tarefas. Dessa forma houve conversas que duraram poucos minutos e outras que se estenderam mais do que eu imaginei, porém uma boa conversa, seja curta ou demorada, podem nos trazer boas lembranças e grandes aprendizados.

3.2. Quem é esse povo?!

Quando me vi decidido a realizar essa pesquisa, uma das questões que me veio foi: “quem são as/os protagonistas dessa história?” A resposta sempre foi óbvia, porém demorei um pouco para perceber que antes de nomeações ou definições, cada pessoa que reside na comunidade de Lages é a protagonista de sua própria história.

Porém, para organizar uma linha de raciocínio, entendo que a conduta da pesquisa agrupou pessoas em diferentes grupos, aquelas que são especialistas, sendo definidas/os como “Especialistas de ervas” e as demais que são usuárias enquanto “População”.

O questionário 1 (APÊNDICE B) foi destinado às/aos especialistas de ervas: conhecedoras/es e benzedeiras e curandeiros. O termo “especialistas de ervas” foi definido por Loyola (1984) como:

Àqueles que cultivam e ou colhem em matas as plantas que usarão para a produção de produtos como garrafadas e “pó tratado” ou ainda que os comercializarão in natura como também realizam consultas, fazem diagnósticos e prescrevem tratamentos (LOYOLA, 1984, p.40).

Neste trabalho, o termo “especialistas de ervas” caracteriza as pessoas que detêm grande conhecimento sobre a cura através das plantas e que são procuradas/os pela população. Esse grupo de interlocutoras/es foi identificado e reconhecido pela própria população, vale ressaltar que como membro da comunidade também reconheço esse grupo, o que facilitou o contato com essas pessoas e a realização das entrevistas. As/os “especialistas de ervas”, foram divididas/os em conhecedoras/es e benzedeiras e curandeiros.

3.2.1. Conhecedoras e Conhecedores.

Algo bastante recorrente em minha infância e adolescência foi presenciar vizinhas/os; amigas/os da família e, de certa forma, pessoas desconhecidas a procura de minha avó a fim de que ela lhes indicassem alguma(s) planta(s) para o tratamento de problemas de saúde. De fato, minha avó é uma grande conhecedora de plantas medicinais, isso me é confirmado não só por ela ser procurada, mas também pelas diferentes plantas que usei e uso que por ela foram indicadas.

Ressalto ainda que minha avó também é a uma das responsáveis pela inspiração deste trabalho, pois foi a experiência de vida que tive com ela que despertou a paixão que tenho pelas plantas, principalmente pelas que curam.

Outras pessoas no povoado também possuem esse conhecimento no uso das plantas que as destacam na comunidade, tendo em comum uma grande experiência e conhecimento que foram adquiridos ao longo dos anos.

Assim, atribuo o termo “conhecedor/conhecedora” às pessoas que detêm um maior conhecimento sobre as plantas e que são procuradas pela população para que sejam indicadas no tratamento de seus males. Não estou negando com isso o conhecimento que a população geral tem referente às plantas e seus usos. Pois, bem provavelmente, todas as pessoas conhecem alguma espécie vegetal que seja utilizada para aliviar algum sintoma, prevenir ou tratar alguma doença (DI STASI, 2007, p. 13).

3.2.1.1. Benzedeiras e curadores.

Sono, cansaço constante e desânimo eram alguns dos sintomas que me levavam a procurar ajuda de algum(a) especialista, que através de uma diferente percepção de saúde e doença e conseqüentemente de cura, proporcionaram minha melhora. O mau olhado (cujos sintomas citei acima) era a principal causa da procura por benzedeadas/ curadores, porém não eram as únicas: dor de dente e de barriga, espinhela caída, peito aberto, etc. são males resolvidos graças ao uso de plantas e orações. Posso afirmar que tanto as plantas quanto as “rezas” (como a população também chama o processo de “benzeção”) surtiram efeitos positivos em minha

melhora, como também para as outras pessoas que as/os procuram.

Farias (2011) e outras/os pesquisadoras/es apontadas/os por Araújo apud Loyola (1984) distinguem de forma hierárquica as/os curadeiras/os de rezadoras/es ou benzederas/ores, no entanto essa hierarquia não ocorre no povoado de Lages, uma vez que curadeiras/os – curandeiras/os, rezadoras/es e benzederas/ores são sinônimos.

3.3 Pra que isso mesmo?!

Seguindo as indicações das/os interlocutoras/es as plantas citadas foram fotografadas, para a elaboração do catálogo que compõe o capítulo 3 deste trabalho, como também foram coletadas e prensadas para confecção de exsiccatas que seriam depositadas no herbário prof. Honório Monteiro, localizado no Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas, porém, infelizmente, houve a perda do material fértil coletado.

Para auxiliar na coleta foram utilizados um estilete, uma tesoura de serviços domésticos e um par de luvas. Após a coleta, as plantas foram postas em jornal e prensadas. Foram feitas duas prensas de madeira que eram presas com elástico extensor com gancho (fig. 6).

Figura 6: prensas com as plantas coletadas.



3.3.1. Vai tirar retrato, é!?

Seguindo a proposta utilizada por André Gustavo Alves Nunes (1998, p. 79) em sua tese etnográfica, onde os registros fotográficos foram importantes para fornecer uma descrição detalhada dos fenômenos estudados através de uma interação entre texto e imagens. Trago nesta etnografia as fotografias das plantas utilizadas em Lages, para uma melhor compreensão e entendimento sobre a relação dessas pessoas com os recursos botânicos utilizados em seus processos de cura.

Antes de iniciar a coleta, houve o registro fotográfico das plantas, tanto para a identificação taxonômica, quanto para a elaboração do catálogo (cap. 3). Inicialmente foi utilizada uma câmera digital da marca Sony Cyber-shot, modelo DSC-W510, com 12.1 megapixels, porém houve registros fotográficos realizados através de uma câmera de um smartphone da marca Samsung, modelo galaxy J5, com 13 megapixels.

Com exceção de *Allium ascalonicum* L.; *Cannabis sativa* L.; *Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum. & Nakai; *Luffa operculata* (L.) Cogn.; *Solanum gilo*

Raddi.; *Solanum melongena* L.; *Zingiber officinale* Roscoe e *Ziziphus joazeiro* Mart., as demais fotografias foram realizadas na comunidade de Lages.

Ressalta-se ainda que não houve registro de todas as plantas citadas nesse trabalho, pois algumas não se encontram no município ou seu acesso é muito restrito.

3.3.1.1. Espia quanto mato!

A maioria das plantas indicadas pela comunidade foram de fácil acesso por estarem localizadas em quintais e/ou ao redor de suas casas. Por ter um conhecimento prévio de algumas dessas plantas, o registro fotográfico e a coleta foram facilitados ainda mais. Porém, para as plantas desconhecidas, foi preciso recorrer à pessoa que a citou para que pudesse me levar até o local de sua ocorrência. Em outras ocasiões, devido ao fato de as plantas indicadas terem seu acesso mais restrito (encontradas na mata), precisei da ajuda de um mateiro para encontrá-las.

Ao encontrar a planta, a mesma foi fotografada e tinham anotados: seu nome popular, algumas características, local onde foi encontrada e data. Após esse processo o material era coletado e então prensado. Houve a coleta e prensa de materiais tanto férteis quanto estéreis. Mota et al. (2014) aponta que:

Uma coleta botânica satisfatória para identificação deve preferencialmente consistir de material em estágio reprodutivo, ou seja, ramos vegetativos (incluindo caule, folhas) e férteis (inflorescências e flores e/ou infrutescências e frutos) na mesma amostra. No caso da ausência de estruturas reprodutivas, coletas de materiais estéreis podem ser úteis para identificação, apenas com a ressalva de que não podem ser tombados em coleções científicas (MOTA et al. 2014, p. 11).

No total, foram coletadas e prensadas 105 plantas, que através de bibliografia específica e dos sites Reflora e Trópicos² foram identificadas a fim de serem tombadas na coleção científica do herbário prof. Honório Monteiro, sendo que, os materiais em estágio vegetativo foram doados para o laboratório de [2 http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/PrincipalUC/PrincipalUC.do](http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/PrincipalUC/PrincipalUC.do) e <http://www.tropicos.org/>

anatomia e morfologia vegetal do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde - Universidade Federal de Alagoas, Campus A.C. Simões, Maceió – após sua identificação (fig. 7).

Figura 7: material botânico doado.



Os demais materiais foram perdidos ao longo da realização deste trabalho por avarias decorrentes de fungos e pequenos artrópodes (fig. 8 e 9). Infelizmente não houve a possibilidade de realizar uma nova coleta.

Figura 8: primeira parte do material fértil estragado.



Figura 9: segunda parte do material fértil estragado.



4. DOS MALES DO CORPO E DA ALMA À CURA ATRAVÉS DAS PLANTAS.

O fomento pela (re)construção de práticas e conceitos em relação ao que se entende por saúde e doença vem transformando a forma de “pensar a ação”, priorizando as ações complementares, ou seja, a inserção do conhecimento popular na ciência e vice-versa (ALMEIDA,2000, p. 117).

Algo comum que sempre ouvi, ao se tratar da relação saúde e doença, principalmente no âmbito familiar, e que até a realização dessa pesquisa me

causava um pouco de estranheza, porém compreensão, era: “como queria de volta minha saúde para poder trabalhar!” (minha avó); “a gente vai bonzinha para o médico e saí de lá doente!” (minha mãe), ou ainda: “tal médico não sabe nada, não me curou!” (minha avó).

A segunda fala se conecta com a primeira trazendo a idéia de que uma ida ao médico, seja rotineira ou mesmo por apresentar algum sintoma, poderá levar à/ao paciente a descoberta de males que até então não limitavam suas atividades cotidianas, e assim não eram percebidos pela/o mesma/o como doença.

O antropólogo Farias (2011), aponta que:

Para além de sinais clínicos, às vezes os mesmos nem são notados ou manifestados, o entendimento de se estar doente é percebido através da não realização das atividades, o trabalho no caso dos adultos e ‘brincar’, no caso das crianças, esse último ainda soma-se também sinais como: choro intenso, está caidinho, não comer, etc. (FARIAS, 2011, p. 86-87).

Pode-se notar que o problema de saúde, por não limitar a/o paciente, é despercebido pela/o mesma/o, o que leva ao estranhamento quando lhe é diagnosticado algum problema de saúde, somando-se a isso experiências entre a/o paciente e sua percepção do que se diz estar doente, dos meios terapêuticos escolhidos pela/o mesma/o para sanar seus males e dos dizeres da medicina oficial, podem levar à ideia exposta na terceira fala.

Tão espetacular quanto às formas de se perceber as doenças são as maneiras desenvolvidas para se recuperar das mesmas. Então convido a todas e todos para conhecermos, ao longo desse Trabalho de Conclusão de Curso, o conhecimento desenvolvido pelas pessoas do povoado de Lages que, através das plantas, tratam os males que lhes acometem. Vamos entender como a medicina popular ainda é um grande meio terapêutico para as pessoas e como ela vem se perpetuando através das gerações.

4.1. Dos males o menor

A doença permeia todas as sociedades. Ela ofende, leva embora, conserta, reordena. Mas acima de tudo, a doença é tão criativa quanto suas próprias curas (MOTA, 2007, p. 162).

Ao longo da história da humanidade é notório o surgimento de epidemias e pandemias que disseminaram doenças até então desconhecidas para muitos.

No Brasil o medo generalizado, muitas vezes trajado de campanhas de “prevenção”, fortalece uma visão preconceituosa. De acordo com tal perspectiva, as pessoas mais pobres seriam as principais culpadas na disseminação de epidemias. Como exemplo, temos as campanhas de prevenção à dengue, zika e chikungunya. Nelas é afirmado (nas entrelinhas de cartazes e comerciais) que a causa da proliferação dos vetores dessas doenças (os mosquitos do gênero **Aedes**) é a não “conscientização” da população sobre o descarte de lixo em locais irregulares. No entanto, não são levados em consideração fatores importantes para a causa e manutenção de epidemias, como (i) a desigualdade social, (ii) a falta de saneamento e (iii) a precarização dos serviços públicos de educação, saúde e sanitários. Isso evidencia o fato de uma tendência crescente na sociedade em que vivemos de uma culpabilização e criminalização da pobreza, apontando as populações carentes como culpadas pelos males que as cometem. Acredito que, ao levarmos em consideração os fatores mencionados, podemos proporcionar uma visão mais completa e congruente.

Com o desenvolvimento de meios de transportes e conseqüentemente a facilidade de locomoção das pessoas, o contágio se facilita pela rapidez com que uma doença cruza oceanos, alastrando-se por vários continentes. Como exemplo, temos a primeira pandemia da gripe A (influenza A, subtipo H1N1) de 2009, que, segundo um estudo noticiado pelo site de notícias G1 (2012), vitimou 575,4 mil pessoas. Assim, caímos no erro de ver a doença como um mal maior a ser combatido de todas as formas e esquecemos que ela faz parte de nossa história, seja como seres sociais ou biológicos, a doença faz parte da vida.

Não nego em momento algum a importância de combater as moléstias que nos afligem, até porque essa monografia trata sobre como plantas podem ser utilizadas como meios de cura. Apenas coloco que ao invés de tentarmos perceber a nossa relação de ‘convivência’ com a doença, de modo que possamos buscar meios terapêuticos mais adequados dentro das possibilidades disponíveis, simplesmente a estigmatizamos ao ponto de se tornar, muitas vezes, um tabu, como nos casos do câncer e da AIDS.

Precisamos entender que a doença faz parte de nossa história, assim como as formas de combatê-las. Há evidências sobre as infecções virais e dos meios empregados para combatê-las desde os primeiros registros da humanidade, mesmo

sem o reconhecimento dos agentes patógenos (como vírus, bactérias e outros seres microscópicos) como causadores da mesma (FERREIRA et. al., 2013).

A ideia de 'doença' mais difundida na sociedade advém de uma concepção da medicina dita "oficial", na qual uma fonte hegemônica de conhecimento prescreve suas concepções (limitadas) de doença. Tais concepções são baseadas em causas anatomofisiológicas difundidas pelo discurso médico que ignora o sentido da doença pela sociedade e, portanto, sua explicação de ordem social (FARIAS, 2011. p. 85 idem).

Infelizmente vivemos as imposições de uma ciência autoritarista que ignora todo um complexo social no qual estamos inseridas/os. Nesse panorama, o que se entende por doença não abarca o fator social, que abrange a experiência e o conhecimento popular e excluindo fatores que são tratados no contexto da medicina popular não nos fornece respostas satisfatórias sobre a mesma. Araujo (2002, p. 39-40) traz um trecho do Projeto de Implantação da Fitoterapia na Rede Municipal de Saúde de Londrina, onde lemos que:

"[...] após alguns séculos de imposição da medicina de origem científica-baseadas no saber cartesiano- e de negação dos saberes populares começa-se a perceber que a racionalidade e objetividade científica não dão conta de explicar a totalidade de fatores envolvidos tanto no surgimento de patologias quanto na eficácia das terapias.

A autora destaca que não se pode relacionar a doença apenas com patologias e disfunções orgânicas, mas também com as relações entre as pessoas e as relações entre estas e o mundo divino (ARAÚJO, 2002, p. 95). Podemos complementar essa ideia com o apontamento de Farias (2011, p. 86), para o qual as diferentes explicações que as sociedades dão para a doença não são limitadas a sua causa, mas à busca de um sentido que explique a enfermidade do corpo e as circunstâncias desta em seu contexto social. Em geral, as sociedades, principalmente as tradicionais, classificam as doenças mediante sua origem física, social e sobrenatural, sendo necessário diferentes tipos de tratamentos (DI STASI, 2007, p. 58 idem). Dessa forma, para voltar ao seu estado de saúde, diversos grupos que compõem o meio social buscam formas terapêuticas que realmente lhes sejam eficazes no tratamento de seus males. Claro que um desses meios é o sistema de saúde biomédico, porém vale lembrar que a medicina oficial pode ser buscada tanto antes, quanto depois de um meio tradicional ou popular de cura, ou

seja, a partir de seu entendimento do mal que lhe acomete e da eficácia em seu tratamento a pessoa tem liberdade de escolher suas formas terapêuticas.

Csordas (2008) coloca que:

Uma compreensão da cura como um processo existencial requer a descrição dos processos de tratamento e especificação dos efeitos sociais e psicológicos concretos de práticas terapêuticas, bem como a determinação do que é considerado doença com necessidade de tratamento em contextos culturais específicos, é quando se pode dizer que a cura foi realizada (CSORDAS, 2008, p. 29).

Di Stasi (2007, p. 57-58) explana que diferentes formas de compreender as doenças são adotadas pelas comunidades e que; conseqüentemente, também adotam as formas mais adequadas de tratá-las.

Uma vez visto que a percepção de doença, e conseqüentemente da cura, como meio de se alcançar a saúde se aprofunda quando incluímos uma visão social, percebemos, que a maneira de se estabelecer a cura advém do meio que melhor convém à/ao paciente, dando-lhe assim uma autonomia sobre si mesma/o como, também, proporciona um alto entendimento de si e do outro. Como mostra Rabelo (1993):

A passagem da doença à saúde pode vir a corresponder a uma reorientação mais completa do comportamento do doente, na medida em que transforma a perspectiva pela qual este percebe seu mundo e relaciona-se com os outros (RABELO, 1993, p. 47).

Foster e Anderson (1978) *apud* Martins (2003, p. 157), fazem a distinção de doença de acordo com o que classificam de regimes médicos, nesses regimes as doenças podem ser caracterizadas como sistemas personalístico e sistema naturalístico. No primeiro sistema, as doenças são causadas por ações de agentes malévolos e/ou punitivos. Já no segundo sistema, as bases da doença estão nas propriedades do corpo e de aspectos do cosmos que interferem no equilíbrio do mesmo.

Podemos concluir que a “doença” está compreendida na sociedade bem além da visão biomédica, pois antes de ser entendida como um mal causado por um agente microscópico, ela pode vir acompanhada de vários outros significados, causas e efeitos dentro dos contextos socioculturais em que é vivenciada por indivíduos. Portanto as formas que as pessoas buscam a cura está fortemente associada ao que se entende e se vivencia como doença.

4.1.1. A escolhida foi você!

“O preconceito vem da ignorância, e o conhecimento é o principal tratamento
contra.”
(DI STASI, 2007, p. 12)

Admitindo-se que a Biomedicina não é a única capaz de curar, precisamos ter também uma compreensão que o sistema Biomédico é limitado em explicar as diversas formas de males presentes nos contextos tradicionais de compreensão e práticas médicas. Há explicações em outros sistemas médicos, como por exemplo, na medicina Chinesa, Ayurveda, no Xamanismo, Herbalismo, etc. No caso do contexto etnográfico investigado, há uma prática de medicina popular que mesmo estando presente nas vidas e difundidas entre várias esferas de grupos sociais, acaba sendo deslegitimada pelo sistema oficial de saúde e legitimada por aqueles/as que alcançaram curas através desse sistema médico tradicional. Elda Rizzo de Oliveira (1985) explica essas práticas tradicionais como “resistência política,” e define que “a medicina popular é um conjunto de formas de cura e de concepções de vida que se colocam como alternativas àquelas oferecidas pela ciência erudita” (OLIVEIRA, 1985, p. 9?). Assim, podemos constatar que essas práticas de medicina popular em Porto de Pedras são exemplos de resistência das/os praticantes, como exposto por Oliveira (1985) que nesses contextos:

Constitu[em]-se como uma entre várias medicinas, a medicina popular deve ser entendida na sua relação com as demais opções de cura oferecidas pela sociedade brasileira. Assim, se a medicina popular existe e resiste é porque os seus recursos de cura respondem aos interesses e necessidades de alguns setores da nossa população. Se eles não tivessem uma eficácia, já teriam sido sufocados pelas outras formas de cura realizada em nome da ciência e do saber legítimo (OLIVEIRA, 1985, p. 9-10).

Segundo Di Stasi (2007, p.48 *et alli* ????) podemos identificar três diferentes tipos de medicina: a oficial, que difere de acordo com o país; a tradicional, que se associa a grupos étnicos definidos e a medicina popular, que se constitui de uma mistura de influências culturais, contendo, às vezes, sua origem nas informações da medicina tradicional local. Tais categorizações possuem como critério de diferença concepções sobre o que é doença e, conseqüentemente, na definição e escolha do tratamento mais adequado.

Di Stasi (2007, p. 59) coloca que nem a medicina moderna, tampouco a medicina popular, têm respostas para todas as questões e o que realmente vale para a/o doente é a cura! E por mais que pareça contraditória com o que estou

defendendo, essa ideia expõe o que de fato importa para quem sofre de alguma enfermidade: curar-se, independentemente do meio procurado. Há a constatação de usos de sistemas médicos plurais, como registrado por Martins (2003) entre os índios Kariri-Xocó, quando eles utilizam o sistema Biomédico e o sistema nativo de conhecimento e prática de xamanismo.

Oliveira (1985) classifica a medicina erudita ou oficial como:

Uma prática social que não é gerada dentro da cultura popular, ela é a síntese, o resultado concreto da sistematização, da codificação científica de um determinado tipo de saber, produzido nas universidades. O conhecimento que sustenta este tipo de prática não existe difuso na cultura popular, está codificada em livros e o seu alcance é desigual na sociedade. É uma medicina que tem como objetivo principal a cura ou a supressão dos sintomas. Por isso esta prática é vista como curativa. É preocupada mais com a doença e menos com a saúde: ela não é capaz nem de prever, nem de planificar a saúde da nossa população (OLIVEIRA, 1985, p. 46-47).

A Medicina oficial (ou erudita), está presente em nosso cotidiano: nos postos de saúde, nos hospitais, nas farmácias, na TV, no seu bolso ou bolsa, no banheiro etc. Por ter em sua base os saberes da ciência moderna, tende a postular-se como um saber universal, assumindo-se como o único caminho confiável, secundarizando os demais saberes (LITTLE, 2010), cometendo assim um grande erro, pois como expõe Di Stasi (2007)

Decorrente ainda dos distintos princípios filosóficos que regem cada um desses sistemas, é muito difícil que um julgue o outro, mesmo assim, o que normalmente ocorre é que as práticas da medicina tradicional e popular não são reconhecidos pelos profissionais de saúde da medicina oficial, visto que esses profissionais consideram que não existem bases científicas para suportar essas práticas (DI STASI, 2007, p. 53-54).

É válido pontuar que o conhecimento científico que permitiu o desenvolvimento dos procedimentos de cura também foi baseado, de forma incontestável, nos conhecimentos populares ou de comunidades tradicionais isoladas (DI STASI, 2007, passim.). Assim, o reconhecimento dessas práticas de saúde são conferidas pelas inúmeras pessoas que delas se beneficiam.

Di Stasi (2007), define medicina tradicional como:

Uma medicina autêntica de determinado grupo étnico, como um corpo de conhecimentos que se forma ao longo de um enorme processo de entendimento do que é doença e de um imenso reconhecimento da natureza como fonte de recursos terapêuticos eficazes. A medicina tradicional normalmente não recebe absolutamente nenhuma influência de outras culturas, especialmente da cultura ocidental, e se estabelece como prática de uso de plantas medicinais em rituais de cura que visam a integrar o "homem" (grifo meu) e a divindade ou sua espiritualidade (DI STASI, 2007, p. 55).

Di Stasi (2007) ainda explica características do sistema médico tradicional como sendo:

...uma forma de tratamento dentro de um determinado contexto social, ambiental e cultural de uso, aquele que reconhece a doença e, conseqüentemente, o seu tratamento, de acordo com a compreensão e interpretação que fazem da natureza e do seu funcionamento. Essa compreensão do mundo e do funcionamento da natureza é compartilhada pelas pessoas que fazem parte desse grupo, sendo essa interpretação comum e justamente um dos elos mais fortes que caracterizam como uma comunidade coesa e íntegra (DI STASI, 2007, p. 57).

De acordo com Oliveira (1985, *passim*) e Di Stasi (2007, *passim*), a medicina popular pode ser compreendida como uma prática de cura barata, próxima e acessível que oferece respostas concretas aos problemas de doença, possibilitando uma relação pessoal e humana de cura. Aproxima e fortalece as relações sociais, pressupondo ajuda e solidariedade. É um tipo de conhecimento que se dissemina por toda a sociedade, passando de geração a geração e, na mesma geração, de pessoa para pessoa. Sendo uma ciência que não passa pela academia, a medicina popular nos mostra que não há um modo único de curar e de criar soluções para os problemas de saúde e aflições, ao contrário, que tão plural como os males que nos acometem são as formas de se alcançar a cura, sendo a medicina popular uma delas.

E tão plural é a medicina popular que não podemos cair no erro de cometer generalizações, pois a mesma é tão complexa quanto a sociedade. Segundo o que expõe Oliveira (1985):

No interior das diversas medicinas populares existem várias concepções de doenças e de profissionais de cura, bem como uma multiplicidade de práticas que espelham um mundo rico e complexo. Tais práticas são revestidas de inúmeras formas, apresentado uma gama de significados, isto é, são caracterizadas por uma heterogeneidade de recursos e usos. Possuindo lógicas internas, uma dinâmica que lhes é própria e sentidos distintos. (OLIVEIRA, 1985, p. 16-17)

Na medicina popular podemos encontrar “agentes” que se destacam por terem um conhecimento que as tornam procuradas e reconhecidas entre o grupo, comunidade, região, etc. Essas pessoas são tidas como “Especialistas”, cada qual possuindo conhecimentos distintos sobre a cura, seja na utilização de animais, plantas, minerais, etc. Loyola (1984, p.40) define de ‘especialista de ervas naturais’ ou ‘erveiras/os’ quem cultiva e/ou colhe em matas as plantas utilizadas na produção de produtos, como garrafadas, ou ainda que os comercializarão *in natura*, realizam consultas, fazem diagnósticos e prescrevem tratamentos. Kleinman (1980) *apud*

Farias (2008, p.38) indica que no setor popular, os conhecimentos adquiridos pelas/os especialistas advém de métodos diversos, podendo, inclusive, ser um dom natural. Di Stasi (2007, p.61-62) pondera que mesmo havendo na sociedade o reconhecimento de especialistas (benzedeiros, mateiros e outras/os reconhecidas/os como grandes conhecedoras/es das plantas medicinais), a medicina popular não é típica ou específica de um único grupo étnico.

Inúmeras vezes vivenciei a realização da cura através de consultas com benzedeiros/curandeiros do povoado de Lages, lembro que em minha infância poderíamos escolher a/o benzedeira/curador para realizar uma consulta, sendo que alguns possuíam conhecimento para o tratamento de doenças específicas, porém todas/os sanavam uma variedade de doenças com suas plantas e/ou orações. Amorim (2006) explica que:

Diante do doente o curandeiro tem uma oração para o mal de que está acometido o paciente. As rezas são benéficas por excelência e são importantes porque só com elas, ao ver de certo curandeiro, se tratam determinadas doenças (as produzidas pelo ar, espinhela caída, olhado) para as quais não servem garrafadas ou outros remédios (AMORIM, 2006, p. 17).

Ao fazer essa pequena explanação a respeito da medicina oficial, da medicina tradicional e da medicina popular, pretendo destacar que não há uma forma “correta” de se buscar a cura e que as nossas relações sociais e percepções a respeito da doença, frente à realidade à qual estamos inseridas/os, é que nos guiará a escolha do meio terapêutico que melhor responder às nossas necessidades e anseios.

4.1.2. E ando sobre a terra, e vivo sob o sol, e as... e as minhas raízes³

En el maravilloso y gran reino vegetal, las plantas medicinales han jugado un papel preponderante en el bienestar de los animales, del hombre y de las mismas plantas.
(HERNÁN, 2007, p. 9)

Crescer cercado pela natureza despertou em mim uma grande admiração pelo meio ambiente. Pois, se em um lado da rua o mar se faz imponente, onde nas madrugadas adentro o som das ondas arrebatando faz-se acreditar que estamos na própria praia; por o outro as plantas dominam a paisagem, seja no manguezal que circunda o rio em todo o seu trajeto, passando por todo o povoado de Lages até

³ Trecho da música “Árvore”, Edson Gomes, 1991.

encontrar o mar em Tatuamunha; ou ainda pelas matas (ou o que restou delas), ora planas, ora subindo e descendo junto com o relevo do local.

As diversas experiências que tive, cada qual com sua particularidade e significado, como por exemplo, brincar nos quintais, que na minha infância era visto unicamente como uma diversão, e às vezes para alguns adultos daqui uma perda de tempo, hoje me é percebido como um aprendizado que dali se desenvolveu, uma vez que as brincadeiras sempre foram cercadas de árvores, arbustos, ervas de variadas formas e tamanhos, plantas essas, muitas vezes colhidas por minha avó para tratar a mim ou a minha irmã e irmão.

Se esse trabalho monográfico hoje pode se concretizar, posso dizer que é graças às experiências que tive junto a uma das maiores especialistas que conheço: minha avó, que com uma sensibilidade em reconhecer os males e indicar as plantas para quem busca a cura, dessa forma, alcançar a cura me instigou a realizar essa pesquisa, contudo não posso deixar de citar a importância que as plantas tiveram na inspiração à qual guiaram a escrita dessas linhas, assim, peço licença para, humildemente, falar de minhas musas inspiradoras.

Segundo Sommer e Pires (2011, p. 217 et seq.), as plantas terrestres desenvolveram-se em um intervalo de tempo inferior a 500 milhões de anos. Sendo os produtores primários dominantes, fornecem a energia da qual todos os animais terrestres dependem, constituindo, atualmente, 90% da biomassa global. Stehmann e Sobral (2007, p. 3) indicam o registro de mais de 1 milhão de nomes e aproximadamente 350 milhões de espécies de plantas aceitas mundialmente, sendo as angiospermas o grupo que apresenta maior riqueza, incluindo 460 famílias e aproximadamente 260.000 espécies ou mais (OLIVEIRA e MUNE, 2011, p. 347) e que, segundo Raven (2007) compartilham das seguintes características exclusivas:

Flores, carpelos fechados, fertilização dupla levando a formação do endosperma, um microgametófito com três núcleos, um megagametófito com oito núcleos, estames com dois pares de sacos polínicos e a presença de tubos crivados e células companheiras no floema (RAVEN, 2007, p. 471).

Se hoje o conhecimento que temos a respeito das plantas fascina, imaginem a minha reação ao tentar entender como esse complexo conhecimento se desenvolveu, e mesmo que os dados anteriormente apresentados tenham sido produzidos através de pesquisas em universidades ou institutos de pesquisas, esse conhecimento é fruto de um longo processo no qual o ser humano, através da

observação, buscou nas plantas meios para garantir a sobrevivência de si e do grupo .

Almeida (2000) declara que:

A origem do conhecimento do homem sobre as virtudes das plantas confunde-se com a sua própria história. Certamente surgiu, à medida que tentava suprir suas necessidades básicas, através das casualidades, tentativas e observações, conjunto de fatores que constituem o empirismo (ALMEIDA, 2000, p. 21).

Tratando-se da utilização das plantas para fins terapêuticos, Merlin (2003) apresenta que:

O uso de plantas com fins medicinais, para tratamento, cura e prevenção de doenças, é uma das mais antigas formas de práticas da medicina humana. Inúmeras evidências arqueológicas indicam que as plantas medicinais já eram empregadas regularmente pelos povos pré-históricos (MERLIN, 2003, p. 135).

Camargo (1976, p. 4) aponta que, no Brasil, o uso de plantas para a cura têm influência indígena, africana e europeia. Em um levantamento realizado sobre as plantas medicinais da Costa Rica, Hernán (2007, p. 9) indica que “Ese acervo medicamentoso de las plantas tiene básicamente tres orígenes: el amplio bagaje que nos legaron los indígenas, la influencia española y el extraordinario impacto afrocaribeño.”, essas informações, mesmo sendo, a priori, “básicas”, nos dão uma evidência de possíveis similaridades no que diz respeito ao conhecimento e uso dos recursos vegetais, ao menos nesses casos apontados.

Mesmo tendo como base uma forte influência indígena e africana, Almeida (2000, p.28 et seq.) traz a preocupação a respeito do desaparecimento desse conhecimento, ocorrendo graças a “imposição de hábitos culturais importados de outros países, havendo um risco eminente de se perder essa importante memória cultural.”

Atualmente, é notória a difusão do uso terapêuticos das plantas, o mesmo pode ser encontrado, por exemplo, nas três medicinas já mencionadas, sendo que em cada caso as plantas assumirá determinado papel dentro da lógica de cura. Mas antes de prosseguirmos, um questionamento precisa ser feito: afinal, o que é planta medicinal?... <https://www.youtube.com/watch?v=JHnFsfx2pd0>

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2018), classifica plantas medicinais como: “aquelas capazes de aliviar ou curar enfermidades e têm tradição de uso como remédio em uma população ou comunidade.” Já Di Stasi (2007, p. 22) denomina de planta medicinal “qualquer espécie vegetal usada com a finalidade de

prevenir e tratar doenças ou de aliviar sintomas de uma doença.” Tendo sua eficácia comprovada por suas/seus usuárias/os.

Entre os dizeres da ciência acadêmica surge o receio sobre possíveis efeitos danosos do uso de plantas na medicina popular, baseado na ideia de que uma planta, para ser considerada medicinal, precisa ter sua eficácia “comprovada” laboratorialmente. Di Stasi (2007) argumenta que:

O que determina o efeito que pode ser observado é o contexto no qual a espécie é usada, seus esquemas de preparo e dosagem, *ante* um diagnóstico que geralmente não é realizado por nenhum profissional da área de saúde, mas decorrente de uma concepção de saúde e de doença dentro de determinada cultura, popular ou tradicional. Quando a planta é usada fora desse contexto e de seu sistema de concepção saúde-doença, ela pode produzir efeitos inesperados e indesejados, contudo, isso não é regra (DI STASI, 2007, p.24)

Almeida (2000, p. 32) ainda “reafirma a importância do entendimento dos conceitos de saúde, doença e ‘remédio’ da população abordada, pois tais conceitos são variáveis em cada cultura e, portanto, é necessário levar em consideração o contexto no qual uma determinada planta é considerada como medicamento”. Di Stasi (2007, p. 25) ainda declara que “pouco a pouco uma verdadeira farmacopéia popular de plantas vai se formando, novas plantas vão se incorporando com o tempo e algumas vão sendo substituídas por outras melhores, mais eficientes, ou ainda por outras que produzem menores efeitos maléficos”. Onde as plantas indicadas pelas/os informantes tanto podem ser utilizadas de uma forma direta, como chás, lambedores etc., quanto como “instrumentos” de cura das/os benzedoras/ores, uma vez que, segundo Mota (2007, p.196) “nesse caso, a planta tem como papel absorver o espírito da doença, proporcionando, assim, a cura.”

Quando iniciei meu estágio no Arboretum - UFAL, em 2013 costumava repetir que a botânica não era a área que me atrairia dentro do curso de biologia, porém estava disposto a aprender. No começo foi um pouco difícil, pois não conhecia taxonomia vegetal e meu trabalho era a produção de mudas de espécies da Mata Atlântica para recuperação de áreas degradadas, logo precisava reconhecer quais espécies estavam sendo trabalhadas. Com o tempo e com as experiências trocadas percebi que as plantas sempre estiveram presente em minha vida, porém de uma forma diferente da tratada na universidade e os conhecimentos que trazia comigo e com os ali presente despertaram ainda mais minha curiosidade, admiração e amor às plantas.

5. QUEM CONTA UM CONTO NEM SEMPRE AUMENTA UM PONTO!

Ao começar a ler uma história, e esperar, impacientemente, pelo o que virá a seguir na próxima página, creio que o momento mais aguardado é quando as personagens da história são reveladas/os, se apresentam! Chega até parecer óbvio o que acabei de expor, porém, muitas vezes, essas/es protagonistas são

silenciadas/os em vários trabalhos, passando de atrizes/atores principais para coadjuvantes, contudo, muitas resistem e continuam contando suas histórias e nos deixando um conhecimento que, seja na forma de um ditado; uma cantiga; uma reza ou até mesmo um chá, levaremos por toda uma vida.

Assim, nas próximas linhas, me comprometo a contar um pouco mais da história da comunidade de Lages através dos conhecimentos, compartilhados por suas/seus moradoras/es, no uso de plantas em seus processos de cura, bem como as pessoas as quais a população recorrem por serem guardiãs/guardiões de um grande conhecimento e experiência na cura.

5.1. Até aqui me ajudou a Tata...

Essa história será contada a partir dos dados obtidos através da realização de 107 entrevistas, das quais 100 tiveram como guia o questionário 2 (população) e sete o questionário 1 (especialistas), como também a partir das conversas, das lembranças e do contato que pude ter novamente com as pessoas que me viram crescer e com as que cresceram comigo.

Segundo determinações do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, mediante o inciso IV da Resolução 466/12 CNS, “as/os especialistas terão suas identidades preservadas”. Porém, visando o não silenciamento dessas pessoas na forma do anonimato, eu em pleno juízo assumo total responsabilidade por algum tipo de problema que possa surgir pela divulgação dos nomes das/os especialistas que participaram deste trabalho.

Desse grupo houve a participação de cinco conhecedoras/es e de uma benzedeira e um curandeiro.

Mesmo havendo inúmeras designações para indicar as pessoas que detém um grande conhecimento sobre plantas medicinais, tais como: “especialista de plantas medicinais” ou “erveiras/os” (LOYOLA, 1984), ou ainda “Ervateiros” (OLIVEIRA, 1985), irei utilizar o termo “Conhecedoras/es”, pois as pessoas que participaram deste trabalho não se reconhecem como “especialistas”, “erveiros”, etc... essas pessoas pontuam que “apenas conhecem os remédios das plantas.”, assim, creio que serão melhor representadas/os por essa indicação. Não há na população, e nem entre os rezadores, diferenças nos termos utilizados, reconhecendo-se enquanto: benzedeira/benzedor; curandeira/curador, rezador/rezadeira.

Sendo assim, peço agora licença para apresentar-lhes as/os protagonistas e um pouco de suas histórias.

5.2. A Sabedoria do passado, no presente e para o futuro.

“Seu pai é um sábio da natureza.”
José Felipe Filho, 75 anos. Referindo-se como seu pai era apontado pelas
pessoas da região.

Augusta Benedita dos Santos (Dona Gusta), 81 anos, aposentada tanto na carteira de trabalho quanto no ofício de benzedeira, atualmente mora com sua filha, genro e netos, porém morava só, tendo como companhia seus familiares que moravam por perto e as pessoas que procuravam seus serviços em sua casa na rua de dentro.

Não chegou a estudar, pois foi criada longe da “rua”, não tendo acesso a escola. A mesma declarou:

“Eu fui criada nas grotas, hoje em dia tem escola por todo o canto!”
Dona Gusta, 81 anos.

De religião católica, foi benzedeira durante muitos anos de sua vida, porém por motivos de saúde, recorrente da idade, está impossibilitada de benzer, e, mesmo encontrando-se acamada, disponibilizou-se, de bom grado, a contar um pouco de sua história e partilhar seus conhecimentos. Sua família faz uso de plantas e também se curavam com ela. Aos 12 anos aprendeu a curar com a irmã de sua patroa, na qual ela lembra:

“Na casa grande ela forrava a esteira no chão, colocava os filhos dos trabalhadores e curava.” Dona Gusta, 81 anos.

Realizou sua primeira cura aos 14 anos, tendo sua mãe como paciente. Infelizmente não passou adiante o conhecimento da cura. Citou um total de sete plantas, sendo que dessas, três são utilizadas para benzer. A essa benzedeira tenho um grande afeto, respeito e gratidão não só pelas muitas vezes em que estive em seus cuidados, mas também pelos momentos de conversas e conselhos que tivemos.

Amaro Marcos de Almeida dos Santos (Báu), é um rapaz de 21 anos que estudou até o ensino fundamental, porém precisou interromper seus estudos e não chegou a concluir essa etapa de seu processo escolar. Mora com mais quatro familiares.

Filho de santo da umbanda e curador, aprendeu aos 16 anos com seu pai de santo, sendo que, se iniciou na cura aos 19 anos.

Sua família faz o uso de plantas e também o procuram para serem curadas em sua casa na rua do Goiti. Até então não ensinou a ninguém a curar. Citou um total de sete plantas que utiliza em sua benzeção.

Edlene Mesquita Santos (Méva), de 55 anos é uma dona de casa que mora com mais duas pessoas no sítio Lages. Estudou até o ensino fundamental, não chegando a concluí-lo. Católica, é procurada por possuir um grande conhecimento sobre plantas que curam. Sua família a consulta para indicações de plantas para tratarem-se. Aprendeu com seus pais aos 20 anos a reconhecer e utilizar as plantas. Citou um total de 28 plantas.

Irene Maria da Silva (Dona Irene), é uma dona de casa, alfabetizada, de 62 anos e que mora com mais oito membros de sua família na rua do Goiti. De religião católica, é procurada por possuir um grande conhecimento sobre plantas que curam. Sua família a procura para que lhes indiquem plantas para seus problemas de saúde, tendo ensinado diretamente a uma sobrinha e uma neta o uso das mesmas. Aprendeu, ainda criança, com sua mãe, citando um total de 25 plantas.

Júlia Evangelista da Silva (Dona Júlia), aposentada mora com filho mais novo em uma das últimas casa de taipa da rua 09 de Junho. Aos 86 anos, expõe que viu a Lages se criar:

“Nasci e me criei, saí daqui nunca, fui pra maceió e voltei!
Minha idade é a daqui... Quando cheguei aqui não tinha ninguém, morava minha avó, seu Minô, dona Maroca, a Felícia... Eu ví a Lage e nada, a gente contava umas cinco casas!”
Dona Júlia, 86 anos.

Alfabetizada e católica, é procurada na comunidade por possuir um grande conhecimento sobre plantas que curam, tendo ensinado o uso das mesmas a quem mostrar interesse. Aprendeu com as/os mais velhas/os a reconhecer e utilizar as plantas. Citando cerca de 29 plantas.

José Felipe Filho (Zeca Felipe), é um aposentado de 75 anos, quando criança não chegou a frequentar a escola. Atualmente mora com sua companheira na rua do Goiti. As pessoas o procuram por considerá-lo um conhecedor de plantas que curam - citou 28 plantas. Aprendeu a reconhecer e utilizar as plantas aos 24 anos com seu pai o qual foi um grande curador, porém não quis aprender a curar. A respeito da transmissão sobre a cura, o mesmo falou:

“Eu não aprendi a curar com meu pai porque ele já tava doente! mas eu não tinha tempo pra muita coisa, quando chegava em casa era uma coisa e outra. Quando eu tava em casa de noite ele dizia: rapaz, eu tô pra morrer, rapaz! quero ensinar coisa boa a tu, uma cura boa a tu, que quando eu morrer tu fica aí alguma coisa!”

José Felipe Filho, 75 anos.

Maria de Lurdes de Oliveira (Dona Lurdes), é uma aposentada, católica, de 70 anos que na infância não pode frequentar a escola. Atualmente mora com mais quatro pessoas de sua família na rua da praia (área 1, fig. 5), residindo a 13 anos no povoado. É procurada por possuir um grande conhecimento sobre plantas que curam, comercializando lambedores produzidos por ela com plantas cultivadas em seu quintal (fig. 10.).

Figura 10: Lambedor sendo preparado no fogão a lenha de dona Lurdes.



Sua família faz o uso e a procuram para que lhes indiquem plantas para tratar problemas de saúde. Aprendeu aos 17 anos com sua mãe a reconhecer e utilizar as plantas e tem ensinado o uso das mesmas a quem mostrar interesse. Citou 21 plantas.

Sete pessoas aceitaram compartilhar, de bom grado, um pouco de suas vidas e de seus conhecimentos comigo e agora com todas/os que tiverem acesso a esse

trabalho. Nos foi compartilhado o conhecimento de cerca de 85 plantas, das quais 77 distribuem-se em 40 famílias (catálogo “A”), sete não tiveram sua identificação taxonômica confirmada e sete foram apontadas pela benzedeira e pelo curandeiro como as plantas utilizadas em suas curas (catálogo “B”).

Foram poucas as pessoas aqui denominadas de especialistas. E mesmo que essas pessoas não atribuem-se esse título, suas histórias, suas vivências e seus conhecimentos as/os tornam reconhecidas como tal por nós da comunidade de Lages.

5.3. Olha o povo das Lages!

Não há como negar e nem como evitar as mudanças que ocorrem com o tempo. Cada geração, em seu momento histórico, traz consigo os conhecimentos acumulados que também mudam seguindo o próprio tempo, reflexo de um conjunto de fatores que iremos compreender a partir das informações relatadas pela população do povoado de Lages. Um passo importante para continuarmos contando nossa história é sem dúvida conhecer um pouco mais dessas gerações e das relações que permeiam o conhecimento aculado sobre as plantas que curam.

Para essa apresentação serão utilizados os dados adquiridos com as 100 entrevistas orientadas pelo questionário 2.

As interlocutoras/es que aceitaram compartilhar um pouco de suas vivências possuem idade média entre 21 e mais de 70 anos, sendo que a faixa etária que mais participou (25%) possuem entre 31 e 40 anos; 21% possuem entre 51 e 60 anos; 19% entre 41 e 50 anos; 16 % entre 21 e 30 anos; 10 % possuem mais de 70 anos 9% possuem entre 61 e 70 anos. A grande maioria são mulheres, somando-se, 87 interlocutoras em relação a 13 interlocutores. Cerca de 39% estudaram até o ensino fundamental, porém não o concluíram; 18% são iletradas/os; 14 % concluíram o ensino médio; 9% concluíram o ensino superior; 6% possuem o ensino fundamental completo; 6% não concluíram o ensino médio; 3% estão estudando, sendo que dessas/es 2 possuem 43 e 60 anos; 2% estudaram apenas até a alfabetização; 2% possuem magistério e 1% não concluiu o ensino superior.

Não há como negar que essas pessoas vêm construindo suas histórias no povoado há algumas gerações, algumas delas fincaram suas raízes a mais tempo

que outras, porém todas possuem seus frutos espalhados por esse pequeno lugar. A maioria dessas pessoas (28%) vivem no povoado entre 36 a 50 anos, em contrapartida, o segundo quantitativo (26%), referente ao tempo de residência, foi entre cinco e 20 anos; 21% habitam entre 21 e 35 anos; 11% entre 51 e 65 anos; 6% estão no povoado a mais de 65 anos e ainda houve 8% que informaram não lembrar o tempo ao qual residem no povoado.

Diferentemente dos municípios próximos que possuem como fonte de economia o turismo (São miguel dos Milagres, Japaratinga e Maragogi) ou a monocultura da cana-de-açúcar (Porto Calvo, Matriz do Camaragibe e São Luiz do Quitunde); Porto de Pedras tem uma economia voltada ao funcionalismo público, a produção de coco (*Cocos nucifera* L.); agricultura familiar e, mais recentemente, a exploração do turismo, sendo essas a fonte de renda da população. Temos, porém, que apontar que a maioria das/os interlocutoras/es ao qual tive contato são donas de casa (38%); 23% são funcionárias/os públicos, dessas/es oito são professoras/es; 16% são aposentadas/os; 8% trabalham como autônomas/os; 8% possuem vínculo empregatício com pousadas da região; 3% são artesã/os; 2% estão desempregadas/os e 1% é marisqueira e 1% agricultora.

A religião está presente em nossa história por séculos. Sabemos que ao longo da história muitas religiões e crenças surgiram, algumas desapareceram outras modificaram-se, mas continuam presentes. Nesse caso buscou-se compreender se há alguma ligação possível entre a religião e o uso de plantas por essas pessoas. Assim, ao perguntar-lhes sobre qual/quais religião/ões pertencem, não foi surpresa ouvir da maioria (66%) que o catolicismo é sua religião. Seguindo a crença cristã, tivemos 20% que se afirmaram evangélicas/os e 1% batista e 1% adventista. Uma pessoa (1%), tem o catolicismos e o espiritismo como religiões, infelizmente não houve um esclarecimento se tratava da doutrina kardecista ou de religiões de matrizes africana. Houve ainda 11 pessoas (11%) que não possuem religião alguma e que o fato de crerem em Deus não quer dizer que precisam ter uma religião.

É evidente que a população tem um grande contato com a flora (nativa e exótica) do local, podemos perceber que as plantas devem ser um grande recurso utilizado pela população, principalmente no que diz respeito às que proporcionam a cura. Desta forma, buscou-se entender qual a frequência de uso de plantas medicinais, a partir da perguntada: havendo problemas de saúde, individualmente

ou com alguém da família, qual procedimento é primeiramente realizado? Obtive de 84 pessoas (84%) a resposta de que nesses casos o uso de plantas é a primeira medida a ser tomada; apenas 16% responderam que procuram atendimento médico nessas circunstâncias, porém todas/os fazem uso de plantas em alguma parte do tratamento.

Mesmo a família sendo apontada por apenas 4% das/os entrevistadas/os como responsável pela transmissão do conhecimento no uso de plantas, houve a citação dos membros do núcleo familiar nesse processo, sendo a mãe a maior responsável pela transmissão do conhecimento em 49% dos casos; a avó 9%; avó e mãe 6%; aos pais 5%; a sogra 2%; a mãe e mais velhos 1%; mãe, avó e mais velhos 1% e mãe e povo 1%. Outras pessoas fora do núcleo familiar também foram apontadas como responsáveis por esse processo, sendo os mais velhos citados por 12% das/os entrevistadas/os; ao povo foi atribuído 8% de responsabilidade nesse processo; os mais velhos e livros foram apontados por 1% e ainda houve 1% que pontuou ter aprendido sozinha.

Ao entender que, de fato, as plantas possuem uma íntima relação com a população em sua busca por sanar os males que lhes acometem e que o conhecimento em seu uso flui desde o interior até o exterior da família, houve então a necessidade de compreensão de quais e quantas plantas são utilizadas nesses processos.

A população indicou um total de 104 plantas (catálogo "C"), distribuídas em 49 famílias, com exceção de uma única espécie (denominada como quina-quina), que não foi reconhecida taxonomicamente.

Apesar de um grande número de plantas serem apontadas pela população como proporcionadoras de seu bem-estar e cura, há outras formas de utilização da flora para se atingir esse objetivo, tal meio já foi mencionado neste trabalho: benzeção, pois, assim como eu fiz em minha infância e adolescência, as pessoas buscam benzedeiros/curandeiros. Uma vez perguntadas/os se conheciam as plantas que eram utilizadas na benzeção, os resultados foram: 40 interlocutoras/es (38 mulheres e 2 homens), com idade entre 21 e 70 anos, indicaram conhecer essas plantas. Dessas pessoas, 35 confirmaram que procuram os serviços de cura dessas/es especialista e cinco alegaram que "não", porém 2 ressaltaram que já as/os procuraram em outro momento da vida. Foi citado um total de 7 plantas (catálogo "D").

Foram identificadas 123 plantas (especialistas e população), pertencentes a 53 famílias botânicas:

Tabela 1: Identificação das espécies utilizadas no povoado de Lages, Porto de Pedras - AL.

Família	Espécie
Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> var. <i>stenophylla</i> Leonard
Adoxaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze <i>Celosia cristata</i> L. <i>Chenopodium ambrosioides</i> L. <i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Peder. Pedersen
Amaryllidaceae	<i>Allium ascalonicum</i> L. <i>Allium cepa</i> L. <i>Allium sativum</i> L.
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L. <i>Mangifera indica</i> L. <i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi <i>Spondias purpurea</i> L.
Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L. <i>Annona squamosa</i> L. <i>Xylopi</i> sp.
Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i> L. <i>Foeniculum vulgare</i> Mill.
Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don <i>Plumeria rubra</i> L.
Areaceae	<i>Attalea</i> sp. <i>Cocos nucifera</i> L.
Asphodelaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.
Asteraceae	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC. <i>Artemisia</i> sp. <i>Ayapana triplinervis</i> (Vahl) R.M. King & H. Rob. <i>Bidens</i> sp. <i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert <i>Cosmos caudatus</i> Kunth <i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera <i>Tagetes erecta</i> L.

	<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gray <i>Vernonia condensata</i> Baker
Bignoniaceae	<i>Fridericia chica</i> (Humb. & Bonpl.) L.G. Lohmann
Boraginaceae	<i>Heliotropium indicum</i> L.
Brassicaceae	<i>Cleome affinis</i> DC. <i>Nasturtium officinale</i> R. Br.
Cannabaceae	<i>Cannabis sativa</i> L.
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.
Chrysobalanaceae	<i>Chrysobalanus icaco</i> L.
Combretaceae	<i>Terminalia catappa</i> L.
Crassulaceae	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken <i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb.
Cucurbitaceae	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai <i>Curcubita pepo</i> L. <i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn. <i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.
Cyperaceae	<i>Rhynchospora nervosa</i> (Vahl) Boeck.
Euphorbiaceae	<i>Chamaesyce hirta</i> (L.) Millsp. <i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur <i>Jatropha curcas</i> L. <i>Jatropha gossypifolia</i> L. <i>Ricinus communis</i> L.
Fabaceae	<i>Abarema cochliacarpus</i> (Gomes) Barneby & Grimes <i>Acacia farnesiana</i> (L.) Willd. <i>Bauhinia monandra</i> Kurz <i>Caesalpinia ferrea</i> var. <i>leiostachya</i> Benth. <i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp. <i>Mimosa pudica</i> L. <i>Senna occidentalis</i> (L.) Link <i>Zornia reticulata</i> Sm.
Hypericaceae	<i>Vismia</i> sp.
Iridaceae	<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb.
Lamiaceae	<i>Hyptis</i> sp. <i>Mentha</i> sp. <i>Ocimum basilicum</i> L. <i>Ocimum campechianum</i> Mill. <i>Ocimum gratissimum</i> L. <i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng. <i>Plectranthus</i> sp.

	<i>Rosmarinus officinalis</i> L. <i>Vitex agnus-castus</i> L.
Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume <i>Persea americana</i> Mill.
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.
Malpighiaceae	<i>Malpighia emarginata</i> DC.
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L. <i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.
Monimiaceae	<i>Peumus boldus</i> Molina
Moraceae	<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg <i>Dorstenia</i> sp. <i>Morus nigra</i> L.
Musaceae	<i>Musa X paradisiaca</i> L.
Myrtaceae	<i>Eucalyptus</i> sp. <i>Eugenia uniflora</i> L. <i>Psidium guajava</i> L. <i>Psidium</i> sp. <i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry <i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels
Nyctaginaceae	<i>Boerhavia diffusa</i> L.
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.
Papaveraceae	<i>Argemone mexicana</i> L.
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus</i> sp.
Phytolaccaceae	<i>Petiveria</i> sp.
Piperaceae	<i>Piper marginatum</i> Jacq.
Plantaginaceae	<i>Scoparia dulcis</i> L.
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf <i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn. <i>Guadua angustifolia</i> Kunth <i>Zea mays</i> L.

Rhamnaceae	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.
Rhizophoraceae	<i>Rhizophora mangle</i> L.
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L. <i>Genipa americana</i> L. <i>Morinda citrifolia</i> L. <i>Spermacoce verticillata</i> L.
Rutaceae	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle <i>Citrus reticulata</i> Blanco <i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck <i>Ertela trifolia</i> (L.) Kuntze <i>Ruta graveolens</i> L.
Solanaceae	<i>Capsicum frutescens</i> L. <i>Solanum gilo</i> Raddi. <i>Solanum lycopersicum</i> L. <i>Solanum melongena</i> L. <i>Solanum paniculatum</i> L.
Turneraceae	<i>Turnera subulata</i> Sm.
Urticaceae	<i>Laportea aestuans</i> (L.) Chew
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.
Vitaceae	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E Jarvis
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L Burtt. & R.M. Sm. <i>Zingiber officinale</i> Roscoe

Sem dúvida alguma, não há como negar a relação que a comunidade de Lages possui com o meio ambiente no qual está inserida. As plantas são uma grande fonte de saúde que lhes proporcionam a cura tão desejada de seus males, fazendo assim, não apenas parte de seu cotidiano, como também fazendo parte de suas histórias, de um conhecimento tradicional praticado no dia-a-dia. No próximo capítulo iremos conhecer, através de um catálogo, as plantas citadas para curas, bem como dados registrados sobre suas indicações, para quais problemas de saúde, quais as partes da planta são utilizadas e quais as formas de uso das mesmas.

6. TE MOSTRO O QUE VI E TE DIGO O QUE ME CONTARAM!

“As plantas é os melhor remédio porque é da natureza!”.
José Felipe Filho, 75 anos.

Nos capítulos anteriores pudemos conhecer um pouco mais sobre as diferentes concepções e percepções de doença que se expressam na sociedade e como as pessoas se relacionam com a flora na busca pela cura. Podemos, especificamente, conhecer sobre o conhecimento e a utilização de espécies botânicas em processos de cura pela comunidade do povoado de Lages.

Esse capítulo é dedicado à catalogação das plantas indicadas pelas/os interlocutoras/es que as utilizam e as indicam para que através delas haja o alcance da cura.

A partir dos questionários utilizados como guia deste trabalho, pode-se estruturar quatro catálogos: o catálogo “A” (Essa planta é boa para!..) lhes apresentam as plantas indicadas pelas/os especialistas (benzedeira/curandeiro e conhecedoras/es); o catálogo “B” (Te benzo, te curo!), mostrará as plantas utilizadas pela benzedeira e pelo curador em suas curas; O catálogo “C” (Eu uso para!..) é dedicado às plantas apontadas pela população e o catálogo “D” (Benze com essa aqui!), refere-se às plantas que a população reconhece enquanto serem utilizadas pelas/os benzedeiros/curandeiros em seus processos de cura. Os catálogos trazem também informações sobre o número de pessoas que as citaram; a(s) parte(s) da(s) planta(s) utilizada(s); as formas de uso e as indicações terapêuticas. Ressalto que algumas plantas não tiveram seu registro fotográfico e informações taxonômicas registradas, por motivos que foram desde sua localização até a não existência de espécimes no local, porém as informações sobre suas indicações e formas de uso estão aqui apontadas.

6.1. Essa planta é boa para!...

Neste catálogo são apresentadas as 77 espécies vegetais, pertencentes a 40 famílias botânicas, identificadas a partir das indicações das/os sete especialistas (conhecedoras/res, benzedeira e curador).

Há também o registro das indicações e contra indicações; formas de uso; partes utilizadas das plantas e advertências, todas anotações do que a mim foi

transmitido por essas pessoas.



Nome local: Sabugueiro

Nome científico: ***Sambucus australis*** Cham. & Schlttdl.

Família: Adoxaceae

Características: arbusto grande ou árvoreta de 3-4 m de altura, nativa do Sul da América do Sul, incluindo o Brasil. Folhas compostas imparipinadas, exalando forte odor desagradável quando amassadas. Flores pequenas, de cor branca (LORENZI, 2008a, p. 40).

Foi citada por uma/um especialista. O lambedor das folhas é indicado no tratamento do catarro.



Nome local: Penicilina / Terramicina

Nome científico: ***Alternanthera brasiliana*** (L.) Kuntze

Família: Amaranthaceae

Características: herbácea perene, de base lenhosa, de 60-120 cm de altura, nativa de áreas abertas de quase todo o Brasil, principalmente da região litorânea e Amazônia. Folhas simples de tons arroxeadas. Flores muito pequenas reunidas em densos glomérulos no ápice dos ramos (LORENZI, 2008a, p. 46).

Foi citada por duas/dois especialistas. O chá, o lambedor e o emplastro de suas folhas são indicados no tratamento da tosse e inflamações.



Nome local: Mastruz

Nome científico: *Chenopodium ambrosioides* L.

Família: Amaranthaceae

Características: erva perene ou anual muito ramificada, com até 1 m de altura. Folhas simples, alternas, pecioladas. Flores pequenas, verdes, dispostas em espigas axilares densas. Fruto muito pequenos do tipo aquênio. Toda planta tem cheiro forte. É originário da América Central e do Sul (LORENZI, 2008a, p. 49).

Foi citada por três especialistas. O chá e o lambedor das folhas são indicados no tratamento da gripe e da tosse.



Nome local: Acrônica / Acônito

Nome científico: *Pfaffia glomerata* (Spreng.) Peder. Pedersen

Família: Amaranthaceae

Características: erva ou arbusto perene. Ramos flexíveis com nós articulados, alcançando 2 a 3 m de altura. Raízes tuberosas geralmente bifurcadas. Folhas simples, opostas. Inflorescência glomerulada. Flores muito pequenas, esbranquiçadas (MENDONÇA et al., 2014, p. 37).

Foi citada por uma/um especialista. O chá das folhas é indicado no tratamento da febre.



Nome local: Cebola branca

Nome científico: *Allium ascalonicum* L.

Família: Amaryllidaceae

Características: planta herbácea, vivaz, bulbosa, de folhas radicais ou rosuladas estreitas, compridas, de cor verde-glaucas de nervura paralelinérvea, retinérvea, ensiformes. Flores pequenas, brancas e pedunculadas reunidas em umbela terminal. Fruto do tipo cápsula (GRANDI, 2014, p. 93).

Foi citada por duas/dois especialistas. O chá das “cebolas” (bulbos) é indicado no tratamento da gripe.



Nome local: Cebola

Nome científico: *Allium cepa* L.

Família: Amaryllidaceae

Características: planta herbácea, originária da Pérsia, anual, raiz cabeleira, caule subterrâneo, bulbo truncado, com folhas subterrâneas denominadas catafilos. Folhas aéreas, compridas, cilíndricas e ocas. As flores são esverdeadas (GRANDI, 2014, p. 384).

Foi citada por uma/um especialista. O lambedor da “Cebola” (bulbo) é indicado no tratamento da tosse.



Nome local: Alho

Nome científico: *Allium sativum* L.

Família: Amaryllidaceae

Características: erva bulbosa, pequena, de cheiro forte e característico, perene, com bulbo formado de 8-12 bulbilhos (dentes). Folhas lineares e longas. Flores brancas ou avermelhadas, dispostas em umbela (LORENZI, 2008a, p. 44).

Foi citado por uma/um especialista. O lambedor de seus “dentes” (bulbilhos) é indicado no tratamento da tosse.



Nome local: Cajueiro vermelho

Nome científico: *Anacardium occidentale* L.

Família: Anacardiaceae

Características: árvore de 2-10 m de altura, com tronco tortuoso. Folhas coriáceas. Flores bissexuais, dispostas em panículas. O pedúnculo engrossado é considerado "fruto" (pseudofruto), enquanto a castanha é o verdadeiro fruto. Nativo nos campos e dunas da costa norte do país e muito cultivado nas regiões Norte e Nordeste (LORENZI et al., 2006, p. 36).

Foi citado por uma/um especialista. O chá do "cavaco" (casca do tronco) é indicado no tratamento de inflamações.



Nome local: Manga espada

Nome científico: ***Mangifera indica*** L.

Família: Anacardiaceae

Características: árvore frondosa e perenifólia, de 8-18 m de altura. Folhas aromáticas, subcoriáceas. Flores masculinas e andróginas na mesma inflorescência. Fruto drupa de polpa succulenta e variavelmente fibrosa. Originária da Índia e Burma (LORENZI et al., 2006, p. 318).

Foi citada por uma/um especialista. O chá das folhas é indicado no tratamento da pressão alta e do diabetes.



Nome local: Aroeira

Nome científico: ***Schinus terebinthifolia*** Raddi

Família: Anacardiaceae

Características: árvore mediana com 5-10 m de altura, perenifólia, dioica, de copa larga e tronco revestido de casca grossa. Folhas compostas imparipinadas, com folíolos aromáticos. Flores masculinas e femininas muito pequenas. Fruto aromático e adocicado, brilhante de cor vermelha. Ocorre ao longo da mata atlântica desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul (LORENZI, 2008a, p. 63).

Foi citada por cinco especialistas. A casca do tronco e as folhas são indicadas no preparo de chá, lambedor e no álcool (solução hidroalcoólica) para o tratamento de inflamações e tosse.



Nome local: Craçá / Graviola

Nome científico: ***Annona muricata*** L.

Família: Annonaceae

Características: árvore de até 8 m de altura. Flores obovado oblongas. Flores solitárias, com cálice de sépalas triangulares e pétalas externas grossas de cor amarelada. Frutos, do tipo baga, com superfície ouriçada. Originária da América Tropical (LORENZI, 2008a, p.67).

Foi citada por uma/um especialista. O chá de suas folhas é indicado no tratamento de problemas nos rins.



Nome local: Pinha

Nome científico: ***Annona squamosa*** L.

Família: Annonaceae

Características: árvore caducifolia de 3-6 m de altura. Flores andróginas. Frutos compostos de polpa branca e succulenta de sabor doce e muito agradável (LORENZI et al, 2006, p.361).

Foi citada por duas/dois especialistas. O chá e o emplastro de suas folhas são indicados no tratamento de problemas nos rins e dor de cabeça.



Nome local: Erva doce

Nome científico: *Foeniculum vulgare* Mill.

Família: Apiaceae

Característica: erva perene ou bienal, entouceirada, aromática, de 40-90 cm de altura, nativa da Europa e amplamente cultivada em todo o Brasil. Folhas inferiores alargadas e superiores mais estreitas, com pecíolo alargado como bainha que envolve o caule, compostas pinadas. Flores pequenas, hermafroditas, de cor amarelada, dispostas em umbelas compostas por umbelas menores. Os frutos são oblongos, compostos por dois aquênios (LORENZI, 2008a, p. 78).

Foi citada por uma/um especialista. O chá de suas “folhas”(na verdade usa-se os frutos) é indicado no tratamento da gripe e febre.



Nome local: Vapor

Nome científico: *Plumeria rubra* L.

Família: Apocynaceae

Características: árvore ou arbusto grande, de seiva leitosa, com ramificações bifurcadas, espessas, de aspecto suculento, originária da América Tropical, de 4-8 m de altura. Folhas decíduas e aglomeradas no ápice dos ramos. Inflorescência terminal, com numerosas flores, de cor vermelha, róseas com o centro amarelo ou brancas com o centro amarelo (LORENZI, 2008c, p. 205).

Foi citada por uma/um especialista. O emplasto de seu "leite" (látex) é indicado no tratamento de pancadas.



Nome local: Babosa

Nome científico: ***Aloe vera*** (L.) Burm. f.

Família: Asphodelaceae

Características: planta herbácea, suculenta, de até 1 m de altura, de origem provavelmente africana. Tem folhas grossas, carnosas e suculentas, dispostas em rosetas e presas a um caule muito curto, que quando cortadas deixam escoar um suco viscoso, amarelado e muito amargo (LORENZI, 2008a, p. 105).

Foi citada por duas/dois especialistas. De suas folhas, tanto pode ser feito lambedor, indicado para o tratamento da tosse, quanto pode ser usado sua “água” (mucilagem) no tratamento de inflamações.



Nome local: Federal

Nome científico: *Acanthospermum hispidum* DC.

Família: Asteraceae

Características: planta anual, herbácea, ereta, de frutos espinhentos, com caule denso pubescente, de 30 a 100 cm de altura, originária da América tropical (LORENZI, 2008b, p. 91).

Foi citada por duas/dois especialistas. O chá das raízes é indicado no tratamento da tosse e da gripe.



Nome local: Anador

Nome científico: *Artemisia* sp.

Família: Asteraceae

Características: planta perene, herbácea, fortemente rizomatosa, ereta, pouco ramificada, com forte aroma de losna, densamente foliosa, de 30-60 cm de altura, originária da Ásia. Folhas pinatipartidas. Flores esbranquiçadas, reunidas em capítulos pequenos dispostos em panículas terminais (LORENZI, 2008a, p. 121).

Foi citada por uma/um especialista. O emplastro das folhas foi indicado no tratamento de dores e caroços.



Nome local: Erva santa

Nome científico: *Ayapana triplinervis* (Vahl) R.M.King & H.Rob.

Família: Asteraceae

Características: erva perene, cespitosa, pilosa. Ramos eretos alcançando até 60 cm de altura. Folhas opostas cruzadas, aromáticas, lâmina com base atenuado-enlarguecida até a base do pecíolo; venação triplinérvea (MENDONÇA et al., 2014, p. 36).

Foi citada por uma/um especialista. O chá de suas folhas é indicado no tratamento da febre.



Nome local: Picão

Nome científico: *Bidens* sp.

Família: Asteraceae

Características: planta anual, herbácea, ereta com odor característico, de 50-130 cm de altura, nativa de toda a América Tropical. Folhas compostas pinadas. Flores reunidas em capítulos terminais. Os frutos são aquênios alongados e de cor preta, com ganchos aderentes numa das extremidades (LORENZI, 2008b, p.108-109).

Foi citada por duas/dois especialistas. O chá da raiz e das “flores” (inflorescências) são indicados para emagrecer e para o tratamento de corrimento vaginal.



Nome local: Camomila

Nome científico: *Chamomilla recutita* (L.) Rauschert

Família: Asteraceae

Características: planta herbácea, anual, aromática, de até um metro de altura com folhas pinatissectas. Flores reunidas em capítulos compactos, agrupados em corimbos, com as flores centrais amarelas e as marginais de corola ligulada branca. Fruto do tipo aquênio. É nativa dos campos da Europa. A parte usada para fins terapêuticos é constituída dos capítulos florais secos (LORENZI, 2008a, p. 127).

Foi citada por uma/um especialista. O chá das flores é indicado no tratamento dos nervos.



Nome local: Cravo de defunto

Nome científico: *Tagetes erecta* L.

Família: Asteraceae

Características: herbácea anual, ereta, originária do México, com 20-80 cm de altura, de folhas compostas com cheiro forte característico, havendo, entretanto, linhagens inodoras. Flores pequenas, em capítulos grandes, solitários, dobrados, nas cores amarela, alaranjada e marrom-avermelhada (LORENZI, 2008c, p. 386).

Foi citada por uma/um especialista. O lambedor e a solução hidroalcoólica das “flores” (inflorescências) são indicados no tratamento da tosse, gripe e de dores.



Nome local: Fedegoso

Nome científico: *Heliotropium indicum* L.

Família: Boraginaceae

Características: pequena planta herbácea anual, ereta, ramificada, de textura um tanto carnosa, de 50-70 cm de altura, encontrada em todo o território brasileiro. Folhas simples, de superfície bulada com nervuras impressas na face superior. Flores de cor azulada clara (LORENZI, 2008a, p. 184).

Foi citada por duas/dois especialistas. As folhas ou toda a planta (maceradas) devem ser esfregadas. É indicada no tratamento de dores e de derrame.



Nome local: Mussambê

Nome científico: ***Cleome affinis*** DC.

Família: Brassicaceae

Características: planta anual, um pouco espinhenta, ereta, muito ramificada, levemente glandulosa, pubescente, herbácea, de 30-50 cm de altura, nativa do Brasil. Propaga-se exclusivamente por sementes (LORENZI, 2008b, p. 204).

Foi citada por duas/dois especialistas. O chá das flores e da raiz é indicado no tratamento da tosse e de inflamações.



Nome local: Agrião

Nome científico: *Nasturtium officinale* R. Brown

Família: Brassicaceae

Características: herbácea perene, aquática, de ramos ocios, com raízes adventícias nos nós, de 15-30 cm de altura, nativa da Europa (LORENZI, 2008a, p. 196).

Planta cultivada por uma especialista que a usa no preparo de lambedores que comercializa. O lambedor e o chá das folhas é indicado no tratamento da tosse e da gripe.



Nome local: Maconha

Nome científico: ***Cannabis sativa*** L.

Família: Cannabaceae

Características: erva, anual, ereta, em condições de clima tropical cresce entre 3 e 4 m. de altura; caule simples; existem as plantas macho e fêmeas; folhas opostas, digitadas, com 5 a 7 lóbulos, bordas serradas; flores de cor verde, das axilas das folhas brotam odor e sabor forte (HERNÁN, 2007, p. 126).

O cultivo dessa planta é considerado crime pelo decreto-lei n° 891, de 25 de novembro de 1938. A apesar da criminalização seu uso terapêutico é reconhecido, ainda que pouco, pela população. Foi citada por uma/um especialista. O chá de suas sementes torradas é indicado no tratamento de derrame (AVC).



Nome local: Mamão fêmea

Nome científico: ***Carica papaya*** L.

Família: Caricaceae

Características: arbusto lactescente, de caule fistuloso, ereto, não ramificado, de 2-3 m de altura, nativo da América Central e Caribe. Folhas palmatilobadas com pecíolos longos e ocos. Flores unissexuais ou hermafroditas, de cor creme (LORENZI, 2008a, p. 203).

Foi citada por uma/um especialista. O chá da flor é indicado no tratamento da tosse em mulheres.



Nome local: Mamão macho

Nome científico: ***Carica papaya*** L.

Família: Caricaceae

Características: arbusto lactescente, de caule fistuloso, ereto, não ramificado, de 2-3 m de altura, nativo da América Central e Caribe. Folhas palmatilobadas com pecíolos longos e ocos. Flores unissexuais ou hermafroditas, de cor creme. Fruto tipo baga piriforme (LORENZI, 2008a, p. 203).

Foi citada por duas/dois especialistas. O lambedor do fruto verde é indicado no tratamento do catarro e o chá da flor é indicado no tratamento da tosse em homens.



Nome local: Pra tudo

Nome científico: *Kalanchoe brasiliensis* Cambess.

Família: Crassulaceae

Características: erva perene, de até 2 m de altura. Folhas opostas, suculentas, ovadas ou obovadas, crenado dentada. Flores na cor laranja, pequenas, dispostas em cimeiras paniculadas (GRANDI, 2014, p. 1026).

Foi citada por duas/dois especialistas. O lambedor e o chá de suas folhas são indicados no tratamento da tosse e da gripe.



Nome local: Melancia

Nome científico: *Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum. & Nakai

Família: Cucurbitaceae

Características: herbácea anual de crescimento rasteiro, com ramificações sarmentosas e pubescentes. Folhas membranáceas, irregular e profundamente lobadas. Flores solitárias, axilares, unissexuais. Frutos do tipo baga, de formato variável. É originária da África (LORENZI et al., 2006, p. 382).

Essa planta é cultivada em determinados períodos do ano no povoado, porém seu maior consumo advém de frutos de outras localidades. Foi citada por uma/um especialista. O chá de suas sementes torradas é indicado no tratamento da anemia.



Nome local: Jerimum

Nome científico: ***Curcubita pepo*** L.

Família: Cucurbitaceae

Características: herbácea rasteira, anual, vigorosa, de ramos um tanto carnosos, podendo chegar até 10 m de comprimento, nativa da América Central. Folhas peltadas revestidas por pelos ásperos. Flores solitárias, grandes, unissexuais, de cor amarelo-alaranjada (LORENZI, 2008a, p. 227).

Foi citada por uma/um especialista. Suas flores maceradas são indicadas no tratamento de dor de ouvido.



Nome local: Estrelinha

Nome científico: *Rhynchospora nervosa* (Vahl) Boeck.

Família: Cyperaceae

Características: planta perene, ereta, herbácea, de caule triangular ou estriado no ápice, com raízes fibrosas e rizomas curtos, de 10-50 cm de altura, nativa da América Tropical e disseminada principalmente na zona tropical brasileira (LORENZI, 2008b, p.288).

Foi citada por uma/um especialista. O chá de suas flores (inflorescência) é indicado no tratamento do diabetes.



Nome local: Cansanção branca

Nome científico: *Cnidoscolus urens* (L.) Arthur

Família: Euphorbiaceae

Características: planta arbustiva, altamente lactescente, perene, ramificada, com caules providos de pelos urticantes ou glabros, de 1-3 m de altura, nativa de regiões tropicais e subtropicais da América (LORENZI, 2008b, p.296).

Foi citada por cinco especialistas. O chá das raízes é indicado no tratamento de inflamações e dores, já a “água” da bucha (parte interna do caule, figura menor) é indicado para problemas nos olhos.



Nome local: Pinhão roxo

Nome científico: ***Jatropha gossypifolia*** L.

Família: Euphorbiaceae

Características: arbusto ou árvore de até 5 m, com ramos e folhas arroxeados e pilosas quando jovens. Folhas simples. Flores arroxeadas. Fruto tipo cápsula, trissulcada, 3-locular, com 3 sementes oleaginosas, pardo-escuras com pintas negras, que são expulsas bruscamente com a deiscência do fruto (LORENZI, 2008a, p. 248).

Foi citada por uma/um especialista. Suas folhas foram indicadas como emplasto no tratamento de dores de cabeça.



Nome local: Carrapateiro

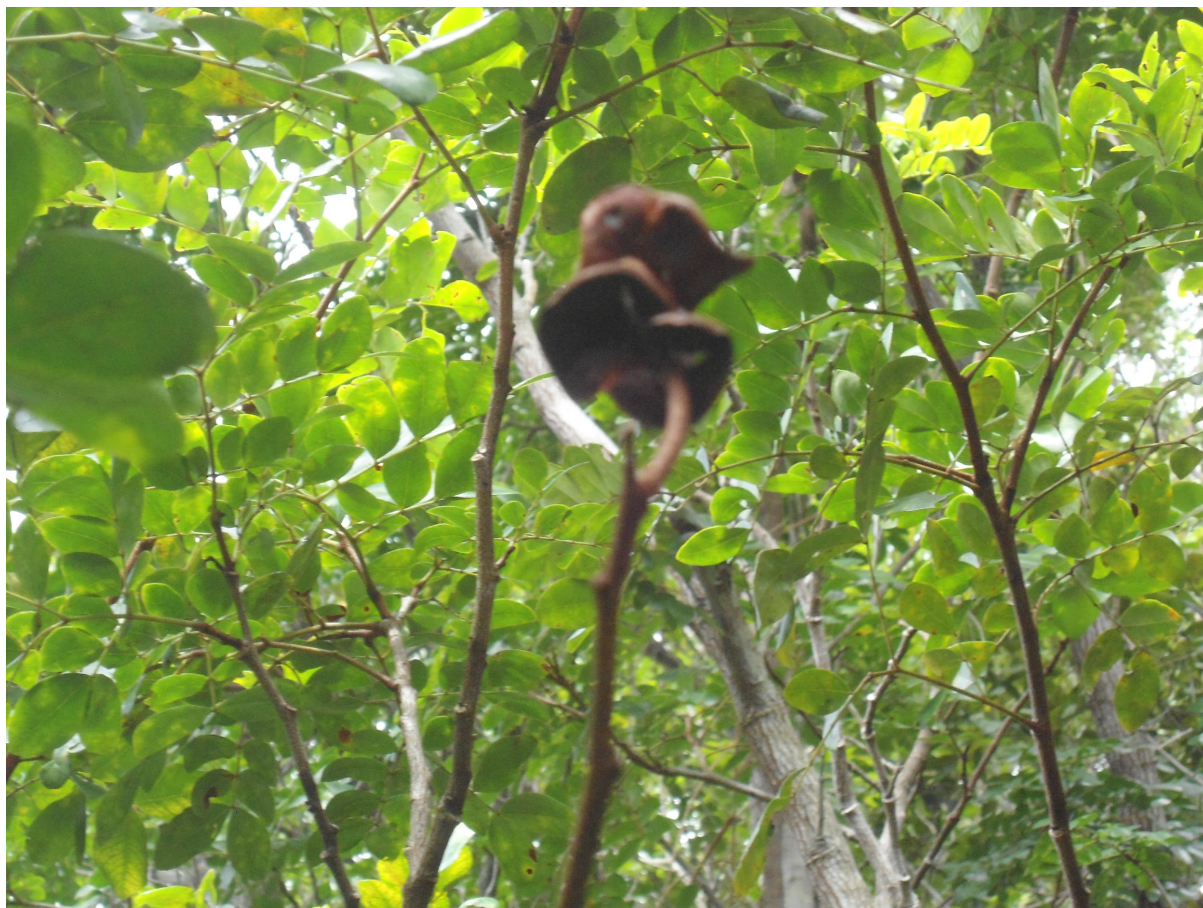
Nome científico: *Ricinus communis* L.

Família: Euphorbiaceae

Características: arbusto ou árvoreta de até 6 m de altura, com folhas grandes, palmatilobadas, de pecíolo longo. Flores dispostas em grupos sobre racemos terminais, as femininas ocupando a parte superior e as masculinas a parte inferior do eixo da inflorescência. Fruto tipo cápsula tricoca de deiscência explosiva (LORENZI, 2008a, p. 250).

Foi citada por uma/um especialista. O “inguento⁴” de suas sementes é indicado no tratamento de bicho-de-pé.

4 “Pisa as sementes da carrapateira e mistura com leite de coco e deixe descansar de um dia pro outro. já pode usar!” - Julia Evangelista da Silva, 86 anos.



Nome local: Barbatimão

Nome científico: ***Abarema cochliacarpus*** (Gomes) Barneby & Grimes

Família: Fabaceae

Características: árvore de 3-10 m de altura, copa densa e arredondada. Folhas compostas bipinadas. Inflorescências em capítulos globosos, com flores de cor esbranquiçadas. Fruto do tipo legume plano circinado, que após a deiscência espontânea, contorce e deixa mostrar a superfície externa vermelha (LORENZI, 2009b, p.152).

Foi citada por três especialistas. Do “cavaco” (casca do tronco) faz-se chá e uma solução hidroalcoólica (no álcool), indicados no tratamento de inflamações.



Nome local: Suspiro

Nome científico: *Acacia farnesiana* (L.) Willd.

Família: Fabaceae

Características: planta espinhenta, de 4-7 m de altura (arbustiva em terrenos rochosos e pobres). Folhas compostas bipinadas, com uma glândula sobre o pecíolo. Inflorescência em capítulos axilares multifloros, com flores de cor amarela ou alaranjada. Fruto legume indeiscente, subcilíndrico (LORENZI, 2002b, p. 174).

Foi indicada por uma/um especialista. Seus frutos são utilizados, juntamente com partes de outras plantas⁵, para elaboração de uma solução hidroalcoólica de mesmo nome da planta⁶. Indicada no tratamento de inflamações.

⁵ “A vagem da jucá; o cavaco do barbatimão; a vagem do suspiro e o cavaco da aroeira, coloca na garrafa com álcool e tampa até ficar vermelho. Pra corte não tem melhor!” - Julia Evangelista da Silva, 86 anos.

⁶ Suspiro.



Nome local: Pata de vaca

Nome científico: ***Bauhinia monandra*** Kurz

Família: Fabaceae

Características: árvore perenifólia, de 5-7 m de altura, originária de Burma. Folhas grandes, simples, com um recorte em V formando dois lobos. Flores grandes, cor-de-rosa, de cinco pétalas, a inferior maior, rosa escura. Fruto tipo vagem (LORENZI et al., 2003, p.158).

Foi citada por uma/um especialista. O chá de suas folhas é indicado no tratamento do diabetes.



Nome local: Jucá

Nome científico: *Caesalpinia ferrea* var. *leiostachya* Benth.

Família: Fabaceae

Características: árvore de até 25 m de altura. O lenho, tanto do tronco como dos galhos, é quase branco, muito duro e difícil de quebrar. Folhas compostas bipinadas. Flores amarelas, com frutos tipo vagem (LORENZI, 2008a, p. 252).

Foi citada por duas/dois especialistas. As vagens no “álcool” (solução hidroalcoólica) são indicadas no tratamento de inflamações e o banho do “cavaco”(casca do tronco) é indicado no tratamento de Vermelhão⁷.



Nome local: Guandu

Nome científico: ***Cajanus cajan*** (L.) Millsp.

Família: Fabaceae

Características: arbusto ereto, ramificado, pubescente, de 80-130 cm de altura, originário da Índia e amplamente cultivado no Brasil. Folhas compostas trifolioladas. Flores amarelas, reunidas em pequenos racemos axilares. Os frutos são vagens indeiscentes com 3-7 sementes (LORENZI, 2008a, p. 278).

Foi citada por uma/um especialista. O banho de suas folhas é indicado no tratamento de derrame (AVC) e dores.



Nome local: Calumbi

Nome científico: ***Mimosa pudica*** L.

Família: Fabaceae

Características: subarbusto espinhento, perene, de ramos prostrados ou decumbentes de coloração arroxeada, com pelos rígidos em direção ao ápice, de 1-2 m de comprimento, nativa de toda a América Tropical. Folhas sensitivas (fecha-se ao menor toque e à noite), compostas bipinadas. Flores róseas, reunidas em capítulos globosos pedunculados, axilares e terminais (LORENZI, 2008a, p. 294).

Planta facilmente encontrada no povoado. Foi citada por uma/um especialista. O banho feito a partir de sua raiz é indicado no tratamento do vermelhão.



Nome local: Manjerioba

Nome científico: ***Senna occidentalis*** (L.) Link

Família: Fabaceae

Características: subarbusto de até 2 m de altura, geralmente menos, de folhas compostas pinadas. Flores amarelas com nervuras cor de laranja dispostas em racemos. Fruto tipo vagem. É nativa da América Tropical (LORENZI, 2008a, p. 265).

Foi citada por três especialistas. O chá das flores é indicado no tratamento de ventre caído em bebês; o chá das folhas é indicado no tratamento da diarreia e o uso das sementes torradas é indicado no tratamento da anemia.



Nome local: Arroz chocho

Nome científico: ***Zornia reticulata*** Sm.

Família: Fabaceae

Características: planta perene, herbácea, prostrada, ramificada. Flores amarelas, de 30-60 cm de comprimento, nativa do Brasil (LORENZI, 2008b, p. 353).

Foi citada por uma/um especialista. O chá da raiz é indicado no tratamento de “doença de criança”.



Nome local: Lacre / Laque

Nome científico: *Vismia* sp.

Família: Hypericaceae

Características: árvore pequena de 3 – 7 m de altura, com ramos novos ferrugíneo pubérulos que exsudam látex de cor amarelo-alaranjada sob ferimento. É nativa de áreas de vegetação secundária de toda região Amazônica e da costa do Nordeste. Folhas simples, discolores (face inferior marrom dourada). Flores reunidas em inflorescências paniculadas terminais (LORENZI, 2008a, p.299).

Foi citada por uma/um especialista. O chá das folhas é indicado no tratamento de problemas nos rins.



Nome local: Alho do mato

Nome científico: *Eleutherine bulbosa* (Mill.) Urb.

Família: Iridaceae

Características: herbácea bulbosa e rizomatosa, acaule, entouceirada, de 20-30 cm de altura, nativa da América Tropical. Os bulbos são de cor vinho externamente, exsudando látex branco quando cortados. Folhas simples, inteiras. Flores brancas ou rosadas (LORENZI, 2008a, p. 300).

Foi citada por uma/um especialista. O chá e o lambedor do bulbo são indicados no tratamento da gripe e da tosse.



Nome local: Sambacaitá

Nome científico: *Hyptis* sp.

Família: Lamiaceae

Características: planta anual, ereta, ramificado, herbácea de base lenhosa, fortemente aromática, de ramos quadrangulares. Folhas simples, opostas e aromáticas. Flores dispostas em espigas terminais (LORENZI, 2008b, p. 382 e 384).

Foi citada por quatro especialistas. O chá e o lambedor de suas folhas é indicado no tratamento de inflamações e tosse. Uma especialista recomendou que gestantes no início da gravidez não façam seu uso, pois pode promover aborto.



Nome local: Hortelã da folha miúda

Nome científico: *Mentha* sp.

Família: Lamiaceae

Características: erva anual ou perene, ereta, de 30 a 60 cm de altura, com folhas oval oblongas ou oblongo lanceoladas, levemente denteadas, pubescentes e muito aromáticas. Flores esbranquiçadas, reunidas em inflorescências terminais (LORENZI, 2008a, p. 313).

Foi citada por quatro especialistas. O chá e o sumo das folhas são indicados no tratamento de vermes, dor de barriga, diarreia, gripe e tosse.



Nome local: Manjerição

Nome científico: ***Ocimum basilicum*** L.

Família: Lamiaceae

Característica: subarbusto aromático, anual, ereto, muito ramificado, de 30-50 cm de altura, nativo da Ásia tropical. Folhas simples. Flores brancas, reunidas em racemos terminais curtos (LORENZI, 2008a, p. 319).

Foi citada por uma/um especialista. As folhas embebidas na água foram indicadas no tratamento de problemas nos olhos.



Nome local: Afavaca

Nome científico: *Ocimum campechianum* Mill.

Família: Lamiaceae

Características: planta perene, ereta, ramificada, herbácea de base lenhosa, fortemente aromática, de caule quadrangular e quase glabro, de 40-80 cm de altura, nativa do Continente Americano (LORENZI, 2008b, p.390).

Foi citada por uma/um especialista. O lambedor de suas folhas é indicado no tratamento da tosse.



Nome local: Afavaca cheirosa

Nome científico: *Ocimum gratissimum* L.

Família: Lamiaceae

Características: subarbusto aromático, ereto, com até 1 m de altura, originário do oriente e subespontâneo em todo o Brasil. Folhas ovalado lanceoladas, de bordas duplamente dentadas. Flores pequenas, roxo pálidas, dispostas em racemos paniculados eretos e geralmente em grupos de três. Fruto do tipo cápsula. Tem aroma forte e agradável que lembra o cravo-da-índia (LORENZI, 2008a, p.320).

Foi citada por uma/um especialista. A inalação do chá de suas folhas é indicado no tratamento da sinusite.



Nome local: Hortelã da folha grossa

Nome científico: *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.

Família: Lamiaceae

Características: erva grande perene, ereta, muito aromática, semicarnosa, de 40 cm a 1 m de altura. Folhas deltoide ovais, de base truncada e margem denteada. Flores azulada claras ou róseas que só aparecem quando a planta é cultivada em locais de clima ameno. É originária da Ilha de Amboino na Nova Guiné (LORENZI, 2008a, p. 326).

Foi citada por quatro especialistas. O lambedor e o chá das folhas é indicado no tratamento da tosse, gripe e dor de barriga.



Nome local: Abacate

Nome científico: *Persea americana* Mill.

Família: Lauraceae

Características: árvore de 12-20 m de altura, nativa da América Central. Folhas simples. Flores andróginas ou hermafroditas, pequenas, perfumadas, de cor verde amarelada. Os frutos são drupas piriformes, ovaladas ou globosas dependendo da variedade (LORENZI, 2008a, p. 342).

Foi citada por quatro especialistas. O chá das folhas é indicado no tratamento de problemas nos rins e do diabetes.



Nome local: Romã

Nome científico: *Punica granatum* L.

Família: Lythraceae

Características: arbusto ramoso ou árvoreta de até 3 m de altura, com folhas simples. Flores solitárias, constituídas de corola vermelho-alaranjada e um cálice esverdeado, duro e coriáceo. Frutos tipo baga, globoides (LORENZI, 2008a, p. 350).

Foi citada por três especialistas. O chá das cascas dos frutos é indicado no tratamento de problemas de garganta e a ingestão de suas sementes é indicado no tratamento da tuberculose.



Nome local: Algodão

Nome científico: *Gossypium hirsutum* L.

Família: Malvaceae

Características: subarbusto ou arbusto de aspecto variável e até 2 m de altura, pouco ramificado, com folhas coriáceas, pubescente e trilobadas. Flores amarelas com grandes brácteas denteadas. Os frutos são cápsulas oblongas, deiscentes, com as sementes cobertas de longas fibras brancas (LORENZI, 2008a, p. 355).

Foi citada por uma/um especialista. O banho feito a partir de suas folhas é indicado no tratamento do vermelhão.



Nome local: Bananeira

Nome científico: ***Musa X paradisiaca*** L.

Família: Musaceae

Características: planta herbácea suculenta, rizomatosa, de porte arbóreo. Folhas eretas. Inflorescência do tipo espiga (cacho), com flores masculinas, femininas e andróginas, separadas por brácteas e formada uma única vez na vida da planta, que morre após a frutificação. A maioria das cultivadas hoje plantadas originaram-se no Sudeste Asiático e evoluíram a partir de cruzamentos entre espécies selvagens diploides (LORENZI et al., 2006, p. 444).

Foi citada por uma/um especialista. O lambedor da “parte roxa” (bráctea) é indicado no tratamento do catarro.



Nome local: Eucalipto

Nome científico: *Eucalyptus* sp.

Família: Myrtaceae

Características: árvore de grande porte, folhas opostas, flores e botões florais solitárias na axila das folhas. Os frutos são operculados. É originária da Tasmânia (LORENZI, 2008a, p.385).

Foi citado por uma/um especialista. O chá de suas folhas é indicado no tratamento da febre.



Nome local: Pitanga

Nome científico: *Eugenia uniflora* L.

Família: Myrtaceae

Características: arbusto ou árvore semidecídua, de 4-10m de altura, rizomatosa, copa estreita. Folhas simples, com aroma característico quando amassadas. Flores de cor branca, solitárias ou em grupos. Fruto do tipo drupa, globoso e sulcados. Nativa do Brasil (LORENZI, 2008a, p. 387).

Foi citada por três especialistas. O chá do “olho” (folhas jovens) é indicado no tratamento da diarreia.



Nome local: Goiabeira

Nome científico: *Psidium guajava* L.

Família: Myrtaceae

Características: árvoreta frutífera de copa aberta, de até 7 m de altura, com folhas opostas e aromáticas. Flores alvas, solitárias ou em grupos nas axilas das folhas. Fruto tipo baga com polpa doce e levemente aromática. É nativa da América do Sul (LORENZI, 2008a, p. 390).

Foi citada por uma/um especialista. O chá do “olho” (folhas jovens) é indicado no tratamento da diarreia.



Nome local: Cravo da Índia

Nome científico: ***Syzygium aromaticum*** (L.) Merr. & L.M. Perry

Família: Myrtaceae

Características: árvore sempre verde, de copa alongada característica, de até 10 m de altura. Folhas inteiras e aromáticas. Flores longo-pendunculadas, pequenas, aromáticas, róseas ou avermelhadas, dispostas em corimbos terminais. É originária da Índia (LORENZI, 2008a, p.392).

Foi citado por uma/um especialista. O chá de cravo (botões florais) é indicado no tratamento da gripe e de problemas de garganta.



Nome local: Brinco de viúva

Nome científico: ***Syzygium cumini*** (L.) Skeels

Família: Myrtaceae

Características: árvore de até 10 m de altura, com folhas simples e frutos de cor roxo escura, com uma única semente e coberta de polpa comestível, mucilaginoso, doce, mas adstringente. Originária da Índia, China e Antilhas (LORENZI, 2008a, p. 394).

Foi citada por uma/um especialista. O chá das folhas é indicado no tratamento da pressão alta.



Nome local: Pega pinto

Nome científico: ***Boerhavia diffusa*** L.

Família: Nyctaginaceae

Características: herbácea bianual ou perene, succulenta, com muitos ramos vegetativos rasteiros e eretos, ramificados, de 50-70 cm de altura (pendão floral), com raiz tuberosa. Nativa de todo o Brasil e da América tropical. Folhas carnosas, simples. Flores pequenas, esbranquiçadas ou vermelhas, os frutos são pequenas cápsulas com pelos glandulares que se aderem à roupa e a pele (LORENZI, 2008a, p.395).

Foi citada por uma/um especialista. O chá de sua raiz é indicado no tratamento da gripe.



Nome local: Maracujá

Nome científico: *Passiflora edulis* Sims

Família: Passifloraceae

Características: trepadeira vigorosa com gavinhas, perene, de folhas alternas, trilobadas, com duas pequenas glândulas nectaríferas na base do limbo, com flores típicas das plantas desse gênero (LORENZI, 2008a, p. 409).

Foi citada por uma/um especialista. O chá de suas folhas é indicado no tratamento da pressão alta e para problemas de nervos.



Nome local: Malvarisco

Nome científico: *Piper marginatum* Jacq.

Família: Piperaceae

Características: arbusto grande ereto ou arvoreta perenifólia, com ramos dotados de entrenós, de 2,0-3,5 m de altura, nativa de quase todo o território brasileiro. Folhas simples, alternas, pecioladas, de lâmina largamente ovada. Inflorescências axilares, em espigas finas e longas, com flores muito pequenas e discretas (KINNUP, 2014, p. 596).

Foi citada por uma/um especialista. O emplastro de suas folhas é indicado no tratamento de problema nos ossos.



Nome local: Capim santo

Nome científico: *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf

Família: Poaceae

Características: erva cespitosa quase acaule, com folhas longas, estreitas e aromáticas. Flores raras e estéreis em nossas condições. É originária do velho mundo (LORENZI, 2008a, p.433).

Foi citada por quatro especialistas. O chá das folhas é indicado no tratamento da gripe, para os nervos, pressão alta e cólica.



Nome local: Pé de galinha

Nome científico: *Eleusine indica* (L.) Gaertn.

Família: Poaceae

Características: planta anual ou perene, ereta, entouceirada, de colmos glabros, com 30-50 cm de altura, originária da Ásia (LORENZI, 2008b, p. 504).

Foi citada por uma/um especialista. O chá de suas folhas é indicado no tratamento de hemorragia.



Nome local: Bambu

Nome científico: ***Guadua angustifolia*** Kunth

Família: Poaceae

Características: planta perene, ereta, muito entouceirada, sublenhosa, de colmos ocos com nós uniformemente espaçados, de 3-6 m de altura, nativa da América do Sul (LORENZI, 2008b, p. 513).

Foi citada por uma/um especialista. O chá das folhas é indicado no tratamento de problemas nos rins.



Nome local: Milho

Nome científico: ***Zea mays*** L.

Família: Poaceae

Características: herbácea anual, ereta, monoica, não ramificada e não entouceirada, de 1,5-2,5 m de altura, nativa da América Central, principalmente do México. Folhas lanceoladas, cartáceas, levemente pubescentes. Inflorescências masculinas em panículas terminais e femininas em espigas axilares com longos estames avermelhados (LORENZI, 2008a, p. 436).

Foi citada por uma/um especialista. O chá de suas sementes torradas é indicado no tratamento da anemia.



Nome local: Gaiteira

Nome científico: *Rhizophora mangle* L.

Família: Rhizophoraceae

Características: altura de 5-10 m, com grande número de raízes adventícias que não somente lhe garantem a fixação ao lodo como lhe fornecem a respiração. Folhas com pecíolo, lâmina elíptico ovalada. Inflorescências axilares, em cimeiras dicotômicas, com flores muito pequenas. Fruto baga, com uma única semente que germina no fruto, sendo que a radícula, ao se desprender da planta, se enterra no lodo. Ocorre do Amapá até Santa Catarina, nas restingas e mangues da orla Atlântica (LORENZI, 2009a, p. 296).

Foi citada por uma/um especialista. O chá do cavaco (casca do tronco) é indicado para o interrompimento da gravidez (abortar).



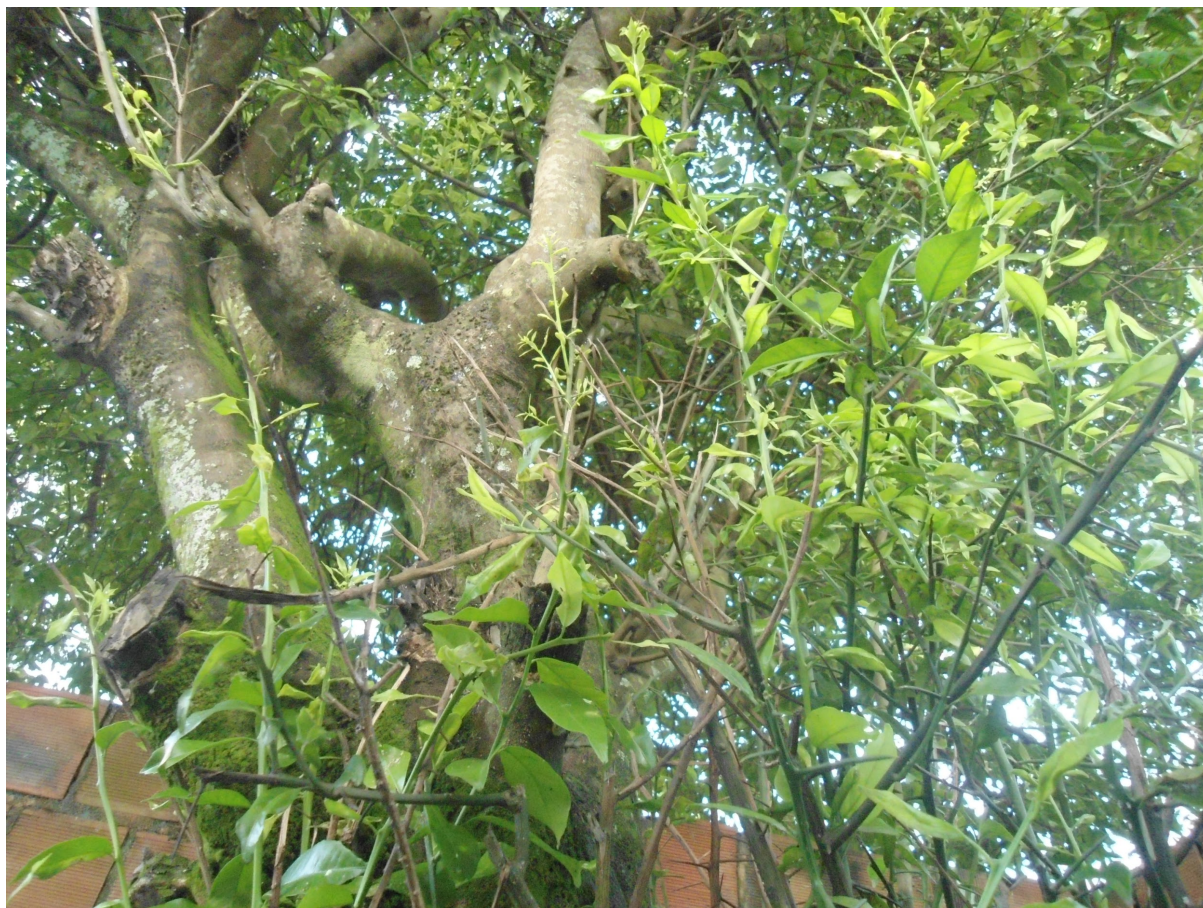
Nome local: Vassoura de botão

Nome científico: ***Spermacoce verticillata*** L.

Família: Rubiaceae

Características: herbácea perene, ereta, ramificada principalmente na base, a qual é lenhosa em exemplares velhos, de 30 a 60 cm de altura, nativa do continente Americano, incluindo todo o território brasileiro. Folhas simples. Flores pequenas, de cor branca, dispostas em glomérulos globosos terminais e axilares semelhantes a capítulos (LORENZI, 2008a, p. 464).

Foi citada por uma/um especialista. O chá das raízes e das flores (inflorescência) é indicado no tratamento da tosse.



Nome local: Laranja cravo

Nome científico: ***Citrus reticulata*** Blanco

Família: Rutaceae

Características: arvoreta perenifólia, com espinhos axilares, de 3 – 5 m de altura. Folhas simples com pecíolo estreitamente alado. Flores perfumadas, axilares, solitárias ou reunidas em 2-4. Frutos arredondados com achatamento nos polos, de casca fina com pontos glandulares. Nativa no sudoeste da China e nordeste da Índia (LORENZI et al., 2006, p. 552).

Foi citada por quatro especialistas. O chá e o banho das folhas são indicados no tratamento da insônia; do diabetes e de inchaço nas pernas.



Nome local: Afavaca de cobra

Nome científico: ***Ertela trifolia*** (L.) Kuntze

Família: Rutaceae

Características: erva ou subarbusto perene, ereto ramificado, fracamente aromático, de 25-40 cm de altura, nativo de sub-bosques em matas e capoeiras de terra firme da região Amazônica. Folhas compostas trifolioladas. Flores pequenas, de cor branca, solitárias ou reunidas em racemos curtos (LORENZI, 2008a, p.472).

Foi citada por uma/um especialista. O chá da raiz é indicado no tratamento de problemas na uretra.



Nome local: Pimenta malagueta

Nome científico: *Capsicum frutescens* L.

Família: Solanaceae

Características: os diversos tipos de pimentas e pimentões são classificados como espécies do gênero *Capsicum*. Dentro de cada espécie existem numerosas variedades com diferenças no tamanho, na cor e na forma das folhas e dos frutos, bem como na intensidade da picância. São geralmente subarbustos esparsamente ramificados, com folhas simples, inteiras. Flores solitárias e numerosas. As pimentas são todas originárias do continente Americano, incluindo o Brasil (LORENZI, 2008a, p. 499).

Foi citada por uma/um especialista. A utilização da folha como emplastro foi indicado no tratamento de caroços.



Nome local: Tomate

Nome científico: *Solanum lycopersicum* L.

Família: Solanaceae

Características: planta anual, ereta, com ramos herbáceos subscandentes e muito ramificada, com folhas pinatissectas de formas variadas. Flores amarelas, dispostas em pequenos cachos. Fruto comestível do tipo baga, de forma variada, de casca fina e vermelha (LORENZI, 2008a, p. 513).

Foi citada por uma/um especialista. A utilização da pele do fruto como emplastro foi indicado no tratamento de caroços.



Nome local: Jurubeba

Nome científico: ***Solanum paniculatum*** L.

Família: Solanaceae

Características: arbusto de 1,5-2,5 m de altura, um pouco espinhento, nativo de quase todo o Brasil. Folhas simples, inteiras ou variavelmente lobadas, com acúleos aciculares. Flores azul claras. Os frutos são bagas esféricas ou ovaladas, de cor verde amarelada quando maduras (LORENZI, 2008a, p.515).

Foi citada por duas/dois especialistas. O chá de sua raiz e o sumo de seus frutos são indicados no tratamento da tosse, sinusite e do diabetes.



Nome local: Agarrida

Nome científico: *Turnera subulata* Sm.

Família: Turneraceae

Características: herbácea perene, ereta, ramificada, nativa nas restingas litorâneas da América tropical (incluindo o Nordeste do Brasil), de 30-50 cm de altura. Folhas ovalado alongadas, pubescente. Flores branco-amareladas ou brancas que se abrem pela manhã (LORENZI, 2008c, p. 1041).

Foi citada por uma/um especialista. O chá da raiz é indicado no tratamento de inflamações.



Nome local: Chanana

Nome científico: *Turnera subulata* Sm.

Família: Turneraceae

Características: herbácea perene, ereta, ramificada, nativa nas restingas litorâneas da América tropical (incluindo o Nordeste do Brasil), de 30-50 cm de altura. Folhas ovalado-alongadas, pubescente. Flores branco-amareladas ou brancas que se abrem pela manhã (LORENZI, 2008c, p. 1041).

Foi citada por uma/um especialista. O chá de sua raiz é indicado no tratamento de inflamações.



Nome local: Cansação vermelha

Nome científico: ***Laportea aestuans*** (L.) Chew

Família: Urticaceae

Características: erva ou subarbusto ereto, anual, pouco ramificado, totalmente revestido de tricomas urticantes, de ramos geralmente avermelhados, de 40-120 cm de altura, nativo em todo território brasileiro. Folhas simples e longo pecioladas (KINUPP, 2014, p. 698).

Foi citada por uma/um especialista. O chá de sua raiz é indicado no tratamento de intoxicações.



Nome local: Chambá

Nome científico: *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br.

Família: Verbenaceae

Características: subarbusto de morfologia variável, alcançando até um metro e meio altura, raramente dois metros, nativa de quase todo o território brasileiro. As folhas são inteiras, opostas, de bordos serrados e ápice agudo. Flores azul arroxeadas, reunidas em inflorescências axilares capituliformes de eixo curto e tamanho variável. Os frutos são drupas globosas de cor róseo arroxeadas (LORENZI, 2008a, p. 525).

Foi citada por duas/dois especialistas. O chá de suas folhas foi indicado no tratamento de dores, como também para o tratamento de vários problemas de saúde (não foram citados).



Nome local: Erva cidreira / Cidreira

Nome científico: *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br.

Família: Verbenaceae

Características: subarbusto de morfologia variável, alcançando até um metro e meio altura, raramente dois metros, nativa de quase todo o território brasileiro. Seus ramos são finos, esbranquiçados, arqueados, longos e quebradiços. As folhas são inteiras, opostas, de bordos serrados e ápice agudo. Flores azul-arroxeadas, reunidas em inflorescências axilares capituliformes de eixo curto e tamanho variável (LORENZI, 2008a, p. 525).

Foi citada por quatro especialistas. O chá das folhas é indicado no tratamento de dor de barriga, para os nervos e pressão alta.



Nome local: Colônia

Nome científico: ***Alpinia zerumbet*** (Pers.) B.L Burt. & R.M. Sm.

Família: Zingiberaceae

Características: grande erva aromática, rizomatosa, de folhas longas e largas de pontas finas, com flores campanuladas coloridas de róseo, marrom e branca, dispostas em inflorescências semipendentes (LORENZI, 2008a, p. 539).

Foi citada por três especialistas. O chá e o banho das folhas e das flores são indicados no tratamento da gripe, tosse, problemas nos nervos, dores e insônia.

6.1.1. Essa eu não conheço!

As sete plantas aqui descritas não tiveram sua identificação taxonômica definida, porém, informações como seus nomes locais, características morfológicas, indicações, formas de uso e parte utilizadas são descritas. Há ainda fotografias de três dessas plantas para facilitar sua caracterização e identificação. Não houve a possibilidade de fotografar as demais plantas por razão das mesmas não se encontrarem no local.



Nome local: Erva de fígado

Características: planta herbácea, de caule roxeado com folhas pequenas, simples e opostas, sem presença de material reprodutivo. Não houve registro dessa planta na literatura consultada, assim, infelizmente, não foi possível realizar sua identificação. Segundo a especialista de ervas que a citou deve-se tomar banho com o chá das folhas para o tratamento de inflamações.



Nome local: Estanca sangue / Casadinho

Características: planta herbácea, folhas simples alternas com flores muito pequenas, de cor branca e dispostas em capítulos, por essas características acredita-se tratar de uma Asteraceae, porém, como não houve registro dessa planta na literatura consultada, infelizmente, não foi possível realizar sua identificação.

Segundo o conhecedor que a citou, as folhas devem ser maceradas para a extração de seu sumo que é indicado no tratamento de pancadas.



Nome local: Língua de vaca

Características: folhas simples, opostas cruzadas de margens denteadas e aromática quando maceradas, sem presença de material reprodutivo. Não houve registro dessa planta na literatura consultada, assim, infelizmente, não foi possível realizar sua identificação. Foi indicada por um especialista de ervas e uma especialista de ervas.

Das folhas faz-se chá que pode ser ingerido ou utilizado como banho para o tratamento do colesterol e inflamação uterina.

Nome local: Abeijuim

Essa planta não é encontrada no local, assim, não foi possível fotografá-la e realizar a coleta de material vegetativo e/ou reprodutivo, sem esse material não foi possível identificá-la. Acredita-se tratar-se de uma Fabaceae pois, segundo o especialista de ervas que a citou, seus frutos são “vagens”. As vagens são utilizadas como chá no tratamento de derrame (AVC).

Nome local: Quixaba

Essa planta não é encontrada no local, assim, não foi possível fotografá-la e realizar a coleta de material vegetativo e/ou reprodutivo, sem esse material não foi possível identificá-la. Sabe-se, no entanto, que se trata de uma árvore pela descrição do especialista de ervas que a citou. Da casca de seu tronco faz-se chá utilizado no tratamento de dores na coluna.

Nome local: Pitó

Essa planta não é encontrada no local, assim, não foi possível fotografá-la e realizar a coleta de material vegetativo e/ou reprodutivo, sem esse material não foi possível identificá-la. Sabe-se, no entanto, que se trata de uma árvore pela descrição do especialista de ervas que a citou. Tem como característica a casca de cor amarela. Da casca do tronco faz-se chá utilizado no tratamento de problemas no fígado e no baço.

Nome local: Quina-quina

Segundo o especialista de ervas que a citou essa planta encontra-se no povoado, porém, por se estar em um local de difícil acesso não houve a possibilidade de realizar coleta e fotografá-la, assim, não foi possível fazer sua identificação. Várias plantas são conhecidas popularmente como “quina-quina” a exemplos: *Myroxylon perruiferum* L. f. (Fabaceae) e *Cinchona calisaya* Wedd. (Rubiaceae); porém não se pode afirmar qual espécie de fato se trata. O chá da casca de seu tronco é indicado no tratamento da febre e diarreia.

6.2. Te benzo, te curo!

Nem sempre menos é pouco, em alguns casos menos pode ser mais, neste caso, se tratando de plantas utilizadas pela benzedeira e pelo curador em processos de cura, uma menor quantidade de plantas citadas representa uma grande possibilidade de cura entre a população.

Neste catálogo serão apresentadas as sete plantas, pertencentes à cinco famílias botânicas, que compõem o acervo mágico-ritualístico-religioso desta e desse especialista.



Nome local: Aroeira

Nome científico: ***Schinus terebinthifolia*** Raddi

Família: Anacardiaceae

Características: árvore mediana com 5-10 m de altura, perenifólia, dioica, de copa larga e tronco com 30-60 cm de diâmetro, revestido de casca grossa. Folhas compostas imparipinadas, com 3 a 10 pares de folíolos aromáticos. Flores masculinas e femininas muito pequenas, dispostas em panículas piramidais. Fruto do tipo drupa, globoide, aromático e adocicado, brilhante de cor vermelha. Ocorre ao longo da mata atlântica desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul (LORENZI, 2008a, p. 63).

Essa planta foi citada apenas pelo benzedor. Suas folhas são usadas na benzeção e como banho para desfazer feitiço.



Nome local: Pinhão roxo

Nome científico: ***Jatropha gossypifolia*** L.

Família: Euphorbiaceae

Características: arbusto ou árvore de até 5 m, com ramos e folhas arroxeados e pilosas quando jovens. Folhas simples. Flores arroxeadas, dispostas em cimeiras paniculadas. Fruto tipo cápsula, trissulcada, 3-locular, com 3 sementes oleaginosas, pardo-escuras com pintas negras, que são expulsas bruscamente com a deiscência do fruto (LORENZI, 2008a, p. 248).

Essa planta foi citada tanto pela benzedeira quanto pelo benzedor. As folhas dessa planta são usadas na benzeção para a retirada do mau olhado e desfazer feitiço.



Nome local: Carrapateiro

Nome científico: *Ricinus communis* L.

Família: Euphorbiaceae

Características: arbusto ou arvoreta de até 6 m de altura, com folhas grandes, palmatilobadas, de pecíolo longo. Flores dispostas em grupos sobre racemos terminais, as femininas ocupando a parte superior e as masculinas a parte inferior do eixo da inflorescência. Fruto tipo cápsula tricoca de deiscência explosiva. É originário da Índia ou da África (LORENZI, 2008a, p. 250).

Essa planta foi apenas pelo curandeiro. As folhas dessa planta são usadas na benzeção para a retirada do mau olhado.



Nome local: Manjerioba

Nome científico: ***Senna occidentalis*** (L.) Link

Família: Fabaceae

Características: subarbusto de até 2 m de altura, geralmente menos, de folhas compostas pinadas. Flores amarelas com nervuras cor de laranja dispostas em racemos. Fruto tipo vagem. É nativa da América Tropical (LORENZI, 2008a, p. 265).

Essa planta foi citada apenas pela benzedeira. Suas folhas são usadas na benzeção para a retirada do mau olhado. Também foi indicado pela mesma o uso do chá das folhas para tratar a diarreia em adultos e das flores para tratar ventre caído em bebês.



Nome local: Manjeriçao

Nome científico: *Ocimum basilicum* L.

Família: Lamiaceae

Característica: subarbusto aromático, anual, ereto, muito ramificado, de 30-50 cm de altura, nativo da Ásia tropical. Folhas simples. Flores brancas (LORENZI, 2008a, p. 319).

Essa planta foi citada apenas pelo curandeiro. As folhas são usadas na benzeção para a retirada do mau olhado.



Nome local: Jurema

Nome científico: *Vitex agnus-castus* L.

Família: Lamiaceae

Características: arbusto grande ou arvoreta, de 1,5-3,0 m de altura, nativo da África. Folhas compostas palmadas, aromáticas. Flores labiadas azuis, dispostas em inflorescências paniculiformes axilares e terminais (LORENZI, 2008a, p. 336).

Essa planta foi citada apenas pelo curandeiro. Suas folhas são usadas na benzeção para desfazer feitiço.



Nome local: Vassourinha

Nome científico: ***Scoparia dulcis*** L.

Família: Plantaginaceae

Características: erva anual de porte herbáceo, ereta, com caule lenhoso, fino e muito ramificado. Folhas inteiras de cor verde azulada, dispostas em verticilos ou opostas. Flores muito pequenas, brancas, que geram frutos tipo cápsula. É originária da América Tropical (LORENZI, 2008a, p. 429).

Essa planta foi citada tanto pela benzedeira quanto pelo curandeiro. Toda a planta é usada na benzeção para a retirada do mau olhado.

6.3. Eu uso para!...

... Dor de cabeça, febre, pressão alta são alguns dos males que a população de Lages tratam com plantas, há ainda outros males ao qual se buscam tratamentos com as plantas. Estas, constituem uma farmacopeia de 104 espécies, pertencentes a 49 famílias taxonômicas, que aqui são apresentadas.



Nome local: Calmante / Camomila

Nome científico: ***Justicia pectoralis*** var. *stenophylla* Leonard

Família: Acanthaceae

Características: pequena erva sempre verde, perene, subereta, com até 40 cm de altura. Folhas simples, estreitas e longas (LORENZI, 2008a, p. 37).

Foi citada por duas pessoas. De suas folhas faz-se chá utilizado como calmante e para problemas no coração.



Nome local: Sabugueiro

Nome científico: ***Sambucus australis*** Cham. & Schltdl.

Família: Adoxaceae

Características: “arbusto grande ou arvoreta de 3-4 m de altura, nativa do Sul da América do Sul, incluindo o Brasil. Folhas compostas imparipinadas, exalando forte odor desagradável quando amassadas. Flores pequenas, de cor branca. Os frutos são drupas globosas de cor roxo-escura quando maduras (LORENZI, 2008a, p. 40).

Foi citada por 12 pessoas. De suas flores e folhas faz-se chá e lambedor utilizados no tratamento da gripe; febre; tosse; catarro; cansaço; sarampo e catapora.



Nome local: Terramicina / Tetraciclina / Eritromicina / Ampicilina / Amoxilina / Penicilina

Nome científico: ***Alternanthera brasiliana*** (L.) Kuntze

Família: Amaranthaceae

Características: herbácea perene, de base lenhosa, de 60-120 cm de altura, nativa de áreas abertas de quase todo o Brasil, principalmente da região litorânea e Amazônia. Folhas simples de tons arroxeadas. Flores muito pequenas reunidas em densos glomérulos no ápice dos ramos (LORENZI, 2008a, p. 46).

Foi citada por 13 pessoas. De suas folhas faz-se chá; extrai-se o sumo; faz-se lambedor e também é usada em forma de emplastro no tratamento de inflamações, na cicatrização de feridas, no tratamento da gripe, tosse e caroços.



Nome local: Beijo

Nome científico: ***Celosia cristata*** L.

Família: Amaranthaceae

Características: herbácea anual, originária da América Tropical, de 30-80 cm de altura, com caule ereto, suculento e não ramificado. Inflorescências terminais, espessas e achatadas, aveludadas, em diversas cores: vermelhas, esbranquiçadas, róseas ou creme amareladas (LORENZI, 2008c, p. 167).

Foi citada por duas pessoas. Com suas flores (inflorescências) pode ser feito chá e lambedor usados no tratamento da gripe.



Nome local: Mastruz

Nome científico: *Chenopodium ambrosioides* L.

Família: Amaranthaceae

Características: erva perene ou anual muito ramificada, com até 1 m de altura. Folhas simples, alternas, pecioladas. Flores pequenas, verdes, dispostas em espigas axilares densas. Fruto muito pequenos do tipo aquênio. Toda planta tem cheiro forte. É originário da América central e do Sul (LORENZI, 2008a, p. 49).

Foi citada por 22 pessoas. Suas folhas podem ser tomadas com leite ou na forma de chá e lambedor usados no tratamento da gripe; tosse; contra vermes; catarro e inflamações.



Nome local: Acônito/Acônico/Acrônico

Nome científico: *Pfaffia glomerata* (Spreng.) Peder. Pedersen

Família: Amaranthaceae

Características: erva ou arbusto perene. Ramos flexíveis com nós articulados, alcançando 2 a 3 m de altura. Raízes tuberosas geralmente bifurcadas. Folhas simples, opostas. Inflorescência glomerulada. Flores muito pequenas, esbranquiçadas (MENDONÇA et al., 2014, p. 37).

Foi citada por três pessoas. De suas folhas e flores faz-se chá utilizado contra febre.



Nome local: Cebola branca

Nome científico: *Allium ascalonicum* L.

Família: Amaryllidaceae

Características: planta herbácea, vivaz, bulbosa, de folhas radicais ou rosuladas estreitas, compridas, de cor verde glaucas de nervura paralelinérvea, retinérvea, ensiformes. Flores pequenas, brancas e pedunculadas reunidas em umbela terminal. Fruto do tipo cápsula (GRANDI, 2014, p. 93).

Foi citada por três pessoas. Da “cebola” (bulbo) faz-se lambedor utilizado no tratamento da gripe.



Nome local: Cebola

Nome científico: *Allium cepa* L.

Família: Amaryllidaceae

Características: “planta herbácea, originária da Pérsia, anual, raiz cabeleira, caule subterrâneo, bulbo tunicado, com folhas subterrâneas denominadas catafilos. Folhas aéreas, compridas, cilíndricas e ocas. As flores são esverdeadas (GRANDI, 2014, p. 384).

Foi citada por duas pessoas. Com a “cebola” (bulbo) faz-se lambedor utilizado no tratamento da gripe e catarro.



Nome local: Alho

Nome científico: *Allium sativum* L.

Família: Amaryllidaceae

Características: erva bulbosa, pequena, de cheiro forte e característico, perene, com bulbo formado de 8-12 bulbilhos (dentes). Folhas lineares e longas. Flores brancas ou avermelhadas, dispostas em umbela (LORENZI, 2008a, p. 44).

Foi citada por cinco pessoas. De seus “dentes” (bulbilhos) faz-se lambedor e chá utilizados no combate a gripe e pressão alta.



Nome local: Cajueiro roxo

Nome científico: *Anacardium occidentale* L.

Família: Anacardiaceae

Características: árvore de 2-10 m de altura, com tronco tortuoso. Folhas coriáceas. Flores bissexuais, dispostas em panículas. O pedúnculo engrossado é considerado “fruto” (pseudofruto), enquanto a castanha é o verdadeiro fruto. É nativo nos campos e dunas da costa norte do país e muito cultivado nas regiões Norte e Nordeste (LORENZI et al., 2006, p. 36).

Foi citada por duas pessoas. Da casca do tronco faz-se chá utilizado no tratamento de inflamações.



Nome local: Aroeira

Nome científico: ***Schinus terebinthifolia*** Raddi

Família: Anacardiaceae

Características: árvore mediana com 5-10 m de altura, perenifólia, dioica, de copa larga e tronco com 30-60 cm de diâmetro, revestido de casca grossa. Folhas compostas imparipinadas, com 3 a 10 pares de folíolos aromáticos. Flores masculinas e femininas muito pequenas, dispostas em panículas piramidais. Fruto do tipo drupa, globoide, aromático e adocicado, brilhante de cor vermelha. Ocorre ao longo da mata atlântica desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul (LORENZI, 2008a, p. 63).

Foi citada por 25 pessoas. A casca de seu tronco e suas folhas são utilizadas como chá no tratamento de inflamações; da diarreia e de dor de barriga.



Nome local: Ciriguela

Nome científico: ***Spondias purpurea*** L.

Família: Anacardiaceae

Características: árvoreta caducifolia de 3 – 6 m de altura, nativa da América Central. Folhas pinadas. Flores discretas, unissexuadas e andróginas na mesma planta. Frutos do tipo drupa, com polpa doce-acidulada, muito saborosa. É nativa da América Central (LORENZI et al., 2006, p. 357).

Foi citada por uma pessoa. De suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento da diarreia.



Nome local: Craçá / Graviola

Nome científico: ***Annona muricata*** L.

Família: Annonaceae

Características: árvore de até 8 m de altura. Folhas obovada oblongas. Flores solitárias, com cálice de sépalas triangulares e pétalas externas grossas de cor amarelada. Frutos, do tipo baga, com superfície ouriçada. Originária da América Tropical (LORENZI, 2008a, p.67).

Foi citada por quatro pessoas. De suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento do colesterol; da pressão alta; inflamação e problemas nos rins e fígado.



Nome local: Imbira vermelha

Nome científico: *Xylopia* sp.

Família: Annonaceae

Características: árvore de 4-30 m de altura. Folhas simples, alternas, curto pecioladas. Inflorescências em glomérulos axilares, com flores hermafroditas (LORENZI, 2002a, p.33 e 36).

Foi citada por duas pessoas. Com suas sementes faz-se garrafada utilizada contra picada de cobra e inflamações e o chá é utilizado no tratamento de dor de barriga.



Nome local: Coentro

Nome científico: *Coriandrum sativum* L.

Família: Apiaceae

Características: herbácea ereta, anual, ramificada, aromática, de 30-50 cm de altura, nativa da região Mediterrânea. Folhas compostas bipinadas. Flores pequenas, brancas, dispostas em umbelas terminais acima da folhagem. Os frutos são aquênios estriados (LORENZI, 2008a, p. 74).

Foi citada por uma pessoa. Com suas folhas pode-se fazer chá, ao qual lava-se internamente o nariz, para o tratamento da sinusite, e como lambedor utilizado no tratamento da tosse.



Nome local: Erva doce

Nome científico: *Foeniculum vulgare* Mill.

Família: Apiaceae

Característica: erva perene ou bienal, entouceirada, aromática, de 40-90 cm de altura, nativa da Europa e amplamente cultivada em todo o Brasil. Folhas inferiores alargadas e superiores mais estreitas, com pecíolo alargado como bainha que envolve o caule, compostas pinadas. Flores pequenas, hermafroditas, de cor amarelada, dispostas em umbelas compostas por umbelas menores. Os frutos são oblongos, compostos por dois aquênios (LORENZI, 2008a, p. 78).

Foi citada por seis pessoas. Com a “erva” (sementes) faz-se chá utilizado no tratamento de dor de barriga; gases e problemas no coração.



Nome local: Boa noite

Nome científico: *Catharanthus roseus* (L.) G. Don

Família: Apocynaceae

Características: subarbusto perene, mas de vida curta, de até 80 cm de altura. Folhas opostas, inteiras, ovais. Flores solitárias ou geminadas, axilares, com pétalas de cor rósea mais ou menos escura, ou branca com ou sem ocelo vermelho. Originária, provavelmente de Madagascar e de ocorrência pantropical (LORENZI, 2008a, p. 85).

Foi citada por uma pessoa. Com suas raízes faz-se chá utilizado no tratamento de problemas menstruais.



Nome local: Bom dia / Boa noite

Nome científico: ***Catharanthus roseus*** (L.) G. Don

Família: Apocynaceae

Características: subarbusto perene, mas de vida curta, de até 80 cm de altura. Folhas opostas, inteiras, ovais. Flores solitárias ou geminadas, axilares, com pétalas de cor rósea mais ou menos escura, ou branca com ou sem ocelo vermelho. Originária, provavelmente de Madagascar e de ocorrência pantropical (LORENZI, 2008a, p. 85).

Foi citada por duas pessoas. Com suas raízes faz-se chá utilizado no tratamento de inflamações e problemas na próstata.



Nome local: Catolé

Nome científico: *Attalea* sp.

Família: Arecaceae

Características: palmeira ereta, de caule simples, curto ou subterrâneo, raramente até 1 m de comprimento, com 4-6 folhas rígidas de 1,4 m de comprimento sobre pecíolo de 20 cm (LORENZI, 2008b, p. 85).

Foi citada por uma pessoa. De suas raízes faz-se chá utilizado no tratamento do diabetes.



Nome local: Coco verde

Nome científico: ***Cocos nucifera*** L.

Família: Arecaceae

Características: palmeira muito comum na costa Atlântica do Nordeste do Brasil, com até 30 m de altura, coroada por um penacho de grandes folhas pinadas. Inflorescência, formada por um conjunto ramificado contendo numerosas flores pequenas, estando as masculinas na parte superior e as femininas nas ramificações inferiores, protegida por uma espata lenhosa em forma de canoa virada. Fruto, uma grande drupa ovoide ou elipsoide (LORENZI, 2008a, p. 99).

Foi citada por uma pessoa. Da “bucha”(mesocarpo) faz-se chá utilizado no tratamento da diarreia.



Nome local: Anador

Nome científico: *Artemisia* sp.

Família: Asteraceae

Características: planta perene, herbácea, fortemente rizomatosa, ereta, pouco ramificada, com forte aroma de losna, densamente foliosa, de 30-60 cm de altura, originária da Ásia. Folhas pinatipartidas. Flores esbranquiçadas, reunidas em capítulos pequenos dispostos em panículas terminais (LORENZI, 2008a, p. 121).

Foi citada por quatro pessoas. De suas folhas faz-se chá e lambedor usados no tratamento de dores (de barriga) e contra tosse.



Nome local: Federal

Nome científico: *Acanthospermum hispidum* DC.

Família: Asteraceae

Características: planta anual, herbácea, ereta, de frutos espinhentos, com caule denso pubescente, de 30 a 100 cm de altura, originária da América tropical (LORENZI, 2008b, p. 91).

Foi citado por 15 pessoas. De sua raiz e folhas faz-se chá utilizado no tratamento da gripe; tosse; inflamação e sinusite.



Nome local: Erva Santa

Nome científico: *Ayapana triplinervis* (Vahl) R.M. King & H. Rob.

Família: Asteraceae

Características: erva perene, cespitosa, pilosa. Ramos eretos alcançando até 60 cm de altura. Folhas opostas cruzadas, aromáticas, lâmina com base atenuado-enlarguecida até a base do pecíolo; venação triplinérvea (MENDONÇA et al., 2014, p. 36).

Foi citada por 12 pessoas. De suas folhas faz-se chá e lambedor utilizados no tratamento da gripe; febre; intoxicação; tosse e alergia.



Nome local: Picão

Nome científico: *Bidens* sp.

Família: Asteraceae

Características: planta anual, herbácea, ereta, de 30-140 cm de altura, bastante ramificada. Flores reunidas em capítulos terminais. Os frutos são aquênios alongados e de cor preta, com ganchos aderentes numa das extremidades (LORENZI, 2008b, p.108-109).

Foi citada por 14 pessoas. De suas raízes e folhas faz-se chá utilizado no tratamento de inflamações; para emagrecer; no tratamento do colesterol; dores; gastrite e diabetes.



Nome local: Camomila

Nome científico: *Chamomilla recutita* (L.) Rauschert

Família: Asteraceae

Características: planta herbácea, anual, aromática, de até um metro de altura com folhas pinatisssectas. Flores reunidas em capítulos compactos, agrupados em corimbos, com as flores centrais amarelas e as marginais de corola ligulada branca. Fruto do tipo aquênio. É nativa dos campos da Europa. A parte usada para fins terapêuticos é constituída dos capítulos florais secos (LORENZI, 2008a, p. 127).

Foi citada por sete pessoas. De suas flores e folhas faz-se chá utilizado como calmante e para problemas no coração.



Nome local: Picão agulha de cachorro

Nome científico: ***Cosmos caudatus*** Kunth

Família: Asteraceae

Características: planta anual, herbácea, ereta, ramificada, de ramos longos e escassamente pilosos, de 1-2 m de altura, inflorescências em capítulos com brácteas rosadas. É nativa da América Tropical (LORENZI, 2008b, p. 126).

Foi citada por uma pessoa. De suas folhas faz-se chá utilizado para emagrecer.



Nome local: Marcela de quitoco

Nome científico: *Pluchea sagittalis* (Lam.) Cabrera

Família: Asteraceae

Características: subarbusto anual ou perene dependendo das condições, ereto, aromático, de caule herbáceo. Folhas simples, alternas, rígido pubescentes, com estípulas se estendendo pelo caule. Flores lilacíneas, em capítulos oblongos reunidos em panículas corimbiformes terminais. Os frutos são do tipo aquênio, muito pequenos. É originário do continente americano e muito frequente nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (LORENZI, 2008a, p. 154).

Foi citada por uma pessoa. De suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento de dores.



Nome local: José de souza leão

Nome científico: *Tithonia diversifolia* (Hemsl.) A. Gray

Família: Asteraceae

Características: arbusto sublenhoso, ereto, vigoroso, ramificado, originário do México, de 1,5-2,5 m de altura, com ramagem vigorosa, mas quebradiça. Folhas inteiras ou lobadas. Inflorescências terminais e axilares, com flores amarelas vistosas, reunidas em capítulos solitários grandes, semelhantes aos girassóis (LORENZI, 2008c, p. 390).

Foi citada por uma pessoa. Com suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento da tosse e do diabetes.



Nome local: Alcachofra

Nome científico: ***Vernonia condensata*** Baker

Família: Asteraceae

Características: arbusto grande ou arvoreta, pouco ramificada, de ramos quebradiços, de 2-4 m de altura, nativa da África Tropical. Folhas simples, inteira, com sabor amargo seguido de doce quando mastigadas. Flores discretas, de coloração esbranquiçada, reunidas em pequenas panículas terminais e axilares de capítulos alongados (LORENZI, 2008a, p. 165).

Foi citada por 13 pessoas. De suas folhas faz-se chá utilizado contra problemas no fígado; no tratamento do colesterol; da pressão alta; do diabetes; problemas de estômago e dos rins; inflamação; contra cólicas menstruais e para emagrecer.



Nome local: Coqueirinho

Nome científico: ***Fridericia chica*** (Humb. & Bonpl.) L.G. Lohmann

Família: Bignoniaceae

Características: arbusto de ramos escandentes, nativo de quase todo o Brasil. Folhas compostas bi ou trifolioladas. Flores campanuladas de cor róseo lilacina, dispostas em panículas terminais. Frutos tipo cápsula deiscentes (LORENZI, 2008a, p. 174).

Foi citada por uma pessoa. De suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento de inflamações.



Nome local: Fedegoso

Nome científico: *Heliotropium indicum* L.

Família: Boraginaceae

Características: pequena planta herbácea anual, ereta, ramificada, de textura um tanto carnosa, de 50-70 cm de altura, encontrada em todo o território brasileiro. Folhas simples, de superfície bulada com nervuras impressas na face superior. Flores de cor azulada clara (LORENZI, 2008a, p. 184).

Foi citada por uma pessoa. Com suas raízes faz-se lambedor utilizado no tratamento da gripe.



Nome local: Mussambê

Nome científico: ***Cleome affinis*** DC.

Família: Brassicaceae

Características: planta anual, um pouco espinhenta, ereta, muito ramificada, levemente glandulosa, pubescente, herbácea, de 30-50 cm de altura, nativa do Brasil. Propaga-se exclusivamente por sementes (LORENZI, 2008b, p. 204).

Foi citada por 10 pessoas. Da raiz, das flores ou de toda a planta faz-se chá utilizado no tratamento da gripe, de inflamações e tosse.



Nome local: Agrião

Nome científico: *Nasturtium officinale* R. Br.

Família: Brassicaceae

Características: herbácea perene, aquática, aromática, de ramos ocos, com raízes adventícias nos nós, de 15 – 30 cm de altura, nativa da Europa. Flores pequenas e brancas. Existe uma variedade que cresce em terreno normal (LORENZI, 2008a, p. 196).

Foi citada por duas pessoas. De suas folhas faz-se lambedor e chá utilizados no tratamento da gripe e dores de barriga.



Nome local: Mamão

Nome científico: *Carica papaya* L.

Família: Caricaceae

Características: arbusto lactescente, de caule fistuloso, ereto, não ramificado, de 2-3 m de altura, nativo da América Central e Caribe. Folhas palmatilobadas com pecíolos longos e ocos. Flores unissexuais ou hermafroditas, de cor creme. Fruto tipo baga piriforme (LORENZI, 2008a, p. 203).

Foi citada por uma pessoa. Com seu fruto faz-se lambedor utilizado no tratamento da gripe.



Nome local: Gajuru

Nome científico: ***Chrysobalanus icaco*** L.

Família: Chrysobalanaceae

Características: árvore perenifólia, de 4-6 m de altura, nativa do Norte do Brasil desde o Pará até o Ceará, especialmente nas restingas litorâneas e nas margens dos grandes rios próximos ao oceano. Folhas simples. Flores alvas, reunidas em curtos racemos axilares. Os frutos são drupas elipsoides, de cor preta, amarela ou vermelha, dependendo da variedade, com polpa succulenta, branca e adocicada (Lorenzi, 2008a, p. 212).

Foi citada por uma pessoa. Com suas raízes faz-se chá utilizado no tratamento do diabetes.



Nome local: Amêndoa

Nome científico: *Terminalia catappa* L.

Família: Combretaceae

Características: árvore caducifólia, de 12 – 15 m de altura, originária da Ásia e Madagascar. Folhas alternas, grandes, agrupadas a espaços ao longo dos ramos e nas extremidades, de cor verde e marrom-avermelhada. Inflorescências axilares na extremidade dos ramos, pendentes, em racemos, com flores brancas e pequenas. Frutos drupa, amarelo-esverdeados ou rosa arroxeados, com uma asa rudimentar. Semente (amêndoa) dura, comestível, envolvida por casca fibrosa, contendo óleo fino (LORENZI et al., 2003, p. 124).

Foi citada por uma pessoa. De suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento de problemas nos rins.



Nome local: Pra tudo

Nome científico: *Kalanchoe brasiliensis* Camb.

Família: Crassulaceae

Características: erva perene, de até 2 m de altura. Folhas opostas, suculentas, ovadas ou obovadas, crenado dentada. Flores na cor laranja, pequenas, dispostas em cimeiras paniculadas (GRANDI, 2014, p. 1026).

Foi citada por 13 pessoas. De suas folhas faz-se chá e lambedor utilizados no tratamento da gripe; tosse; febre; dores; inflamação e gastrite.



Nome local: Saião

Nome científico: *Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken

Família: Crassulaceae

Características: as espécies dessa família são plantas herbáceas ou sublenhosas, pouco ramificadas, que atingem até um metro de altura, especialmente durante a floração. Têm folhas suculentas, ovaladas ou obovadas, de margem ondulada a subcrenada (LORENZI, 2008a, p. 223).

Foi citada por uma pessoa. De suas folhas extrai-se o sumo utilizado no tratamento da gastrite.



Nome local: Cabacinho

Nome científico: *Luffa operculata* (L.) Cogn.

Família: Cucurbitaceae

Características: trepadeira herbácea, anual, de caule muito ramificado, volúvel, delgado, com até 10 m de comprimento. Folhas simples, recortadas. Flores amarelo-pálidas. Frutos oblongos-ovoides a fusiformes, de deiscência opercular, com pericarpo papiráceo, com 5 séries de espinhos curtos, envolvendo um mesocarpo fibroso, frouxo, com três cavidades longitudinais contendo numerosas sementes. É nativa da América do Sul, especialmente do Brasil (LORENZI, 2008a, p. 229).

Foi citada por uma pessoa. De seu fruto é feito um rapé que inalado cura a sinusite; porém há várias advertências quanto a dosagem e a forma de usar, pois o uso incorreto pode levar a morte (informante).



Nome local: Chuchu

Nome científico: ***Sechium edule*** (Jacq.) Sw.

Família: Cucurbitaceae

Características: trepadeira perene, com tubérculo subterrâneo grande e rico em amido, com ramos promovidos de gavinhas. É nativa da América Central, principalmente do México. Folhas simples. Flores amarelas. Fruto piriforme, suculento, de casca rugosa e espinhenta (LORENZI, 2008a, p. 233).

Foi citado por três pessoas. Do fruto faz-se chá e suco utilizados no tratamento da pressão alta.



Nome local: Palietária

Nome científico: ***Chamaesyce hirta*** (L.) Millsp.

Família: Euphorbiaceae

Características: planta anual, tenra, prostrada a subscendente, leitosa, pubescente, pouco ramificada, com ramos de 10-40 cm de comprimento, nativa da América Tropical e amplamente distribuída pelo território brasileiro (LORENZI, 2008b, p. 293).

Foi citada por uma pessoa. De sua raiz faz-se chá utilizado no tratamento de problemas renais.



Nome local: Cansação branca

Nome científico: ***Cnidoscolus urens*** (L.) Arthur

Família: Euphorbiaceae

Características: planta arbustiva, altamente lactescente, perene, ramificada, com caules providos de pelos urticantes ou glabros, de 1-3 m de altura, nativa de regiões tropicais e subtropicais da América (LORENZI, 2008b, p.296)

Foi citada por seis pessoas. Com sua raiz faz-se chá utilizado no tratamento de inflamações e gastrite.



Nome local: Pinhão branco

Nome científico: ***Jatropha curcas*** L.

Família: Euphorbiaceae

Características: arbusto de 3 a 4 m de altura, latexcente e muito resistente à seca. Folhas grandes e alternas. Flores pequenas, amarelo-esverdeadas. Fruto cápsula com três sementes. Espécie silvestre na Índia e na América tropical (VARIOS AUTORES, 2011, p. 80).

Foi citada por uma pessoa. Suas sementes são comidas para o tratamento de caroços na pele. Deve-se ter cuidado na forma de ingestão dessas sementes, há um processo a ser seguido, caso contrário os efeitos podem ser prejudiciais à saúde.



Nome local: Pinhão roxo

Nome científico: *Jatropha gossypifolia* L.

Família: Euphorbiaceae

Características: arbusto ou árvore de até 5 m, com ramos e folhas arroxeados e pilosas quando jovens. Folhas simples. Flores arroxeadas, dispostas em cimeiras paniculadas. Fruto tipo cápsula, trissulcada, 3-locular, com 3 sementes oleaginosas, pardo-escuras com pintas negras, que são expulsas bruscamente com a deiscência do fruto (LORENZI, 2008a, p. 248).

Foi citada por duas pessoas, suas folhas são utilizadas em banhos contra o mau olhado.



Nome local: Barbatimão

Nome científico: ***Abarema cochliacarpus*** (Gomes) Barneby & Grimes

Família: Fabaceae

Características: árvore de 3-10 m de altura, copa densa e arredondada. Folhas compostas bipinadas. Inflorescências em capítulos globosos, com flores de cor esbranquiçadas. Fruto do tipo legume plano circinado, que após a deiscência espontânea, contorce e deixa mostrar a superfície externa vermelha (LORENZI, 2009b, p.152).

Foi citada por 21 pessoas. Com a casca de seu tronco faz-se chá utilizado no tratamento de inflamações e para cicatrização; o banho íntimo, com o mesmo chá, é recomendado no tratamento de inflamações genitais e no álcool (solução hidroalcoólica) é indicado para cicatrização.



Nome local: Pata de vaca

Nome científico: ***Bauhinia monandra*** Kurz

Família: Fabaceae

Características: árvore perenifólia, de 5-7 m de altura, originária de Burma. Folhas grandes, simples, com um recorte em V formando dois lobos. Flores grandes, cor-de-rosa, de cinco pétalas, a inferior maior, rosa escura. Frutos tipo vagem (LORENZI et al., 2003, p.158).

Foi citada por duas pessoas. Com suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento do diabetes.



Nome local: Jucá

Nome científico: *Caesalpinia ferrea* var. *leiostachya* Benth.

Família: Fabaceae

Características: árvore de até 25 m de altura. O lenho, tanto do tronco como dos galhos, é quase branco, muito duro e difícil de quebrar. Folhas compostas bipinadas. Flores amarelas, com frutos tipo vagem (LORENZI, 2008a, p. 252).

Foi citada por uma pessoa. Com suas sementes faz-se garrafada utilizada no tratamento de inflamações.



Nome local: Guandu

Nome científico: ***Cajanus cajan*** (L.) Millsp.

Família: Fabaceae

Características: arbusto ereto, ramificado, pubescente, de 80-130 cm de altura. Folhas compostas trifolioladas. Flores amarelas, reunidas em pequenos racemos axilares. Os frutos são vagens indeiscentes com 3-7 sementes (LORENZI, 2008a, p. 278).

Foi citada por três pessoas. Suas folhas são utilizadas como chá, banhos e também podem ser fumadas indicadas no tratamento de inchaço nas pernas e de dores.



Nome local: Manjerioba

Nome científico: ***Senna occidentalis*** (L.) Link

Família: Fabaceae

Características: subarbusto de até 2 m de altura, geralmente menos, de folhas compostas pinadas. Flores amarelas com nervuras cor de laranja dispostas em racemos. Fruto tipo vagem. É nativa da América Tropical (LORENZI, 2008a, p. 265).

Foi citada por oito pessoas. Das flores e raiz faz-se chá utilizado no tratamento de diarreia (em especial nos bebês); do catarro e da gripe. Das folhas faz-se chá utilizado como banho contra o mau olhado.



Nome local: Arroz chocho

Nome científico: ***Zornia reticulata*** Sm.

Família: Fabaceae

Características: planta perene, herbácea, prostrada, ramificada, com flores amarelas, de 30-60 cm de comprimento, nativa do Brasil (LORENZI, 2008b, p. 353).

Foi citada por três pessoas. De sua raiz e folhas faz-se chá utilizado no tratamento da tosse; da inflamação; do diabetes; problemas na próstata e nos rins.



Nome local: Lacre / Laque

Nome científico: *Vismia* sp.

Família: Hypericaceae

Características: árvore pequena de 3 – 7 m de altura, com ramos novos ferrugíneo pubérulos que exsudam látex de cor amarelo alaranjada sob ferimento. É nativa de áreas de vegetação secundária de toda região Amazônica e da costa do Nordeste. Folhas simples, discolores (face inferior marrom dourada). Flores reunidas em inflorescências paniculadas terminais (LORENZI, 2008a, p.299).

Foi citada por uma pessoa. De suas folhas faz-se chá, que deve ser tomado frio, utilizado no tratamento de problemas nos rins.



Nome local: Alho do mato

Nome científico: *Eleutherine bulbosa* (Mill.) Urb.

Família: Iridaceae

Características: herbácea bulbosa e rizomatosa, acaule, entouceirada, de 20-30 cm de altura, nativa da América Tropical. Os bulbos são de cor vinho externamente, exsudando látex branco quando cortados. Folhas simples, inteiras. Flores brancas ou rosadas (LORENZI, 2008a, p. 300).

Foi citada por duas pessoas. Com seus bulbos faz-se chá e lambedor utilizados no tratamento da tosse.



Nome local: Hortelã da folha miúda

Nome científico: *Mentha* sp.

Família: Lamiaceae

Características: erva anual ou perene, ereta, de 30 a 60 cm de altura, com folhas oval-oblongas ou oblongo-lanceoladas, levemente denteadas, pubescentes e muito aromáticas. Flores esbranquiçadas, reunidas em inflorescências terminais (LORENZI, 2008a, p. 313).

Foi citada por 74 pessoas (planta com maior número de citações). Com suas folhas faz-se chá e lambedor utilizados no tratamento de dor de barriga, da gripe, da febre, de cólicas (intestinais e menstruais), do catarro, da tosse, da dor, da pressão alta, da diarreia, de problemas no coração e como calmante.



Nome local: Sambacaitá

Nome científico: *Hyptis* sp.

Família: Lamiaceae

Características: planta anual, ereta, ramificado, herbácea de base lenhosa, fortemente aromática, de ramos quadrangulares. Folhas simples, opostas e aromáticas. Flores dispostas em espigas terminais (LORENZI, 2008b, p. 382 e 384).

Planta facilmente encontrada no povoado. Foi citada por 29 pessoas. Das folhas, raiz e casca faz-se chá e das folhas extrai-se o sumo indicados no tratamento de inflamações; de cólicas menstruais; da tosse; da gripe; de dor de barriga; para a pele; limpeza do sangue; hemorróidas; cicatrização; gastrite e abortar.



Nome local: Manjeriçã

Nome científico: ***Ocimum basilicum*** L.

Família: Lamiaceae

Característica: subarbusto aromático, anual, ereto, muito ramificado, de 30-50 cm de altura, nativo da Ásia tropical. Folhas simples. Flores brancas, reunidas em racemos terminais curtos (LORENZI, 2008a, p. 319).

Planta cultivada em algumas casas do povoado. Foi citada por uma pessoa. De suas folhas faz-se chá ao qual é usado como banho contra o mau olhado.



Nome local: Afavaca

Nome científico: *Ocimum campechianum* Mill.

Família: Lamiaceae

Características: planta perene, ereta, ramificada, herbácea de base lenhosa, fortemente aromática, de caule quadrangular e quase glabo, de 40-80 cm de altura, nativa do Continente Americano (LORENZI, 2008b, p.390).

Foi citada por 13 pessoas. Suas folhas e sementes podem ser usadas como chá, lambedor e banhos no tratamento da gripe; do catarro; de resfriado e contra vermes.



Nome local: Hortelã da folha grossa

Nome científico: *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.

Família: Lamiaceae

Características: erva grande perene, ereta, muito aromática. Folhas deltoide-ovais, de base truncada e margem denteada. Flores azulada-claras ou róseas que só aparecem quando a planta é cultivada em locais de clima ameno. É originária da Ilha de Amboino na Nova Guiné (LORENZI, 2008a, p. 326).

Foi citada por 33 pessoas. Suas folhas são utilizadas como lambedor, chá ou sumo no tratamento da gripe, da dor de barriga, do catarro, da tosse, de aftas e gastrite.



Nome local: Hortelã do Pará

Nome científico: *Plectranthus* sp.

Família: Lamiaceae

Características: planta herbácea ou subarborescente, aromática, perene, pouco ramificada, de até 1,5 m de altura. Folhas opostas, simples, ovalada de bordos denteadas e de sabor muito amargo. Flores azuis, dispostas em inflorescências racemosas apicais. É originária da Índia (LORENZI, 2008a, p. 328).

Planta cultivada em um quintal no povoado. Foi citada por três pessoas. Suas folhas podem ser utilizadas como chá ou emplasto no tratamento de dores.



Nome local: Alecrim

Nome científico: *Rosmarinus officinalis* L.

Família: Lamiaceae

Características: pequena planta de porte subarbustivo lenhoso, ereta, pouco ramificado, de até 1,5 m de altura. Folhas lineares, coriáceas e muito aromáticas. Flores azulado claras, pequenas e de aroma forte muito agradável. É nativa da região Mediterrânea (LORENZI, 2008a, p. 330).

Foi citada por uma pessoa. Com suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento da gripe, de problemas intestinais e de memória.



Nome local: Jurema

Nome científico: ***Vitex agnus-castus*** L.

Família: Lamiaceae

Características: arbusto grande ou arvoreta, de 1,5-3,0 m de altura, nativo da África. Folhas compostas palmadas, aromáticas, com 5-7 folíolos lanceolados. Flores labiadas azuis, dispostas em inflorescências paniculiformes axilares e terminais. Os frutos são drupas globosas de cor roxo escuro (LORENZI, 2008a, p. 336).

Foi citada por uma pessoa. Suas folhas são utilizadas para banhos contra o mau olhado.



Nome local: Canela

Nome científico: ***Cinnamomum zeylanicum*** Blume

Família: Lauraceae

Características: árvore aromática de 6 a 12 m de altura, com folhas opostas, ovadas ou ovado lanceoladas, trinervadas. Flores numerosas, reunidas em racemos ramificados e dispostos em panículas terminais, de cor esverdeado amarelada. Fruto tipo drupa ovoide ou ovoide oblonga. É originária do Sri Lanka e do sudoeste da Índia (LORENZI, 2008a, p. 338).

Foi citada por cinco pessoas. Da casca do tronco e das folhas faz-se chá utilizado no combate ao vômito e da febre.



Nome local: Abacate

Nome científico: *Persea americana* Mill.

Família: Lauraceae

Características: árvore de 12-20m de altura, nativa da América Central. Folhas simples. Flores andróginas ou hermafroditas, pequenas, perfumadas, de cor verde amarelada (LORENZI, 2008a, p. 342).

Foi citada por três pessoas. Com suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento de problemas renais e intestinais.



Nome local: Romã

Nome científico: *Punica granatum* L.

Família: Lythraceae

Características: arbusto ramoso ou árvoreta de até 3 m de altura, com folhas simples. Flores solitárias, constituídas de corola vermelho-alaranjada e um cálice esverdeado, duro e coriáceo. Frutos tipo baga, globoides, com numerosas sementes envolvidas por um arilo róseo, cheio de um líquido adocicado. Muito provavelmente originária da Ásia (LORENZI, 2008a, p. 350).

Foi citada por 13 pessoas. Da casca do fruto e das folhas é feito o chá e as sementes tanto podem ser comidas quanto ser feito lambedor, utilizados no tratamento de problemas de garganta; inflamação; catarro e tosse.



Nome local: Acerola

Nome científico: ***Malpighia emarginata*** DC.

Família: Malpighiaceae

Características: arbusto de 3-6 m de altura, originário da América Central e muito cultivado no Brasil (LORENZI, 2008a, p. 354).

Foi citada por três pessoas. Dos seus frutos faz-se lambedor e suco utilizados no tratamento da gripe e da tosse.



Nome local: Algodão

Nome científico: ***Gossypium hirsutum*** L.

Família: Malvaceae

Características: subarbusto ou arbusto de aspecto variável e até 2 m de altura, pouco ramificado, com folhas coriáceas, pubescente e trilobadas. Flores amarelas com grandes brácteas denteadas. Os frutos são cápsulas oblongas, deiscentes, com as sementes cobertas de longas fibras brancas (LORENZI, 2008a, p. 355).

Foi citada por duas pessoas. Com as sementes e as folhas é feito chá utilizado no tratamento de caroços e cansaço (problemas respiratórios).



Nome local: Mutamba

Nome científico: ***Guazuma ulmifolia*** Lam.

Família: Malvaceae

Característica: árvore de 8 – 16 m de altura, nativa em quase todo território brasileiro. Folhas simples, ovaladas ou menos comumente elípticas. Frutos cápsulas equinocárpicas deiscentes, com polpa seca e adocicada. Ocorre em quase todo o Brasil, desde a Amazônia até o Paraná (LORENZI, 2008a e 2008d, p. 357 e 248).

Foi citada por duas pessoas. Da casca do tronco faz-se chá e lambedor utilizados no tratamento da gripe e da tosse.



Nome local: Boldo

Nome científico: *Peumus boldus* Molina

Família: Monimiaceae

Características: Árvore originária do Chile, que atinge de 12 a 15 metros de altura. Suas folhas são duras, oval elípticas, de coloração cinzento esverdeada e salpicadas de pequenas proeminências (HARAGUCHI & CARVALHO, 2010, p. 44).

Foi citada por 30 pessoas. Com suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento de dor de barriga; de problemas no fígado e para emagrecer.



Nome local: Fruta pão

Nome científico: *Artocarpus altilis* (Parkinson) Fosberg

Família: Moraceae

Características: árvore perenifólia e lactescente de 15 – 25 m de altura, nativa de uma vasta região da Ásia. Folhas simples, inteiras na base e lobos profundos no ápice. Inflorescência unissexuais, as masculinas em espigas cilíndricas e as femininas globosas. Frutos compostos, de polpa carnosa, doce e aromática, de cor creme (adocicada) ou amarela (muito doce), com ou sem sementes (LORENZI et al., 2006, p. 434).

Foi citada por uma pessoa. Com suas flores (inflorescência) faz-se chá utilizado no tratamento de inchaço nas pernas.



Nome local: Trapiá

Nome científico: *Dorstenia* sp.

Família: Moraceae

Características: erva rasteira ou semiereta, rizomatosa, de 15-25 cm de comprimento, nativa do Brasil. Folhas simples, membranáceas. Flores muito pequenas, unissexuais, reunidas num receptáculo capituliforme. Multiplica-se principalmente por rizomas. Ocorre no Brasil as espécies *Dorstenia cayapia* Vell., e *Dorstenia brasiliensis* Lam., com características e propriedades semelhantes (LORENZI, 2008a, p. 377).

Foi citada por uma pessoa. De sua "raiz" (rizoma) é feito chá utilizado no tratamento da tosse.



Nome local: Amora

Nome científico: ***Morus nigra*** L.

Família: Moraceae

Características: árvore caducifólia, de 7-12 m de altura, originária da China e Japão. Folhas simples, com as margens variavelmente lobadas em exemplares jovens e apenas serreadas em plantas adultas. Inflorescências unissexuais. Os frutos são drupas compostas, inicialmente vermelhos e depois pretos quando maduros, de polpa carnosa e agridoce (LORENZI et al., 2006, P. 442).

Foi citada por cinco pessoas. De suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento da pressão alta; do diabetes; do colesterol; da inflamação; de problemas na vesícula e para a menopausa.



Nome local: Bananeira

Nome científico: *Musa X paradisiaca* L.

Família: Musaceae

Características: planta herbácea suculenta, rizomatosa, de porte arbóreo. Folhas eretas. Inflorescência do tipo espiga (cacho), com flores masculinas, femininas e andróginas, separadas por brácteas e formada uma única vez na vida da planta, que morre após a frutificação. A maioria das cultivadas hoje plantadas originaram-se no Sudeste Asiático e evoluíram a partir de cruzamentos entre espécies selvagens diploides (LORENZI et al., 2006, p. 444).

Foi citada por três pessoas. Da bananinha (fruto em desenvolvimento); das flores e da “parte” roxa (brácteas) faz-se chá e lambedor utilizados no tratamento da diarreia e da tosse.



Nome local: Eucalipto

Nome científico: *Eucalyptus* sp.

Família: Myrtaceae

Características: árvore de grande porte medindo até 60 m de altura, com folhas opostas. Flores e botões florais solitárias na axila das folhas. É originária da Tasmânia (LORENZI, 2008a, p.385).

Foi citada por 16 pessoas. Das folhas faz-se chá e lambedor utilizados no tratamento da gripe, da febre e da tosse.



Nome local: Pitanga

Nome científico: *Eugenia uniflora* L.

Família: Myrtaceae

Características: arbusto ou árvore semidecídua, de 4-10 m de altura, rizomatosa, copa estreita. Folhas simples, com aroma característico quando amassadas. Flores de cor branca, solitárias ou em grupos. Fruto do tipo drupa, globoso e sulcados. Nativa do Brasil (LORENZI, 2008a, p. 387).

Foi citada por 12 pessoas. De suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento da diarreia e dor de barriga.



Nome local: Araçá

Nome científico: *Psidium* sp.

Família: Myrtaceae

Características: arbusto ou árvoreta perenifólia de 1-9 m de altura, com tronco e ramos com casca lisa e descamante de cor parda, encontrada nas restingas litorâneas, na Mata Atlântica e no Planalto Meridional. Folhas coriáceas, brilhantes e aromáticas. Flores axilares, solitárias, brancas, com pedúnculos. Frutos do tipo baga globoso, coroados pelas sépalas, com polpa succulenta, de sabor doce ácido (LORENZI et al., 2006, p. 336).

Foi citada por três pessoas. De suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento de dor de barriga e da diarreia.



Nome local: Goiabeira

Nome científico: *Psidium guajava* L.

Família: Myrtaceae

Características: árvore frutífera de copa aberta, de até 7 m de altura, com folhas opostas e aromáticas. Flores alvas, solitárias ou em grupos nas axilas das folhas. Fruto tipo baga. É nativa da América do Sul. São bem conhecidas suas duas variedades mais comuns, a de frutos com polpa vermelha e a de polpa branca (LORENZI, 2008a, p. 390).

Foi citada por 16 pessoas. Do “olho”(folhas jovens), faz-se chá e as flores mastigadas, ambos utilizadas no tratamento da diarreia e dor de barriga.



Nome local: Brinco de viúva

Nome científico: ***Syzygium cumini*** (L.) Skeels

Família: Myrtaceae

Características: árvore de até 10 m de altura, com folhas simples e frutos de cor roxo escuro, com uma única semente e coberta de polpa comestível, mucilaginosa, doce, mas adstringente. Originária da Indo-Malásia, China e Antilhas (LORENZI, 2008a, p. 394).

Foi citada por três pessoas. De suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento do colesterol e diabetes.



Nome local: Pega pinto

Nome científico: ***Boerhavia diffusa*** L.

Família: Nyctaginaceae

Características: herbácea bianual ou perene, suculenta, com muitos ramos vegetativos rasteiros e eretos, ramificados, de 50-70 cm de altura (pendão floral), com raiz tuberosa. Nativa de todo o Brasil e da América tropical. Folhas carnosas, simples. Flores pequenas, esbranquiçadas ou vermelhas, os frutos são pequenas cápsulas com pelos glandulares que se aderem à roupa e a pele (LORENZI, 2008a, p.395).

Foi citada por seis pessoas. De sua raiz faz-se chá utilizado no tratamento da gripe; da inflamação; da tosse e do catarro.



Nome local: Carambola

Nome científico: *Averrhoa carambola* L.

Família: Oxalidaceae

Características: árvore perenifólia, de 4-6 m de altura, de copa densa, arredondada e baixa, originária possivelmente da Índia e Malásia. Folhas compostas pinadas. Flores pequenas, de cor purpúrea ou rósea. Os frutos são bagas alongadas formadas por 5 gomos salientes, de cor amarelada ou alaranjada, contendo polpa carnosa aromática e agridoce (LORENZI, 2008a, p. 401).

Foi citada por uma pessoa. Com seus frutos faz-se suco utilizado no tratamento da pressão alta.



Nome local: Cardo santo

Nome científico: *Argemone mexicana* L.

Família: Papaveraceae

Características: planta espinhosa, de porte herbáceo, com até 1 m de altura, anual, com folhas lobadas, sésseis. Flores grandes com pétalas de cor amarela brilhante, muito vistosas. Fruto do tipo cápsula deiscente, oblongo angulosa, fortemente aculeado. É originária do México, mas encontrada também na Índia, África do Sul e Brasil (LORENZI, 2008a, p. 402).

Foi citada por uma pessoa. Com toda a planta faz-se chá utilizado no tratamento de derrame.



Nome local: Maracujá

Nome científico: *Passiflora edulis* Sims

Família: Passifloraceae

Características: trepadeira vigorosa com gavinhas, perene, de folhas alternas, trilobadas, com duas pequenas glândulas nectaríferas na base do limbo, com flores típicas das plantas desse gênero (LORENZI, 2008a, p. 409).

Foi citada por quatro pessoas. De seus frutos faz-se suco e de suas folhas chá utilizados como calmante e no tratamento da insônia e pressão alta.



Nome local: Quebra pedra

Nome científico: *Phyllanthus* sp.

Família: Phyllanthaceae

Características: erva ruderal, ereta, anual, ramificada horizontalmente, medindo até 40-80 cm de altura. Folhas simples, dispostas nos ramos parecendo uma folha composta. Flores diminutas, inseridas nas axilas das folhas, mas viradas para baixo. Frutos tipo cápsula tricoca. Ocorre em quase toda a região tropical. Cresce especialmente durante o período de chuva (LORENZI, 2008a, p.215).

Foi citada por 11 pessoas. De sua raiz e folhas faz-se chá utilizado no tratamento de problemas renais; do fígado; da barriga; infecção urinária; sinusite e tosse.



Nome local: Tipi / Atipi

Nome científico: ***Petiveria alliacea*** L.

Família: Phytolaccaceae

Características: herbácea ereta, perene, rizomatosa, com leve aroma de alho, de cerca de 70 cm de altura, com flores discretas, dispostas em longas inflorescências racemosas. É nativa da região Amazônica. O fruto é uma cápsula pequena, cuneiforme e dotada de espinhos que lhe servem de meio de disseminação por se prenderem em animais e roupas (LORENZI, 2008a, p.375).

Foi citado por uma pessoa. Com suas folhas faz-se chá ao qual é utilizado como banho contra mau olhado.



Nome local: Malvarisco

Nome científico: ***Piper marginatum*** Jacq.

Família: Piperaceae

Características: arbusto grande ereto ou arvoreta perenifólia, com ramos dotados de entrenós, de 2,0-3,5 m de altura, nativa de quase todo o território brasileiro. Folhas simples, alternas, pecioladas, de lâmina largamente ovada. Inflorescências axilares, em espigas finas e longas, com flores muito pequenas e discretas (KINNUP, 2014, p. 596).

Foi citada por uma pessoa. Com suas folhas faz-se chá, que pode ser ingerido ou usado como banho, utilizado no tratamento de inchaços nas pernas.



Nome local: Vassourinha

Nome científico: ***Scoparia dulcis*** L.

Família: Plantaginaceae

Características: erva anual de porte herbáceo, ereta, com caule lenhoso, fino e muito ramificado. Folhas inteiras de cor verde azulada, dispostas em verticilos ou opostas. Flores muito pequenas, brancas, que geram frutos tipo cápsula. É originária da América Tropical (LORENZI, 2008a, p. 429).

Foi citada por três pessoas. Das folhas faz-se chá e extrai o sumo utilizados no tratamento de pancadas, e com toda a planta toma-se banho contra o mau olhado.



Nome local: Capim santo

Nome científico: *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf

Família: Poaceae

Características: erva cespitosa quase acaule, com folhas longas, estreitas e aromáticas. Flores raras e estéreis em nossas condições. É originária do velho mundo (LORENZI, 2008a, p.433).

Foi citada por 54 pessoas. De suas folhas faz-se chá e lambedor utilizados no tratamento de dor de barriga, como calmante, para pressão alta, gripe, dor, vômito, tosse e problemas no fígado.



Nome local: Juá / Juazeiro

Nome científico: ***Ziziphus joazeiro*** Mart.

Família: Rhamnaceae

Características: árvore frondosa de até 6 m de altura com ramos armados de fortes espinhos. Folhas inteiras. Flores amarelo-esverdeadas, pequenas, reunidas em inflorescências cimosas. Fruto do tipo drupa, amarelado, com caroço grande coberto por polpa mucilaginosa, branca e doce. É nativa do Nordeste do Brasil (LORENZI, 2008a, p 447).

Interlocutoras/es afirmam que havia um exemplar dessa espécie em um sítio, mas a planta não foi encontrada no local indicado. Foi citada por uma pessoa. Com a casca do tronco faz-se chá utilizado no tratamento do catarro e do diabetes.

Nome local: Café

Nome científico: ***Coffea arabica*** L.

Família: Rubiaceae

Características: árvoreta ou arbusto grande, perene, com até 4 m de altura, ramificado desde a base. Folhas simples, opostas. Flores em glomérulos axilares, brancas e suavemente perfumadas. Fruto tipo baga, vermelho ou amarelo quando maduro. Originário Abissínia e de outras partes da África (LORENZI, 2008a, p.404).

Já foi cultivado na região, hoje compram-se os grãos. Foi citado por uma pessoa. Suas sementes são postas em molho na água e tomadas para o tratamento do diabetes.



Nome local: Jenipapo

Nome científico: ***Genipa americana*** L.

Família: Rubiaceae

Características: árvore de copa estreita, de 8 a 14 m de altura, nativa de várzeas úmidas ou encharcadas de todo território brasileiro. Folhas simples. Flores grandes, inicialmente brancas, passando amarelo quando fecundadas. Os frutos são bagas globosas, com polpa adocicada e sementes achatadas de cor creme (LORENZI, 2008a, p. 461).

Foi citada por cinco pessoas. Com seus frutos faz-se lambedor e suco utilizados no tratamento da gripe; da tosse e da anemia.



Nome local: None

Nome científico: ***Morinda citrifolia*** L.

Família: Rubiaceae

Características: arbusto ou árvoreta de 2- 6 m de altura, nativa da Índia, Malásia e regiões tropicais da Austrália. Folhas simples, coriáceas, glabras, verde-escuras, com estípulas arredondadas caducas. Flores andróginas, dispostas em capítulos axilares solitários ou em grupos de 2 – 3. o fruto é do tipo múltiplo (sincarpo), carnoso, de cheiro forte e sabor acidulado (LORENZI et al., 2006, p. 523).

Essa planta se popularizou nos últimos anos e vem sendo bastante cultivada no povoado. Foi citada por cinco pessoas. De suas folhas faz-se chá e com seus frutos faz-se suco e solução hidroalcoólica com álcool ou vinho utilizados no tratamento da pressão alta; do diabetes e de dores nas pernas, houve ainda quem informou que o mesmo serve para todo o tipo de problema de saúde.



Nome local: Vassoura de botão

Nome científico: ***Spermacoce verticillata*** L.

Família: Rubiaceae

Características: herbácea perene, ereta, ramificada principalmente na base, a qual é lenhosa em exemplares velhos, de 30 a 60 cm de altura, nativa do continente Americano, incluindo todo o território brasileiro. Folhas simples. Flores pequenas, de cor branca, dispostas em glomérulos globosos terminais e axilares semelhantes a capítulos (LORENZI, 2008a, p. 464).

Foi citada por quatro pessoas. De sua raiz e flores (inflorescências) faz-se chá utilizado no tratamento da gripe; da dor de barriga e de inflamação.



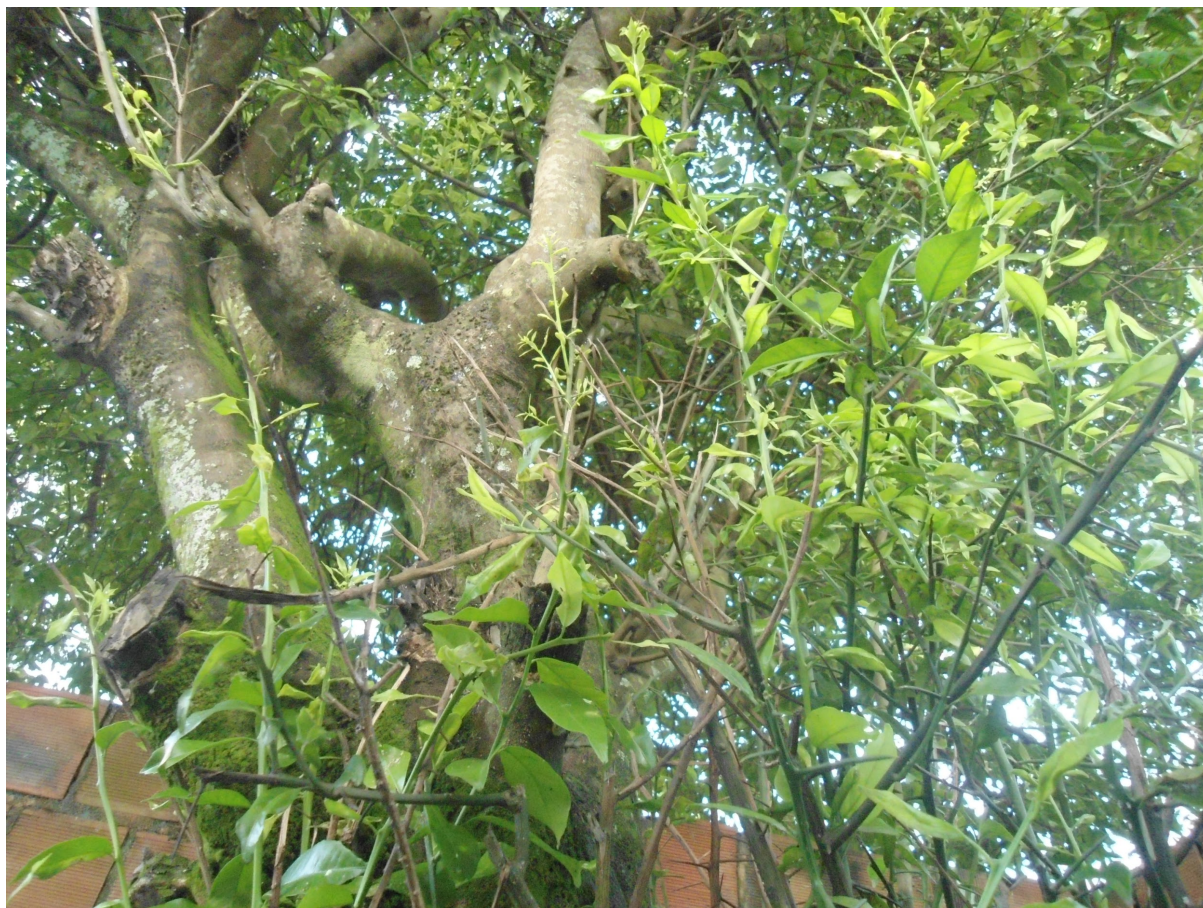
Nome local: Limão

Nome científico: *Citrus aurantifolia* (Christm.) Swingle

Família: Rutaceae

Características: árvore espinhenta de até 3 m de altura. Folhas simples, alternas, aromáticas, com pontuações translúcidas. Flores brancas, muito perfumadas. É originária do sudeste da Ásia (LORENZI et al, 2006, p. 527).

Foi citada por nove pessoas. De seus frutos e folhas faz-se chá; suco; lambedor e o sumo toma-se com mel utilizados no tratamento da gripe, de gases e para emagrecer.



Nome local: Laranja cravo

Nome científico: ***Citrus reticulata*** Blanco

Família: Rutaceae

Características: arvoreta perenifólia, com espinhos axilares, de 3 – 5 m de altura. Folhas simples com pecíolo estreitamente alado. Flores perfumadas, axilares, solitárias ou reunidas em 2-4. Frutos arredondados com achatamento nos polos, de casca fina com pontos glandulares. Nativa no Sudoeste da China e nordeste da Índia (LORENZI et al., 2006, p. 552).

Foi citada por oito pessoas. De suas folhas faz-se chá utilizado como calmante e no tratamento da pressão alta.



Nome lima: Laranja lima

Nome científico: ***Citrus sinensis*** (L.) Osbeck

Família: Rutaceae

Características: árvore perenifólia de 5-10 m de altura. Folhas subcoriáceas, glabras e lustrosas, aromáticas, com pecíolo variavelmente alado. Flores muito perfumadas, solitárias ou em agrupamentos de 2-6. Frutos globosos ou subglobosos, com casca aromática de difícil remoção, polpa subácida a doce. Originária possivelmente do Sul da China e nordeste da Índia. O cultivar “Lima” possui frutos com textura firme e casca média a grossa, suco de baixa acidez (LORENZI et al., 2006, p. 564).

Foi citada por uma pessoa. Com a casca de seu fruto faz-se chá utilizado no tratamento de dor de barriga.



Nome local: Laranja pera

Nome científico: *Citrus sinensis* (L.) Osbeck

Família: Rutaceae

Características: árvore perenifólia de 5-10 m de altura. Folhas subcoriáceas, glabras e lustrosas, aromáticas, com pecíolo variavelmente alado. Flores muito perfumadas, solitárias ou em agrupamentos de 2-6. Frutos globosos ou subglobosos, com casca aromática de difícil remoção, polpa subácida a doce. Originária possivelmente do Sul da China e nordeste da Índia. A cultivar "Pera" é a mais plantada (LORENZI et al., 2006, p. 564).

Foi citada por oito pessoas. Da casca do fruto e das folhas faz-se chá e de seus frutos faz-se suco e lambedor utilizados no tratamento de dor de barriga; da tosse; da gripe; do catarro e de enxaqueca.



Nome local: Afavaca de cobra

Nome científico: ***Ertela trifolia*** (L.) Kuntze

Família: Rutaceae

Características: erva ou subarbusto perene, ereto ramificado, fracamente aromático, de 25-40 cm de altura, nativo de sub-bosques em matas e capoeiras de terra firme da região Amazônica. Folhas compostas trifolioladas. Flores pequenas, de cor branca, solitárias ou reunidas em racemos curtos (LORENZI, 2008a, p.472).

Foi citada por uma pessoa. Com suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento da gripe.



Nome local: Arruda

Nome científico: *Ruta graveolens* L.

Família: Rutaceae

Características: subarbusto perene, rizomatoso, de caule ereto, lenhoso na parte inferior e pouco ramificado. Folhas compostas pinadas fortemente aromática, de cor verde azulada. Flores pequenas e amarelas. É originária da Europa meridional (LORENZI, 2008a, p. 477).

Foi citada por três pessoas. Suas folhas podem ser batidas com leite ou utilizadas como chá no tratamento de dores (principalmente de ouvido).



Nome local: Jiló

Nome científico: ***Solanum gilo*** Raddi.

Família: Solanaceae

Características: planta herbácea, anual, inerte, revestida de pelos flocosos e pálidos, provavelmente originária da África. Caule ereto, ramificado desde a base, podendo atingir até 1 metro de altura. Ramos alongado, cilíndrico e verde. Folhas alternas, pecioladas, pentalobadas. Flores creme, isoladas ou reunidas aos pares ou em feixes. Fruto tipo baga ovoide ou piriforme (GRANDI, 2014, p. 717).

Foi citada por uma pessoa. Do fruto faz-se suco ou pode-se comer *in natura* utilizado no tratamento do diabetes.



Nome local: Berinjela

Nome científico: *Solanum melongena* L.

Família Solanaceae

Características: planta herbácea, originária da Índia, espinescente que pode alcançar 1 metro de altura. Folhas pecioladas, alternas, inteiras de cor verde-escura na face superior e mais clara e aveludada na face inferior. Flores solitárias de cálice espinescente, pedunculadas de cor violeta, distribuídas nas axilas foliares ao longo dos ramos. Frutos tipo baga de cor violeta quando maduros (GRANDI, 2014, p. 219).

Foi citada por duas pessoas. Do fruto faz-se suco utilizado para emagrecer e no tratamento do colesterol.



Nome local: Jurubeba

Nome científico: ***Solanum paniculatum*** L.

Família: Solanaceae

Características: arbusto de 1,5-2,5 m de altura, um pouco espinhento, nativo de quase todo o Brasil. Folhas simples, inteiras ou variavelmente lobadas, com acúleos aciculares. Flores azul claras. Os frutos são bagas esféricas ou ovaladas, de cor verde amarelada quando maduras (LORENZI, 2008a, p.515).

Foi citada por 12 pessoas. De sua raiz, fruto e sementes faz-se chá, lambedor e se extrai o sumo utilizados no tratamento da tosse; da gripe; do diabetes; da gastrite; da palidez; de verme e problemas renais.



Nome local: Chanana / Chenona

Nome científico: *Turnera subulata* Sm.

Família: Turneraceae

Características: herbácea perene, ereta, ramificada, nativa nas restingas litorâneas da América tropical (incluindo o Nordeste do Brasil), de 30-50 cm de altura. Folhas ovalado alongadas, pubescente. Flores branco-amareladas ou brancas que se abrem pela manhã (LORENZI, 2008c, p. 1041).

Foi citada por nove pessoas. De sua raiz e flor faz-se chá utilizado no tratamento de inflamações; gripe; infecção uterina; problemas na coluna e renais.



Nome local: Cansação vermelha

Nome científico: *Laportea aestuans* (L.) Chew

Família: Urticaceae

Características: erva ou subarbusto ereto, anual, pouco ramificado, totalmente revestido de tricomas urticantes, de ramos geralmente avermelhados, de 40-120 cm de altura, nativo em todo território brasileiro. Folhas simples e longo pecioladas (KINUPP, 2014, p. 698).

Muito comum no povoado, essa planta cresce espontaneamente desde a mata até a restinga. Foi citada por duas pessoas. Suas flores e raiz são utilizadas como chá no tratamento de gastrite e intoxicação.



Nome local: Chambá

Nome científico: *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br.

Família: Verbenaceae

Características: subarbusto de morfologia variável, alcançando até um metro e meio altura, raramente dois metros, nativa de quase todo o território brasileiro. As folhas são inteiras, opostas, de bordos serrados e ápice agudo. Flores azul arroxeadas, reunidas em inflorescências axilares capituliformes de eixo curto e tamanho variável (LORENZI, 2008a, p. 525).

Foi citada por oito pessoas. De suas folhas faz-se chá utilizado no tratamento de dor de barriga; da gripe; da tosse e da diarreia.



Nome local: Erva cidreira / Cidreira

Nome científico: *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br.

Família: Verbenaceae

Características: subarbusto de morfologia variável, alcançando até um metro e meio altura, raramente dois metros, nativa de quase todo o território brasileiro. Seus ramos são finos, esbranquiçados, arqueados, longos e quebradiços. As folhas são inteiras, opostas, de bordos serrados e ápice agudo. Flores azul arroxeadas, reunidas em inflorescências axilares capituliformes de eixo curto e tamanho variável (LORENZI, 2008a, p. 525).

Foi citada por 56 pessoas. De suas folhas faz-se chá e lambedor utilizados no tratamento de dor de barriga; como calmante; no controle da pressão alta; vermes; diarreia e inflamação.



Nome local: Insulina

Nome científico: ***Cissus verticillata*** (L.) Nicolson & C.E Jarvis

Família: Vitaceae

Características: herbácea escandente ou trepadeira, perene, vigorosa, com ramos e folhas um tanto carnosas, com gavinhas opostas às folhas e raízes aéreas pêndulas, nativa da região Norte do Brasil. Folhas simples. Flores pequenas, de cor creme, dispostas em inflorescências corimbiformes. Fruto drupa ovoide globosa, de cor roxo escura (LORENZI, 2008a, p. 536).

Foi citada por uma pessoa. Com seus frutos faz-se chá utilizado no tratamento do diabetes.



Nome local: Colônia

Nome científico: *Alpinia zerumbet* (Pers.) B.L Burt. & R.M. Sm.

Família: Zingiberaceae

Características: grande erva aromática, rizomatosa, de folhas longas e largas de pontas finas, com flores campanuladas coloridas de róseo, marrom e branca, dispostas em inflorescências semipendentes. É de origem asiática (LORENZI, 2008a, p. 539).

Foi citada por 44 pessoas. Suas folhas, flores e “raiz”(rizoma) são utilizados como chá, banho, lambedor e solução hidroalcoólica e são indicados como calmante; no tratamento da gripe; da febre; de dor de cabeça; dor de barriga; tosse; pressão alta; palpitações; catarro e sinusite.



Nome local: Gengibre

Nome científico: ***Zingiber officinale*** Roscoe

Família: Zingiberaceae

Características: erva rizomatosa, ereta, com cerca de 50 cm de altura. Folhas simples, invaginantes. Flores estéreis de cor branco-amarelada. Rizoma ramificado, de cheiro e sabor picante, agradável. É originária da Ásia (LORENZI, 2008a, p. 544).

Foi citada por uma pessoa. O “gengibre” (rizoma) pode ser utilizado como chá no tratamento da diarreia, ou pode ser tomado com água para tratar problemas na garganta.

6.3.1. Essa eu nunca ví!

E se estiver mentindo eu cegue!... Aqui trago a única planta citada pela população na qual não foi possível realizar sua identificação taxonômica, porém dados como seu nome local, formas de uso e indicações foram apontadas e descritas.

Nome popular: Quina-quina

Não foi possível fazer sua identificação. Várias plantas são conhecidas popularmente como “quina-quina” a exemplos: *Myroxylon perruiferum* L. f. (Fabaceae) e *Cinchona calisaya* Wedd. (Rubiaceae); porém não se pode afirmar qual espécie de fato se trata. Foi citada por duas pessoas. O chá da casca de seu tronco é indicado no tratamento da febre e dor.

6.4. Benze com essa aqui!

Uma vez que as pessoas do povoado de Lages mantêm uma relação de confiança com as benzedeadas e curandeiros, no qual têm seus problemas de saúde sanados através da utilização de plantas e benzeção, há uma aproximação entre a população e especialistas que deve ser o motivo ao qual leva ao reconhecimento, por parte da população, dessas plantas. Assim, este catálogo apresenta as plantas reconhecidas pela população como as utilizadas pelas benzedeadas e curandeiros ao longo dos anos entre gerações distintas.



Nome local: Pinhão roxo

Nome científico: *Jatropha gossypifolia* L.

Família: Euphorbiaceae

Características: arbusto ou árvore de até 5 m, com ramos e folhas arroxeados e pilosas quando jovens. Folhas simples. Flores arroxeadas, dispostas em cimeiras paniculadas. Fruto tipo cápsula, trissulcada, 3-locular, com 3 sementes oleaginosas, pardo-escuras com pintas negras, que são expulsas bruscamente com a deiscência do fruto (LORENZI, 2008a, p. 248).

36 interlocutoras/es apontam essa como uma das plantas utilizadas pelas/os benzedeiros/os no processo de cura, a essa planta foi atribuído o poder de tirar o mau olhado.



Nome local: Carrapateira

Nome científico: *Ricinus communis* L.

Família: Euphorbiaceae

Características: arbusto ou árvoreta de até 6 m de altura, com folhas grandes, palmatilobadas, de pecíolo longo. Flores dispostas em grupos sobre racemos terminais, as femininas ocupando a parte superior e as masculinas a parte inferior do eixo da inflorescência. Fruto tipo cápsula tricoca de deiscência explosiva (LORENZI, 2008a, p. 250).

Um/uma interlocutor/a apontou essa como uma das plantas utilizadas pelas/os benzedeadoras/os no processo de cura, a essa planta foi atribuído o poder de curar bebês com “saltador” (carocinhos).



Nome local: Manjerioba

Nome científico: ***Senna occidentalis*** (L.) Link

Família: Fabaceae

Características: subarbusto de até 2 m de altura, geralmente menos, de folhas compostas pinadas. Flores amarelas com nervuras cor de laranja dispostas em racemos. Fruto tipo vagem (LORENZI, 2008a, p. 265).

14 interlocutoras/es apontam essa como uma das plantas usadas pelas/os benzedeiras/os no processo de cura, a essa planta foi atribuído o poder de tirar o mau olhado e de curar ventre caído em bebês.



Nome local: Manjeriçao

Nome científico: *Ocimum basilicum* L.

Família: Lamiaceae

Característica: subarbusto aromático, anual, ereto, muito ramificado, de 30-50 cm de altura, nativo da Ásia tropical. Folhas simples. Flores brancas, reunidas em racemos terminais curtos (LORENZI, 2008a, p. 319).

Dois interlocutores apontam essa como uma das plantas usadas pelas benzedadeiras no processo de cura, a essa planta foi atribuído o poder de tirar o mau olhado.



Nome local: Jurema

Nome científico: *Vitex agnus-castus* L.

Família: Lamiaceae

Características: arbusto grande ou arvoreta, de 1,5-3,0 m de altura, nativo da África. Folhas compostas palmadas, aromáticas, com 5-7 folíolos lanceolados. Flores labiadas azuis, dispostas em inflorescências paniculiformes axilares e terminais (LORENZI, 2008a, p. 336).

Um/uma interlocutor/a apontou essa como uma das plantas usadas pelas/os benzedeiros/os no processo de cura, a essa planta foi atribuído o poder de tirar o mau olhado.



Nome local: Vassourinha

Nome científico: ***Scoparia dulcis*** L.

Família: Plantaginaceae

Características: erva anual de porte herbáceo, ereta, com caule lenhoso, fino e muito ramificado. Folhas inteiras de cor verde azulada, dispostas em verticilos ou opostas. Flores muito pequenas, brancas, que geram frutos tipo cápsula (LORENZI, 2008a, p. 429).

31 interlocutoras/es apontam essa como uma das plantas usadas pelas/os benzedeiros/os no processo de cura, a essa planta foi atribuído o poder de tirar o mau olhado.



Nome local: Chanana / Chenona

Nome científico: *Turnera subulata* Sm.

Família: Turneraceae

Características: herbácea perene, ereta, ramificada, nativa nas restingas litorâneas da América tropical (incluindo o Nordeste do Brasil), de 30-50 cm de altura. Folhas ovalado alongadas, pubescente. Flores branco-amareladas ou brancas que se abrem pela manhã (LORENZI, 2008c, p. 1041).

Um/uma interlocutor/a apontou essa como uma das plantas usadas pelas/os benzedeiros/os no processo de cura, a essa planta foi atribuído o poder de tirar o mau olhado.

7. QUE CONVERSA DESSE MENINO!

Chegando à essa etapa desta etnografia sobre o conhecimento e utilização de plantas medicinais pela população do povoado de Lages, foi possível apontar, através do conhecimento compartilhado e da bibliografia consultada, alguns aspectos que nos dão pistas de como esse conhecimento desenvolveu-se na comunidade, como também foi possível identificar essas plantas e encontrar algumas questões que até então não faziam parte dos objetivos dessa monografia, porém torna-se interessante pois condiz com os processos de desenvolvimento e transmissão dos conhecimentos a respeito dessas plantas.

Com o objetivo de facilitar a organização e compreensão das ideias aqui expostas, irei utilizar a ordem dos questionários (1 e 2) para guiar a discussão.

Iniciando com a benzedeira e com o curador, pois, mesmo sendo especialistas, diferem-se das/os demais. Serão analisadas as plantas utilizadas, bem como o desenvolvimento dos conhecimentos a respeito das mesmas.

Em seguida abordarei as características das/os conhecedoras/es e da população, bem como os processos envolvidos no desenvolvimento e transmissão do conhecimento sobre as plantas, buscando entender a relação da comunidade de Lages com o meio ambiente através do uso de espécies botânicas em processos de cura.

7.1. Tempos distintos unidos pela cura.

A benzedeira Augusta Benedita dos Santos e o curador Amaro Marcos de Almeida dos Santos, diferenciam-se pelo sexo, pela idade, pela escolaridade, pela religião e tempo na cura, que como veremos mais adiante são fatores relacionados com o conhecimento sobre as plantas. Mesmo com as diferenças mencionadas, compartilham da similaridade na utilização de plantas em seus processos de cura (tab. 2), na qual foram citadas um total de sete plantas:

Quadro 1: Plantas utilizadas pela benzedeira e pelo curador do povoado de Lages, Porto de Pedras - AL.

planta	citada pela(o)	indicações
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	benzedeira e curandeiro	mau olhado e desfazer feitiço
<i>Ocimum basilicum</i> L.	curandeiro	mau olhado
<i>Ricinus communis</i> L.	curandeiro	mau olhado
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	curandeiro	desfazer feitiço
<i>Scoparia dulcis</i> L.	benzedeira e curandeiro	mau olhado
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	benzedeira	mau olhado e ventre caído
<i>Vitex agnus-castus</i> L.	curandeiro	desfazer feitiço

Das plantas citadas, quatro (***Schinus terebinthifolia*** Raddi; ***Ricinus communis*** L.; ***Ocimum basilicum*** L e ***Vitex agnus-castus*** L.), foram apontadas exclusivamente pelo curandeiro; duas (***Jatropha gossypifolia*** L. e ***Scoparia dulcis*** L.) por ambos e uma (***Senna occidentalis*** (L.) Link), foi citada exclusivamente pela benzedeira, sendo atribuídos o poder de retirar mau olhado, desfazer feitiços e curar ventre caído. Ao analisar um estudo realizado em Pernambuco por Silva & Andrade (2005), foi possível constar as espécies: ***Jatropha gossypifolia*** L.; ***Ricinus communis*** L. e ***Scoparia dulcis*** L., na categoria de plantas “mágicas” indicadas para banhos, defumadores, benzeduras e rezas. No mesmo trabalho foi atribuído à espécie ***Vitex agnus-castus*** L., a categoria medicinal, porém não consta suas indicações.

Em um levantamento realizado na Paraíba por Oliveira & Trovão (2009), sobre plantas utilizadas em rituais de rezas e benzeduras contou-se a utilização de ***Jatropha gossypifolia*** L., para o tratamento de quebranto e dor de ventre, sendo que essa planta foi apontada como a mais relevante; as autoras ainda indicaram as espécies: ***Ocimum basilicum*** L., no tratamento do quebranto, dor de cabeça e de dente; ***Ricinus communis*** L., para “coisas pesadas” e ***Senna occidentalis*** (L.) Link, para tratar de espinhela caída e dor de cabeça.

Em sua dissertação sobre rezadeiras de Cruzeta - RN, Santos (2007) organizou as definições das doenças e os sintomas de alguns males tratados por elas:

Olhado ou mau-olhado é uma doença que vai debilitando o indivíduo, aos poucos, até a morte, se a pessoas não procurar alguém que reze. é proveniente de um fascínio (admiração) sobre quaisquer aspectos, tanto em seres humanos, quanto em animais e plantas (SANTOS, 2007, p. 79).

Existe uma semelhança quanto ao tratamento e os sintomas entre o olhado e o quebrante. No entanto, algumas rezadeiras estabelecem diferenças entre estas duas doenças. O olhado é botado pelo indivíduo que apenas olha, sem falar nada; enquanto para botar o quebrante, a pessoa olha e se admira de qualquer aspecto ligado à vítima.(SANTOS, 2007, p. 81).

Vento caído ou ventre caído doença específica de criança, e que está relacionada a desarranjo intestinal e a desidratação. os sintomas são fezes verde, é provocado por sustos (SANTOS, 2007, p. 82).

Espinhela caída é uma doença que a pessoa adquire por esforço físico excessivo. tanto a forma de contraí-la quanto os sintomas estão relacionados ao corpo. os sintomas mais comuns são dores e ardência na região do peito (SANTOS, 2007, p. 83-84).

Mesmo não ocorrendo as definições dos males pela Dona Gusta e pelo Báu, resolvi trazer as citadas acima pelo fato de ter sido tratado destas⁸, sendo assim, entendo esses males como sendo os mais comuns entre as pessoas que buscam seus serviços.

De todas, para mim, a mais dolorosa foi a espinhela caída, que obtive na pré-adolescência (não lembro a idade), ao fazer um grande e contínuo esforço físico. Sofri por algum tempo, não relatei inicialmente a minha família o que sentia, foram duas semanas de fortes dores logo abaixo do osso esterno, na “boca do estômago”, segundo minha avó. A dor era tanta que não estava conseguindo comer e até a água doía quando tomada. Perdi peso repentinamente e as dores já não me deixavam dormir direito, foi então que relatei a minha mãe. Indo a médica, a mesma prescreveu remédio para dor e um soro intravenoso. Em casa consegui me alimentar, porém as dores continuavam.

Minha avó fez o diagnóstico seguindo um método no qual foi medido o comprimento do meu dedo médio até o cotovelo, usando-a para medir a distância entre meus ombros. A mesma estava menor que a medida tirada anteriormente, confirmando assim o diagnóstico, pois em uma pessoa não acometida desse mal as medidas são equivalentes.

Por estar em um estado considerado avançado, fui levado secretamente para uma benzedeira e para um grande curador, hoje falecido. Realizaram o mesmo procedimento que minha avó utilizou para o diagnóstico. Lembro-me ainda da diferença na forma de curar. Enquanto a benzedeira utilizava ramos em sua reza, o

⁸ com exceção do ventre caído, ao qual era muito novo para lembrar, porém reconheço por ter testemunhado alguns bebês acometidos desse male.

curandeiro rezava e apertava na região da dor. Posso dizer sem pestanejar que graças às sessões de cura e aos conselhos dados, é que posso hoje estar aqui relatando essa experiência à vocês.

Como já mencionado, na medicina popular há uma diferenciação entre doenças do corpo e do espírito. Mota (2007, p. 196) expõe que “a maioria das doenças tem como causa direta a falta de equilíbrio no nível do espiritual, que se reflete no corpo do paciente, causando um desequilíbrio que se torna fisicamente aparente.”

Devemos estar cientes de que, *a priori*, não se define a doença como espiritual ou material. Pois o diagnóstico sobre a origem da mesma é sempre após terem sido realizados vários procedimentos curativos (ARAUJO, 2002, p. 104).

Em um estudo sobre plantas medicinais e ritualísticas comercializadas no Rio de Janeiro, entre as espécies listadas por Maioli-Azevedo & Fonseca-Kruel (2007) constam: ***Schinus terebinthifolia*** Raddi; ***Jatropha gossypifolia*** L. e ***ocimum basilicum*** L., indicadas para banho ritualístico. As autoras atribuem, a partir de um trabalho realizado por Almeida (2003), o uso “ritualístico” de algumas das plantas apresentadas em seu trabalho à terreiros afro-brasileiros, pelo fato das mesmas terem sua origem no continente africano. Comparando a indicação da espécie ***Ricinus communis*** L. (origem africana), feita por Oliveira & Trovão (2009) ao qual atribuiu-se o poder para aliviar as “coisas pesadas”, com as espécies ***Jatropha gossypifolia*** L., planta nativa com distribuição nas cinco regiões do Brasil (REFLORA, 2018), e ***Schinus terebinthifolia*** Raddi, que ocorre ao longo da Mata Atlântica desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul (LORENZI, 2008a), citadas pelo curandeiro para ‘desfazer feitiço’, assim, uma vez que o curandeiro pertence a uma religião de matriz africana, podemos considerar um processo de adaptação biocultural na utilização da flora local em suas formas terapêuticas. Almeida (2000), coloca que:

Os levantamentos etnomédicos realizados, demonstram a forte influência da herança cultural africana na medicina popular do Brasil, principalmente no norte, nordeste e sudeste do país. Com a vinda dos africanos para o Brasil, após três séculos de tráfico escravo, muitas foram as espécies vegetais trazidas, substituídas por outras de morfologia externa semelhante, enquanto algumas foram levadas daqui para o continente africano (ALMEIDA, 2000, p. 34).

O exposto pela autora nos dá uma pista sobre os aspectos históricos e evolutivos que podem ter levado a utilização de plantas pelo curandeiro que não

possuem origem no continente africano.

Estudos mais detalhados sobre o processo de adaptação na utilização da flora local por povos e comunidades humanas fora de seu local de origem podem melhor esclarecer essa questão.

Ao mencionarem como se iniciaram na cura e se possuem aprendizes, Dona Gusta relatou que com 12 anos aprendeu a curar com a irmã de sua patroa, e aos 81 anos não havia ensinado o que aprendeu. Enquanto que Báu aprendeu aos 16 anos com seu pai de santo, o mesmo informou que a iniciação ocorre dentro dos preceitos de sua religião. Seguindo a afirmação de Kleinman (1980) *apud*. Farias (2011, p. 38) em que são diversas as formas de aquisição dos conhecimentos pelas/os especialistas, podendo, inclusive, ser um dom natural. Quando ensinam a benzer, não o fazem pra qualquer pessoas e a qualquer momento, e, às vezes - por diferentes motivos - , nunca chegam a ensinar. Quando repassa seus conhecimentos, o fazem para pessoas sensíveis e que já manifestaram esses dom, ou simplesmente deixam que estas pessoas observem as sutilezas do saber sentir e saber fazer (MAZUREMA, 2016, P. 39).

As diferenças na realização da cura, podem ser facilmente compreendidas quando entendermos que a prática do benzimento tanto pode ser realizada por mulheres, quanto por homens de diversas origens, grupos e identidades sociais. Uma benzedeira pode ser uma pescadora artesanal, uma cigana, uma pecuarista familiar, ser uma quilombola ou mãe de santo. Porém, para a comunidade a qual pertence, será sempre reconhecida como Benzedeira (MAZUREMA, 2016, p. 33 e 36). Além disso cada ritual é uma agregação de símbolos e atua como um depósito de conhecimento tradicional (TUNER, 1968 *apud* HELMAN 2003, p. 206) e que mesmo havendo muitas semelhanças na forma de benzer, há também muitas particularidades (MAZUREMA, 2016, p. 40).

7.2. O conhecimento de ontem, de hoje e de amanhã.

Algo comum encontrado nos trabalhos e levantamentos etnobotânicos são os fatores apontados para buscar-se entender como o processo do conhecimento a respeito da flora local, seja em seu uso madeireiro, medicinal, alimentício, etc. desenvolve-se e evoluiu dentro de cada contexto na sociedade humana. Esses fatores geralmente são: idade; gênero, escolaridade, tempo de residência, etc.

Baseado nas informações obtidas através dos questionários “1” e “2”, houve um estudo a respeito de como esses fatores podem estar associados na transmissão do conhecimento sobre as plantas curativas no povoado de Lages.

7.2.1. Seguindo as pistas escondidas, mas não perdida.

Tendo como base o quantitativo de plantas citadas pela população: de 1 até 4 plantas; de 5 até 10 plantas; de 11 até 15 plantas; de 16 até 20 plantas e mais de 20 plantas citadas), e as faixas etárias da mesma: entre 21 e 30 anos; entre 31 e 40 anos; entre 41 e 50 anos; entre 51 e 60 anos; entre 61 e 70 anos e mais de 70 anos, foram indicados como dos fatores que possa nos indicar pistas para entendermos como se dá o processo de transmissão de conhecimento sobre essas plantas. Assim, cruzando as informações acima indicadas, temos os seguintes resultados (fig. 11-15):

Figura 11: Relação entre faixa etária da população e o quantitativo de uma até quatro plantas citadas.

Entre uma e quatro plantas citadas

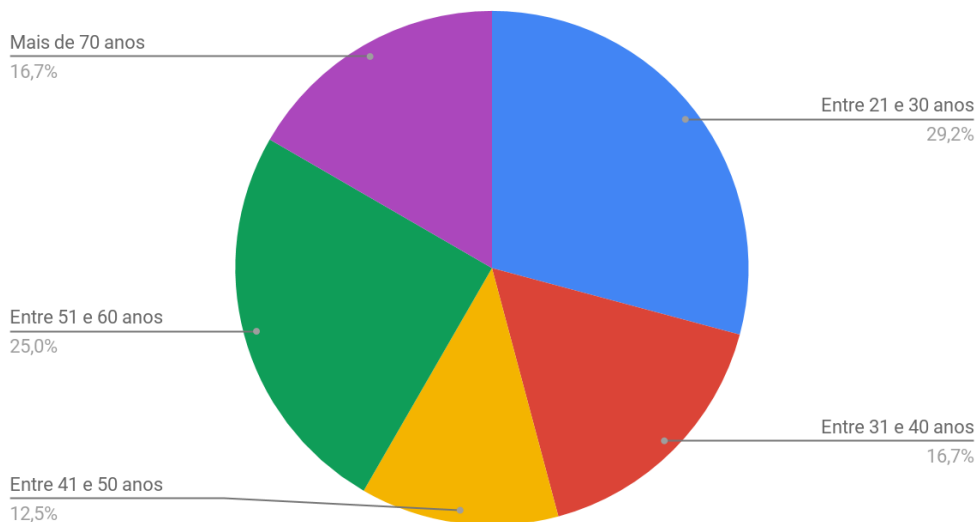


Figura 12: Relação entre faixa etária da população e o quantitativo de cinco até 10 plantas citadas.

Entre cinco e 10 plantas citadas

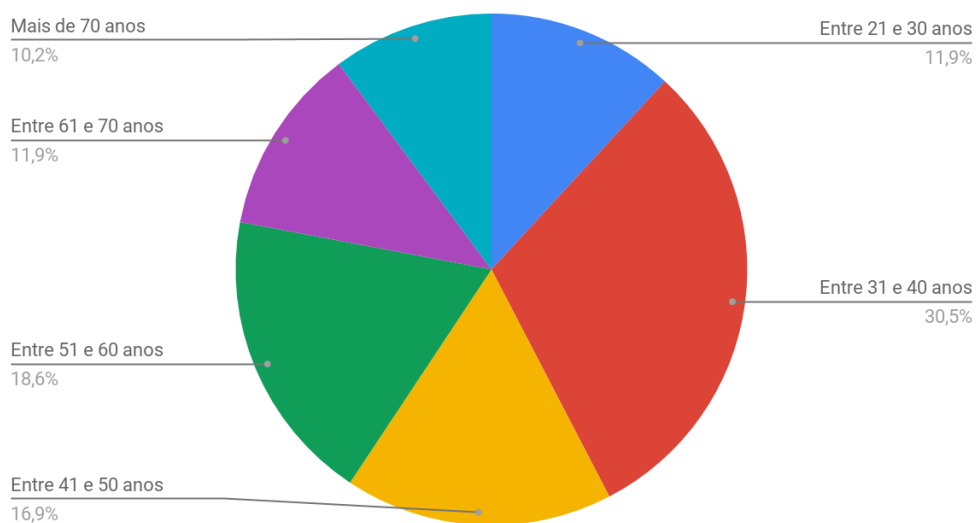


Figura 13: Relação entre faixa etária da população e o quantitativo de 11 até 15 plantas citadas.

Entre 11 e 15 plantas citadas

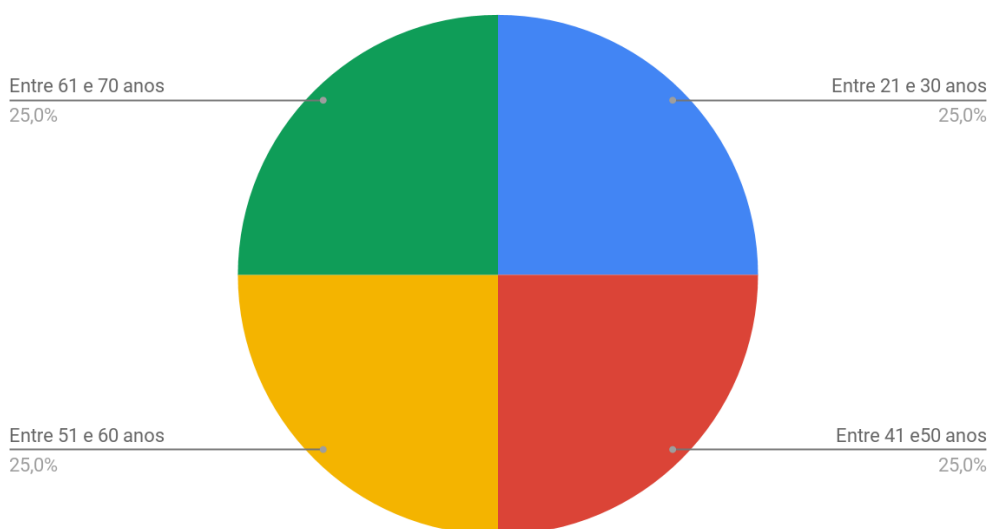


Figura 14: Relação entre faixa etária da população e o quantitativo de 16 até 20 plantas citadas.

Entre 16 e 20 plantas citadas

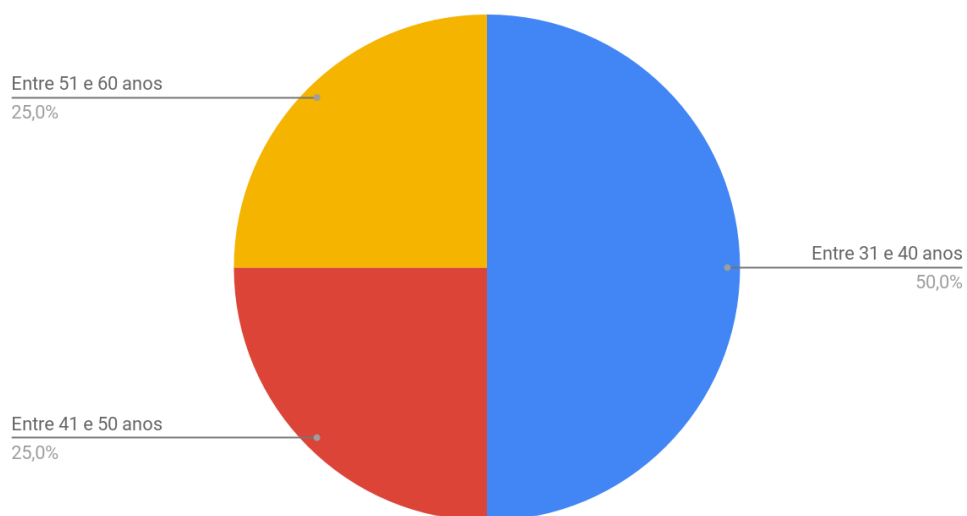
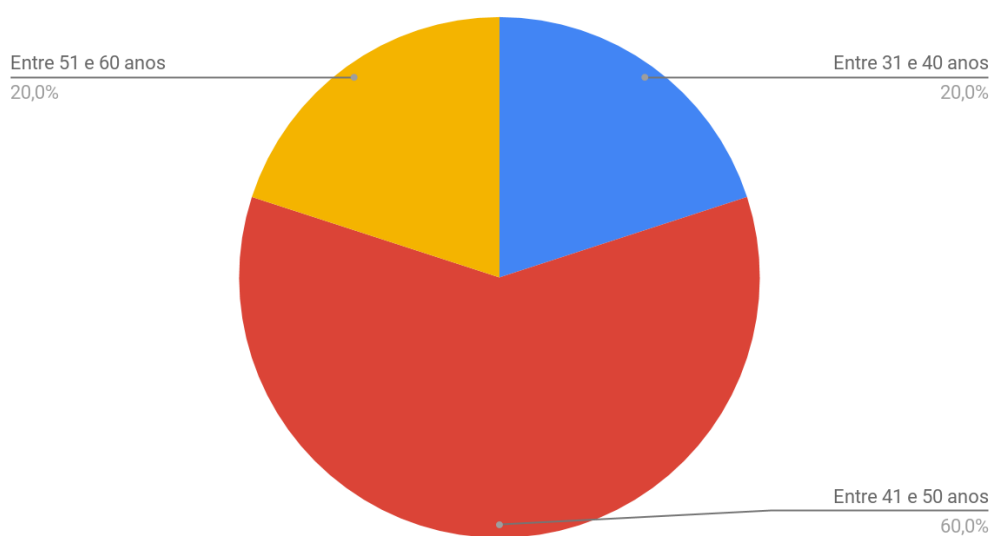


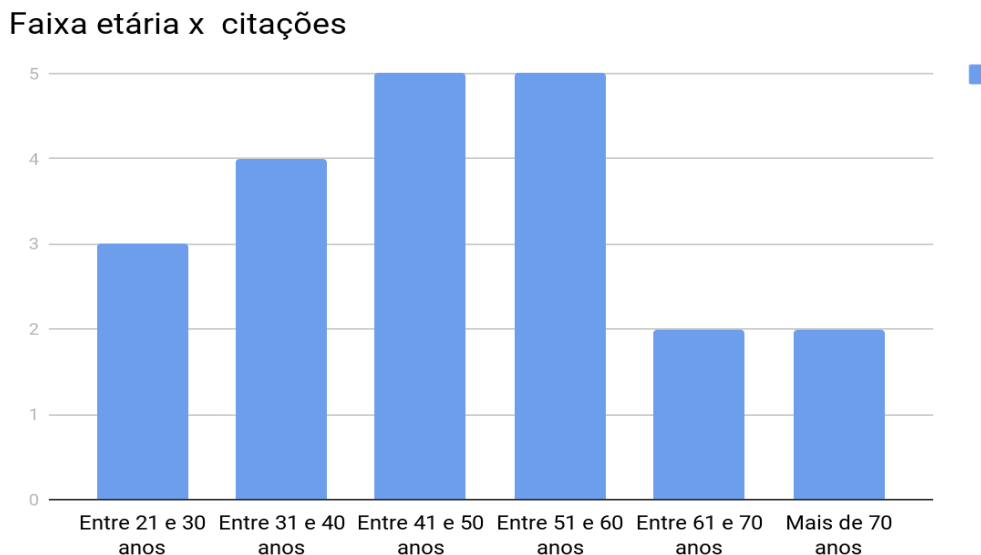
Figura 15: Relação entre faixa etária da população e o quantitativo de mais de 20 plantas citadas.

Mais de 20 plantas citadas



Ao analisar a distribuição das faixas etárias dentro dos quantitativos das plantas, foi possível identificar quais faixas etárias podem ter citado um maior número de plantas pela sua maior distribuição entre os quantitativos das plantas. De acordo com o mostrado na figura 16:

Figura 16: Distribuição das faixas etárias da população entre os quantitativos das plantas citadas.



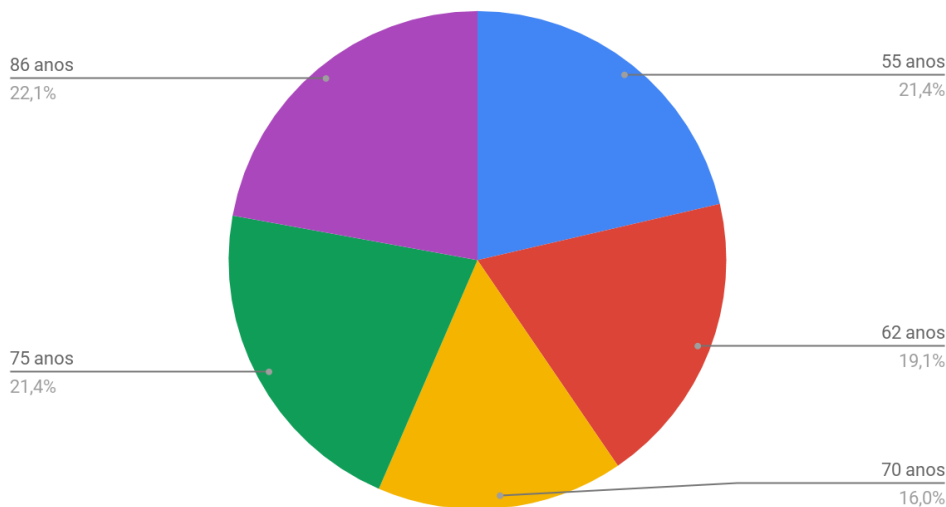
As faixas etárias compreendidas entre as idades de 41-50 anos e 51-60 anos foram encontradas em todos os gráficos em pizza (fig. 11-15), o que pode nos indicar que as pessoas dessas faixas etárias foram as que mais citaram plantas.

Um fato curioso é que as pessoas mais velhas sempre são apontadas por possuírem um maior conhecimento sobre as plantas medicinais, contudo podemos observar que as pessoas presente nas faixas etárias entre 61-70 anos e mais de 70 anos possuem menor distribuição no qualitativo de plantas citadas (fig. 16), o que nos indica que essas faixas etárias podem ter citado um menor número de plantas, porém, o quantitativo de pessoas com essas idades foi menor que as demais.

No caso das/os conhecedoras/es, ao relacionar suas idades com o número de plantas citadas (fig. 17), pudemos constar que quem citou o maior número de plantas também detém a maior faixa etária, ao contrário do que ocorreu com a população, onde as pessoas com mais de 70 anos foram as que menos citaram plantas.

Figura 17: Relação entre idade das/os conhecedoras/es e quantidade de plantas citadas.

Idade x Plantas



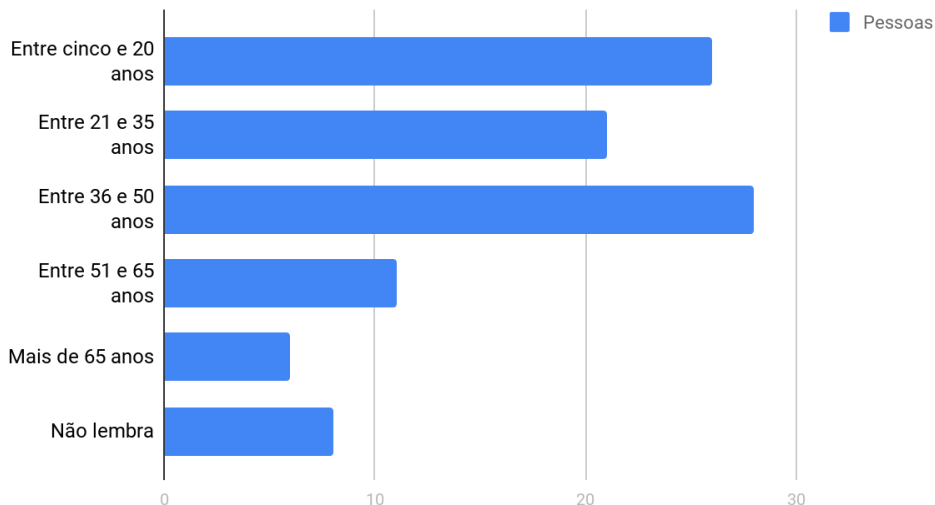
Podemos observar também que há uma diferença de 20 anos entre a pessoa mais nova e a segunda pessoa mais velhas, porém ambas citaram o segundo maior número de plantas. Entretanto não podemos tirar conclusões analisando apenas a idade como fator determinante. Contudo, após diversos estudos apontarem uma relação positiva no que se refere ao número de recursos conhecidos e a idade daqueles que os conhecem, têm-se assumido que as pessoas mais velhas apresentam mais conhecimentos que os jovens. Isso ocorre por possuírem mais tempo interagindo com as pessoas e com os recursos naturais locais, porém não há nenhum padrão. Há ainda evidências que indicam uma redução na riqueza de espécies conhecidas pelas pessoas como consequência da perda de memória com o avanço da idade. Assim, o conhecimento em cada faixa etária pode ser produto das mudanças ocorridas na paisagem e na abundância dos recursos usados. (TORRES-AVILEZ *et al.*, 2014, p. 164-165).

Além da idade, o tempo de moradia também foi um fator utilizado para complementar essa análise, pois, o tempo de moradia possui grande influência sobre o conhecimento e uso dos recursos naturais. Estudos concluíram que pessoas residentes a mais tempo em determinado local possuem um maior conhecimento comparado às que habitam em menos tempo (MEDEIROS *et al.* 2014, p. 170).

Entre a população, é possível notar que a maioria das pessoas que participaram deste trabalho, moram no povoado numa faixa que compreende entre 36 e 50 anos, seguidas pelas que moram entre cinco e 20 anos (fig. 18).

Figura 18: Tempo de residência(população) no povoado de Lages, Porto de Pedras - AL.

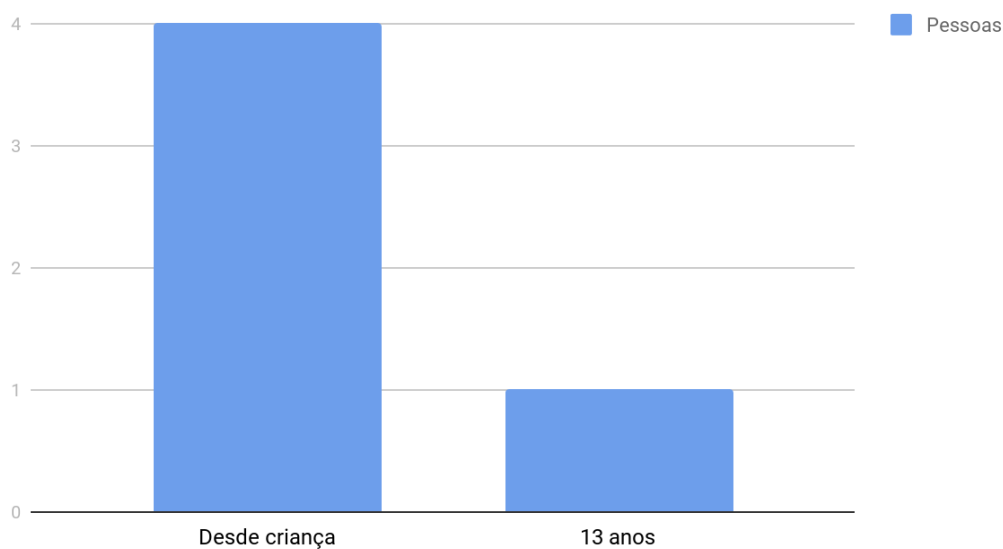
Tempo de residência



Enquanto que entre as/os conhecedoras/es, com apenas uma exceção, o tempo de moradia no povoado se dá desde a infância (fig. 19).

Figura 19: Tempo de residência (conhecedoras/es) no povoado de Lages, Porto de Pedras - AL.

Tempo de Residência



Estudos mais detalhados podem nos indicar as possíveis relações entre o

tempo de moradia e o conhecimento sobre as plantas medicinais locais, entretanto, quanto mais antigo os moradores forem, maior será o conhecimento sobre a diversidade local. Já os moradores mais recentes trazem consigo o conhecimento dos seus lugares de origem, levando a uma mistura de conhecimentos com o passar do tempo. Sendo assim, o esperado é que o conhecimento seja construído por meio de interações entre as pessoas e os recursos locais, aumentando de acordo com o tempo de contato (MEDEIROS et al. 2014, idem).

Outro fator diz respeito ao gênero. Alguns autores vêm atribuindo às mulheres um maior conhecimento sobre o uso de recursos naturais, como no caso das plantas medicinais. Porém é preciso considerar que essas análises partem do princípio de que o gênero reflete diferenças na produção do conhecimento. No entanto, o que pode nos levar a uma explicação é o papel que homens e mulheres exercem em uma dada cultura, salvo nas ocasiões em que a divisão de trabalho altera essa lógica, porém não há uma tendência geral (TORRES-AVILEZ et al., 2014, p. 164).

Observado as figuras 20 e 21, fica evidenciado uma maior participação feminina na pesquisa.

Figura 20: Relação entre o número de mulheres e homens (população), participantes da pesquisa.

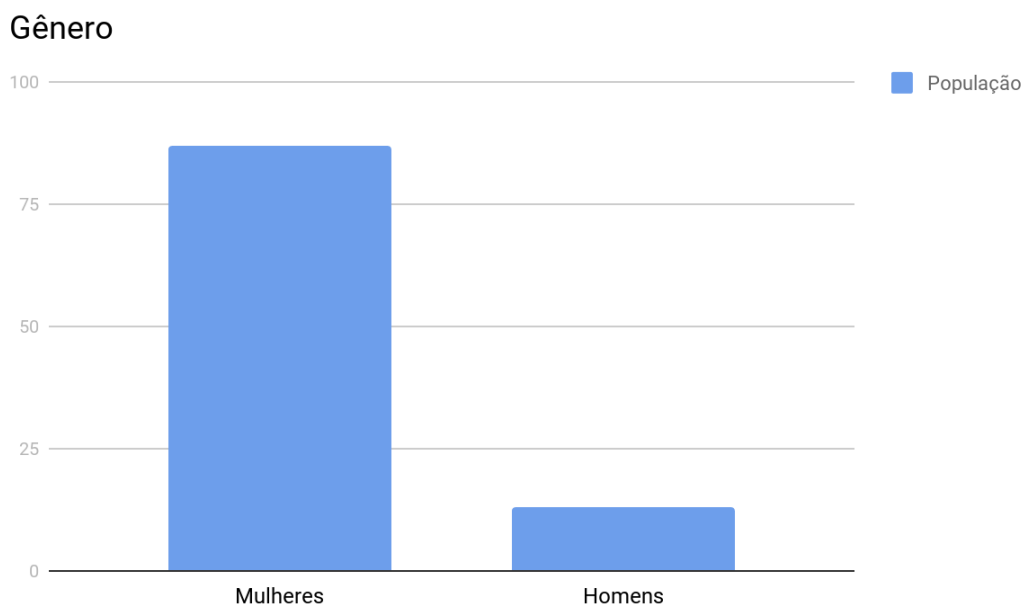
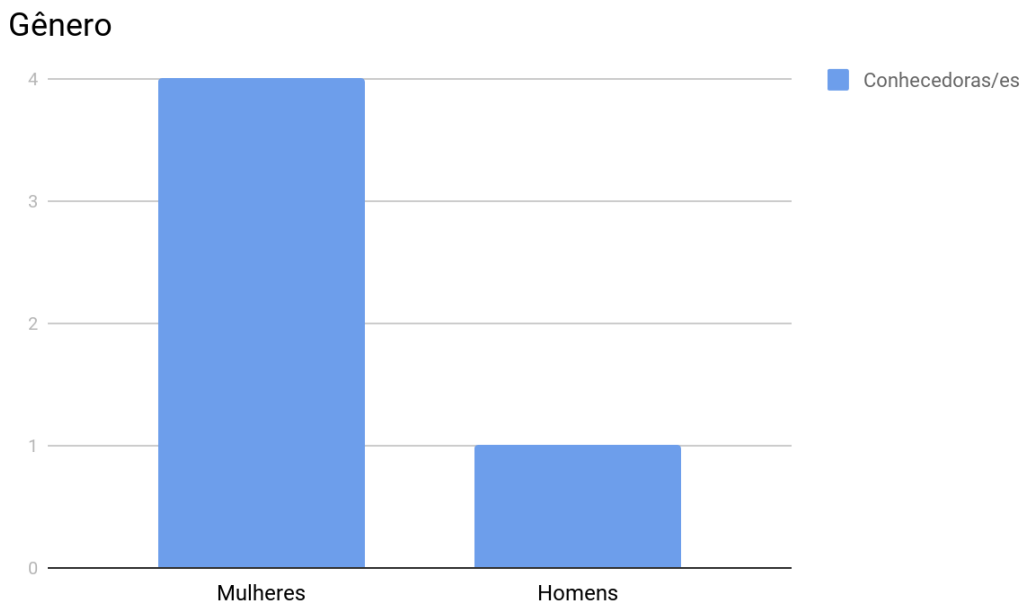


Figura 21: Relação entre o número de mulheres e homens(conhecedoras/es), participantes da pesquisa.



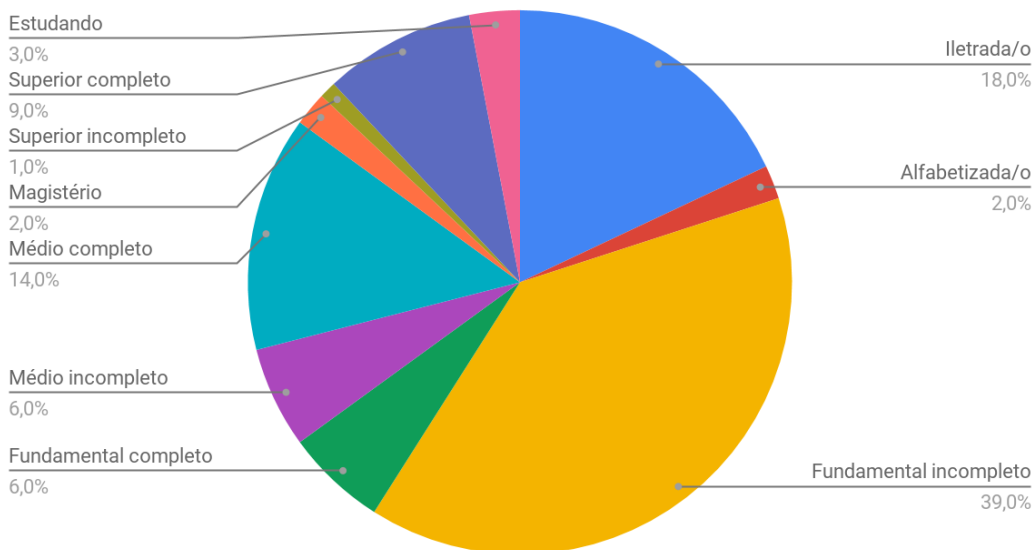
Entretanto não é possível afirmar que as mulheres detêm um maior conhecimento que os homens baseado apenas em sua hegemonia neste trabalho, sendo necessário a realização de pesquisas mais profundas a respeito. Além disso, “as variações no conhecimento biológico tradicional, como fruto da idade e do gênero, devem ser compreendidas em contextos mais amplos, atentando para o fato de outras variáveis também poderem estar associadas às primeiras” (TORRES-AVILEZ *et al.*, 2014, p. 165).

A escolaridade e ocupação são outros fatores apontados como fornecedores de pistas a respeito do conhecimento e utilização de plantas medicinais pelas pessoas. A escolaridade em si não é o principal fator, soma-se à ela as variáveis relacionadas (renda e ocupação). A escolaridade interfere na natureza da ocupação que por sua vez, interfere no conhecimento e uso de recursos naturais. Geralmente, as famílias mais dependentes dos recursos naturais são as que possuem menor renda. Essa dependência não significa apenas um uso mais acentuado desses recursos, já que um maior uso e uma maior convivência com esses podem levar a um maior conhecimento (MEDEIROS *et al.* 2014, p. 170 e 173).

Ao observarmos a figura 22, que mostra a escolaridade da população, podemos notar que a maioria não chegou a concluir o ensino fundamental. O segundo maior percentual indica que essas pessoas não foram alfabetizadas. Nota-se ainda que 9% possuem ensino superior incompleto e que 3% voltaram a estudar.

Figura 22: Escolaridade entre a população do povoado de Lages, Porto de Pedras-AL.

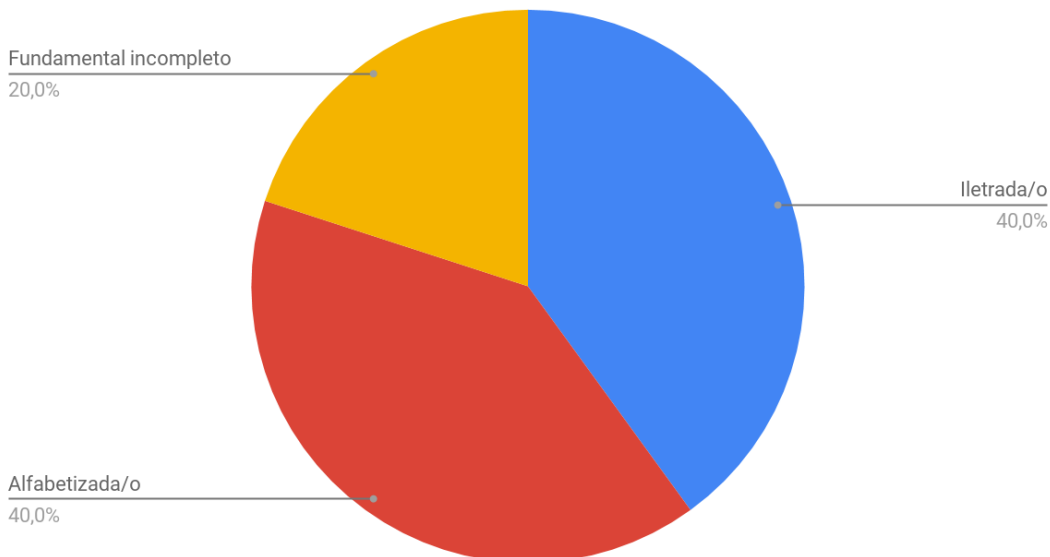
Escolaridade



Tratando-se das/os conhecedoras/es, podemos observar que dessas pessoas, três(40%) não chegaram a frequentar a escola e as que frequentaram (60%), quando passaram pela alfabetização não chegaram a concluir o ensino fundamental (fig.23).

Figura 23: Escolaridade entre as/os conhecedoras/es do povoado de Lages, Porto de Pedras - AL.

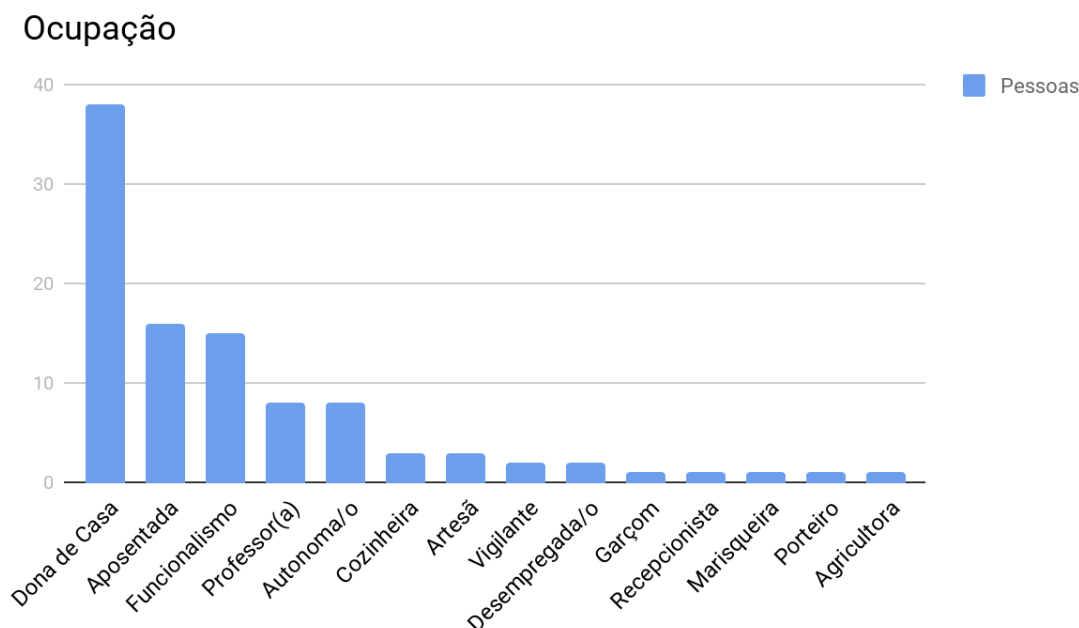
Escolaridade



Como já mencionado, Medeiros et al. (2014) consideram que a escolaridade por si só não será capaz de nos explicar sobre a transmissão do conhecimento, mas nos fornece pistas juntamente com os fatores ocupação e renda. Assim a ocupação

dessas pessoas (fig. 24), também é um fator que, entre os demais já mencionados, nos darão as pistas necessárias para entendermos como o conhecimento sobre as plantas que curam evolui nessa comunidade.

Figura 24: Ocupação entre a população do povoado de Lages, Porto de Pedras - AL.



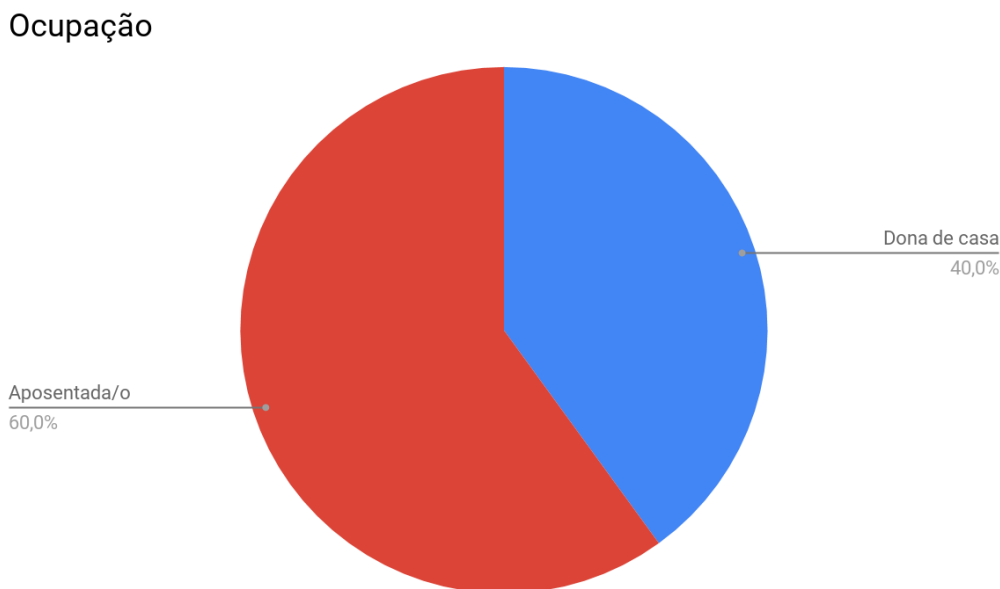
Nota-se que a maioria das interlocutoras que participaram da pesquisa são donas de casa, isso nos indica que essas mulheres, por terem como “obrigações diárias”: a manutenção e a organização do lar. Sendo responsáveis, no caso do povoado, de tarefas para além do “espaço” da casa, porém relacionadas a mesma, como: pegar água, buscar lenha, varrer o terreiro⁹ - com vassouras feitas por plantas coletadas pelas mesmas, tendo assim um grande contato com a diversidade florística local. Podemos aplicar a isso o conhecimento sobre as plantas em várias escalas (madeira, utensílios, etc.), uma delas as medicinais. Ressalto novamente a importância de estudos mais aprofundados a respeito da evolução sobre o conhecimento e utilização da flora pelas sociedades humanas.

Por constituírem um grupo de pessoas na faixa dos 55 a 86 anos, é compreensível que essas pessoas estejam aposentadas após os anos de trabalho e

⁹ No povoado, entende-se por terreiro os espaços conjuntos externos localizadas nos fundos das áreas que delimitam as casas. É bastante comum encontrar nos terreiros: coqueirais, árvores frutíferas e plantas medicinais e ruderais, galinhas, cachorros, cavalos e porcos. Bastante comum alguns terreiros serem utilizados para lazer e descanso pelas pessoas.

que merecem descansar, porém não são todas/os as/os conhecedoras/es que são aposentadas/os como mostra a figura 25.

Figura 25: Ocupação entre as/os conhecedoras/es do povoado de Lages, Porto de Pedras - AL.



Todos os fatores apresentados acima são de grande importância gerando pistas que nos levam a compreender como o conhecimento a respeito do poder curativo das plantas evolui dentro da comunidade estudada. Porém devemos evitar generalizações. Pois sendo a sociedade tão plural e a história dinâmica esses fatores podem nos fornecer algumas pistas, porém, por si só, não nos darão as respostas que buscamos.

Reafirmo, novamente, a importância de trabalhos mais detalhados sobre os fatores que levam ao desenvolvimento e a evolução do conhecimento biológico local.

7.2.2. Ensinando o que se aprende: como aprendemos o que ensinamos?

No caminho para entender como o processo de transmissão do conhecimento acerca das plantas e suas utilizações medicinais ocorre na população do povoado de Lages, seguimos algumas pistas que nos dão alguns indícios sobre o acúmulo individual que cada participante desse trabalho leva consigo. Entretanto esse conhecimento não apareceu do nada e, creio eu, não está destinado ao nada.

Ele terá seu início, se desenvolverá e se difundirá, sendo sempre modificado à medida que outros conhecimentos se somarão a partir da dinâmica histórica.

Segundo Soldati (2014, p. 152), a transmissão do conhecimento envolve quatro elementos: (i) uma **informação**, conteúdo que será transferido; (ii) um **modelo**, aquele que inicialmente porta a informação; (iii) um **aprendiz**, indivíduo que receberá o traço; e (iiii) um **contexto** ambiental e social no qual o processo se realiza.

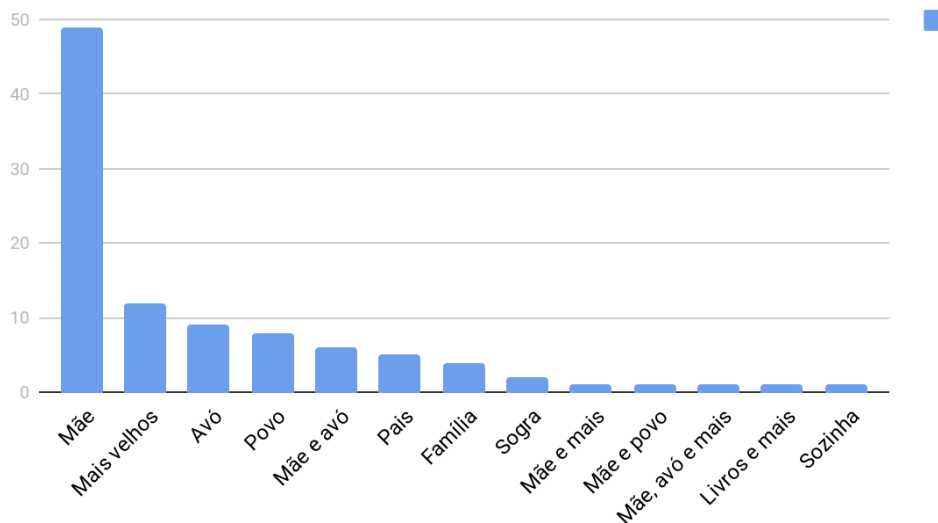
Várias tendências (vieses) estão associadas à transmissão, uma delas é o viés de prestígio, onde compreende-se que a mente humana moldou-se para avaliar possíveis modelos disponíveis e copiar os de maior sucesso, otimizando a aquisição de informações adaptativas. Nesse processo o prestígio social do modelo é uma das características utilizadas pelo aprendiz (HENRICH & GIL-WHITE, 2001 *apud*. SOLDATI, 2014, p.153-154).

Ao perguntar com quem aprenderam e se estão ensinando sobre a utilização das plantas de cura, foram evidenciados os quatros elementos mencionados acima: (i) plantas que curam (informação); (ii) mãe, avó, mais velhos e povo (modelos); (iii) participantes da pesquisa (aprendizes) e (iiii) a busca da cura (contexto).

Observando a figura 26 é possível identificar que membros da família (mãe, avó, pais e sogra) e todo o seu conjunto (família), aparecem como responsáveis no processo de aprendizagem, porém há também pessoas que não fazem parte do núcleo familiar (mais velhos e povo), mas que por conta de seu prestígio fora desse núcleo, foram apontadas/os como responsáveis por tal processo. Podemos perceber alguns casos em que houveram “associações” entre alguns dos modelos apontados (mãe e mais velhos; mãe e povo; mãe, avó e mais velhos, e mais velhos e livros), onde a mãe aparece com maior frequência.

Figura 26: Responsáveis pela transmissão do conhecimento entre a população do povoado de Lages, Porto de Pedras - AL.

Com quem aprendeu

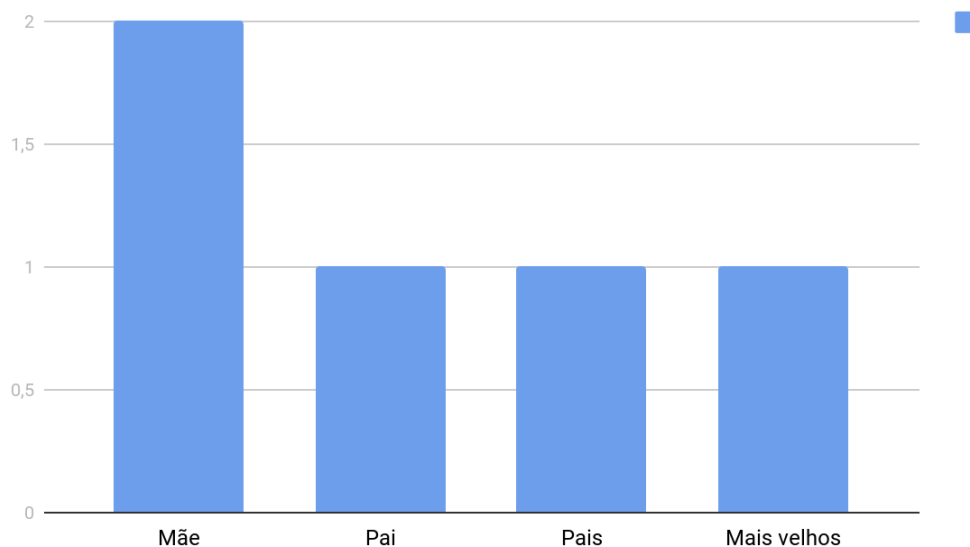


O fato de uma interlocutora haver afirmado ter aprendido sozinha a utilizar as plantas no tratamento de enfermidades nos aponta que não houve nenhum modelo a ser copiado pela mesma.

No caso das/os conhecedoras/es podemos observar a presença do núcleo familiar (mãe, pai e ambos) como responsáveis pelo processo de transmissão. Temos ainda as/os mais velhos como os modelos desse processo (fig. 27).

Figura 27: Responsáveis pela transmissão do conhecimento entre as/os conhecedoras/es do povoado de Lages, Porto de Pedras - AL.

Com quem aprendeu



É notório, tanto tratando-se das/os conhecedoras/es quanto da população, que a mãe é a grande responsável pela forma de aprendizagem sobre a utilização das plantas.

Cavalli-Sforza & Feldman(1981) *apud*. Soldati (2013, p. 46), formularam uma classificação tendo como base o grau de parentesco entre o modelo e o aprendiz. Assim, o conhecimento pode ser culturalmente transferido: verticalmente (dos pais aos filhos); horizontalmente (entre pessoas da mesma geração) e obliquamente (entre gerações, na qual jovens copiam adultos que não são seus pais).

Ao reformularem a classificação anterior, Hewlett & Cavalli-Sforza (1986) *apud*. Soldati (2013, p.46-47) subdividiram a categoria “oblíqua” em: “um para muitos” (de um professor, líder, ou mídia para muitos indivíduos de um grupo) e “muitos para um” (dos membros mais antigos para os mais novos do grupo social).

Aplicando essas classificações às informações já mencionamos, foi possível a formulação do Quadro 2, o qual nos mostra que no povoado de Lages temos como principal forma de transmissão do conhecimento a “muitos para um”.

Quadro 2: Formas de transmissão do conhecimento.

Modelo	Forma de transmissão do conhecimento
Mais velhos	muitos para um
Povo	muitos para um
Família	muitos para um
Avó	muitos para um
Sogra	muitos para um
Mãe e mais velhos	Verticalmente e muitos para um
Mãe e avó	Verticalmente e muitos para um
Mãe e povo	Verticalmente e muitos para um
Mãe, avó e mais velhos	Verticalmente e muitos para um
Mãe	verticalmente
Pai	verticalmente
Pais	verticalmente
Mais velhos e livros	Muitos para um e um para muitos

A união entre a forma vertical e “muito para um”, aparece como a segunda forma mais comum de transmissão do conhecimento entre essas pessoas. Tendo ainda a forma vertical e a união entre “muito para um” e “um para muitos” como formas de transmissão na localidade.

Na forma de transmissão de “muitos para um”, os valores, os traços e as habilidades dos mais antigos são transmitidos em grande escala para os outros membros do grupo, tornando-se assim bastante conservativo. Nessa forma de transmissão, ocorre uma inibição da difusão de inovações e da diversificação do conhecimento dentro do grupo. Na transmissão vertical, ocorre uma lenta variação no conhecimento entre pessoas de um grupo e entre grupos distintos. Sendo também altamente conservativa, pois dificulta a difusão de inovações, tornando a evolução cultural lenta. Já na forma de “um para muitos” a difusão de inovações ocorre com mais facilidade, pois o conhecimento entre indivíduos do grupo é muito similar, havendo uma homogeneização do conhecimento. A evolução cultural em grupos que contenham essa estratégia é consideravelmente rápida (SOLDATI, 2013, p. 48).

Evidencia-se que o conhecimento a respeito das plantas que curam no povoado de Lages é altamente conservativo, esse fato pode nos explicar alguns pontos ao tratar-se dessas plantas.

Mesmo tendo as formas de transmissão mais conservativas difundidas entre a população, torna-se precipitado afirmar que não haverá outras formas a serem difundidas ou unidas à essas, o que com o tempo poderá levar a uma mudança nesse processo.

7.3. O que as plantas têm a nos dizer e o que temos a dizer sobre as plantas?!

E finalmente aqui chegamos depois de percorrer um longo caminho (literal e figurado), cheio de reencontros, histórias e nostalgias onde as plantas foram o centro e as mediadoras, afinal, 84% das pessoas que responderam o questionário “2”, foram unânimes ao afirmar que, ao sinal de algum problema de saúde, as plantas são o primeiro recurso buscado, e mesmo para os 16% que, nesses casos, procuram inicialmente um médico, afirmaram utilizar alguma planta no decorrer do tratamento.

A partir das plantas que foram citadas, podemos perceber alguns aspectos

interessantes, que são importantes pistas a respeito do processo evolutivo da relação entre a população de Lages com as plantas utilizadas na cura.

7.3.1. Esse mato serve pra quê?

Tendo como base as plantas citadas pelas/os especialistas e pela população, pode-se fazer um comparativo em relação às indicações das cinco plantas mais citadas por ambos os grupos (quadro 3), podendo, assim, identificar semelhanças e diferenças. Certo que há uma grande divergência entre a quantidade de especialistas e de membros da população pesquisada, porém, não vamos esquecer que mesmo em um número de sete pessoas, as/os especialistas citaram um total de 85 plantas (aproximadamente 12,1 plantas por pessoa). Enquanto que entre a população a média de plantas citadas é de 1.04 planta por pessoa.

As plantas escolhidas para essa análise comparativa foram as cinco mais citadas entre esses grupos.

Quadro 3: plantas mais citadas entre especialistas e população.

Posição	Especialistas	População
1ª	Aroeira	Hortelã da folha miúda
2ª	Cansanção branca	Cidreira
3ª	Capim santo	Capim santo
4ª	Cidreira	Colônia
5ª	Hortelã da folha grossa	Hortelã da folha grossa

Inicialmente, nota-se que o capim santo; a cidreira e a hortelã grossa estão entre as cinco mais citadas em ambos os casos. Sendo que, mesmo possuindo uma grande diferença no número de citações, as plantas: capim santo e hortelã da folha grossa ocupam a mesma colocação. As duas plantas mais citadas entre as/os especialistas não constam na lista de mais citadas entre a população. No entanto, o inverso ocorre com as plantas: hortelã da folha miúda e a colônia que não aparecem entre as cinco mais citadas pelas/os especialistas.

Buscando entender as similaridades na utilização dessas plantas, foi elaborado o quadro 4, incluindo as plantas divergentes entre especialistas e

população, para realizar um comparativo entre suas indicações.

Quadro 4: relação entre as plantas e suas indicações.

Planta	C.E	C.P	I.E	I.P
Aroeira	5	25	inflamação e tosse	inflamação, diarreia e dor de barriga
Capim santo	4	54	gripe, nervos, pressão alta e cólicas	dor de barriga, calmante, pressão alta, gripe, dor, vômito, tosse e problema no fígado
Cansanção branca	5	6	inflamação, dores e problemas nos olhos	inflamação e gastrite
Cidreira	4	56	dor de barriga, nervos e pressão alta	dor de barriga, calmante, pressão alta, verme, diarreia e inflamação
Colônia	3	44	gripe, tosse, nervos, dores e insônia	calmante, gripe, febre, dor de cabeça e de barriga, febre, tosse, pressão alta, palpitações, catarro e sinusite
Hortelã da folha grossa	4	33	tosse, gripe e dor de barriga	gripe, dor de barriga, catarro, tosse, aftas e gastrite
Hortelã da folha miúda	4	74	vermes, dor de barriga, diarreia, gripe e tosse	dor de barriga, gripe, febre, cólicas intestinais e menstruais, catarro, tosse, dor, pressão alta, diarreia, problemas no coração e calmante

C.E = citações especialista; C.P = citações população; I.E = indicações especialistas e I.P = indicações população.

Nota-se uma grande convergência entre as indicações apontadas pelas/os especialistas e pela população. Um fato que deve explicar essa situação diz respeito a forma com que essas informações são passadas adiante no povoado (“muitos para um” e verticalmente). Porém, também, é notório algumas divergências entre essas indicações, o que podem nos mostrar que novas utilizações devem estar

sendo transmitidas.

Percebe-se ainda que algumas das indicações são mais frequentes (dor de barriga, gripe, tosse, pressão alta e inflamação), tornando-se redundantes.

Aplicando o Modelo de Redundância Utilitária (MRU), utilizado em investigações etnobiológicas, proposto por Albuquerque & Oliveira (2007) *apud*. Nascimento et al. (2013, p. 86), que:

Considera as diferentes indicações terapêuticas tratadas por recursos naturais de uma localidade como funções a serem preenchidas dentro de um sistema médico local, e considera também que a existência de várias espécies aplicadas para o tratamento de uma mesma enfermidade significaria a existência de redundância nessa função dentro do sistema (ALBUQUERQUE & OLIVEIRA, 2007).

As espécies com funções redundantes partilham a mesma função, preenchendo a mesma demanda local (o mesmo uso). Minimizando, assim, a pressão na utilização de espécies individuais, pois as coletas são distribuídos entre as mesmas. Porém, alguns recursos são preferidos localmente, tendo uma maior atenção quando demandados (NASCIMENTO et al. 2013, p. 89 - 90 - 91).

Ao compararmos as plantas utilizadas pela benzedeira e pelo curandeiro com as apontadas pela população - 40% das pessoas reconheceram as plantas utilizadas nesse processo de cura (quadro 5) - podemos apontar novamente uma similaridade característica da redundância utilitária, porém, lembremos que dentro do contexto onde ocorre esse processo de cura há o fortalecimento das relações sociais, o que leva a uma relação de confiança entre especialistas (modelos) e pacientes, gerando assim, uma transmissão desse conhecimento, na qual as/os aprendizes não precisam, necessariamente, estarem doentes ou procurando conhecer as utilizações das plantas. A própria convivência entre essas pessoas levam a experiências relacionadas com essa temática, e, assim, a transmissão ocorre.

Quadro 5: comparativo entre as plantas utilizadas pela benzedeira e pelo curador e as apontadas pela população no processo de cura.

Planta	C.E	C.P	I.E	I.P
Aroeira	C	X	desfazer feitiço	X
Carrapateira	C	1	mau olhado	saltador (caroços em crianças)
Chanana	X	1	X	mau olhado

Jurema	C	1	desfazer feitiço	mau olhado
Manjeriço	C	2	mau olhado	mau olhado
Manjerioba	B	14	mau olhado e ventre caído	mau olhado e ventre caído
Pinhão roxo	B/C	36	mau olhado e desfazer feitiço	mau olhado
Vassourinha	B/C	31	mau olhado	mau olhado

C.E = citações especialista; C.P = citações população; I.E = indicações especialistas; I.P = indicações população; B = benzedeira; C = curandeiro e B/C = Benzedeira e curandeiro.

As divergências ocorrentes entre as citações de ‘chanana’ e ‘aroeira’ e algumas indicações podem ser explicadas pela própria dinâmica histórica, uma vez que temos várias gerações residem no povoado. Essas gerações tiveram contato com outras/os benzedeiros/curandeiros em momentos distintos e com problemas de saúde específicos, o que levou à outras experiências na qual diferentes plantas devem ter sido utilizadas.

Esses pontos, tratados até então, constituem os objetivos específicos desta monografia. Mas, a medida em que aprofundou-se a leitura e análise das informações outras informações, até então não percebidos, foram observados. No intuito de compartilhá-las, essas e os demais pontos abordados serão aprofundados com uma futura pesquisa que, espero, publicar em breve, e que juntamente com os dados aqui apresentados possam ajudar na conservação da memória e conhecimento das/os protagonistas desta história.

8. FIM POR FIM, FEITO POR MIM!

E por fim aqui chegamos às conclusões, não precipitadas, conduzidas a partir do questionamento por mim levantados e investigados neste trabalho etnográfico: quais plantas as/os moradoras/es do povoado de Lages utilizam em processos de cura e como esse conhecimento é transmitido dentro dessa população resultaram nas linhas anteriores a estas.

Conhecemos um pouco o município de Porto de Pedras, seu processo histórico e dados de sua população (**2.1. Oxi, que história é essa menino?!**), para então chegarmos ao povoado de Lages (**2.1.1. O povoado de Lages... A Lages, para as/os íntimas/os!**), local deste estudo, onde foi montado um catálogo (**6. TE MOSTRO O QUE VI E TE DIGO O QUE ME CONTARAM!**), que nos apresentou uma interessante farmacopeia formada na comunidade, na qual as plantas, sejam inteiras ou suas partes (raiz, rizoma, bulbo, cascas, folhas, flores; frutos; etc.), são empregadas em preparos diversos como chá, lambedor, emplastro, sumo, banho, soluções hidroalcoólicas, benzeduras, etc. No tratamento de vários males: dor de barriga; dor de cabeça; gripe; febre; pressão alta; mau-olhado; doença de criança; etc. Que, segundo o Modelo de Redundância Utilitária, proposto por Albuquerque & Oliveira (2007), mostra um redundância no que diz respeito aos males tratados, o que reflete na escolha das plantas utilizadas (tab. 5). Tendo, essas pessoas, às plantas uma garantia de cura de seus males.

Não foi possível utilizar dados estatísticos a respeito de um possível diferencial no conhecimento sobre plantas entre homens e mulheres mencionados no tópico **7.2.1. Seguindo as pistas escondidas, mas não perdida**, visto que a proporção de homens e mulheres se deu com grande divergência e que este ponto não foi um dos enfoques desta etnografia, contudo foi possível identificar a mãe como a principal responsável pela transmissão desse conhecimento na comunidade, o que caracteriza-se, de acordo com Cavalli-Sforza & Feldman(1981) *apud*. Soldati (2013, p. 46 e 48), como forma vertical de transmissão de conhecimento, sendo assim bastante conservativa, pois dificulta a difusão de informações.

Contudo é necessário um estudo mais aprofundado que busque compreender a distribuição social do trabalho entre homens e mulheres e sobre

relações de gênero e saúde, que possam de fato constatar o prestígio da mãe nessa comunidade.

A utilização da flora no povoado de Lages é a garantia de recuperação de males que atingem sua população. As dificuldades encontradas no atendimento na rede pública de saúde e as experiências e percepções de *doença* dessas pessoas fazem florescer esse conhecimento através do tempo.

9. LÁ, CÁ, AQUI E ACOLÁ!

ALMEIDA, A.W.B. **Terras tradicionalmente ocupadas**. Alfredo Wagner Berno de Almeida. – 2. ed. Manaus: pgsca–ufam, 2008.

ALMEIDA, M.Z. **Plantas medicinais e ritualísticas** / Mara Zélia de Almeida. _ Salvador: EDUFABA, 2000.

AMORIM, J.P. **Medicina Popular em Alagoas**. 2ª., Maceió Editora Graciliano Ramos, 2006.

ARAÚJO, M.A. M. **Das ervas medicinais à fitoterapia**. Ateliê Editorial. 2002.

CAMARGO, L.A. **Cadernos de Folclore: Medicina Popular**. Rio de Janeiro - RJ. Ministério da Educação e Cultura, 1976.

CSORDAS, T.J. **Corpo/Significado/Cura** / Thomas J. Csordas; tradução de José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca; revisão téc. de Carlos Alberto Steil e Luis Felipe Rosado Murillo. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DI STASI, L.C (Org). **Plantas medicinais: arte e ciência um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Unesp, 1996.

DI STASI, L.C. **Plantas medicinais: verdades e mentiras: o que os usuários e os profissionais de saúde precisam saber** / Luiz Claudio Di Stasi, - São Paulo: UNESP, 2007.

FARIAS, I.S. **Doenças, dramas e narrativas entre os índios Jeripankó no sertão de Alagoas** / Ivan Soares Farias. - Maceió: EDUFAL. 2011.

FERREIRA et al. Propriedades Gerais dos vírus, Estratégias de Replicação dos Vírus e Arquitetura dos vírus. in: SANTOS, N.S.O. (Norma Suely de Oliveira), 1964- **Introdução à virologia humana** / Norma Suely de Oliveira Santos, Maria Teresa Villela Romanos, Marcia Dutra Wigg. - 2.ed. - [Reimpr.]. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

GRANDI, T.S.M. **Tratado das plantas medicinais** [recurso eletrônico]: mineiras, nativas e cultivadas / Telma Sueli Mesquita Grandi. Dados eletrônicos. - Belo Horizonte: Adaequatio Estúdio, 2014.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia** / Teresa Maria Frota Haguette. - 11. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HELMAN, C.G. **Cultura, saúde e doença** / Cecil G. Helman; trad. Claudia Buchweitz e Pedro M. Garcez. - 4.ª ed. - Porto Alegre: Artmed, 2003.

HERNÁN, R.N. **La utilidad de las plantas medicinales en Costa Rica** / Hernán Rodríguez Navas. - - 1ª.ed.,6ª. reimpr. - Heredia, C.R.: EUNA, 2007.

KINUPP, V.F. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil** : guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas / Valdely Ferreira Kinupp, Harri Lorenzi. - - São Paulo : Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

LITTLE, P.E. Os conhecimentos tradicionais no marco da intercientificidade. in: LITTLE, P.E. (Org.). **Conhecimentos tradicionais para o para o Século XXI**: etnografias da intercientificidade. Organização Paul E. Little. - São Paulo: Annablume, 2010.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil, vol. 1 / Harri Lorenzi. – 4. ed. – Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002a.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil, vol. 2 / Harri Lorenzi. – 2. ed. – Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002b.

LORENZI et al. **Árvores exóticas no Brasil** : madeireiras, ornamentais e aromáticas / Harri Lorenzi...[et al.]. - - Nova Odessa, SP : Instituto Plantarum , 2003.

LORENZI et al. **Frutas brasileiras e exóticas cultivadas**: (de consumo in natura) / Harri Lorenzi...[et al.]. – SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2006.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no brasil**: nativas e exóticas / Harri Lorenzi, Francisco José de Abreu Matos; computação gráfica Henrique Martins Lauriano. – 2. ed. – Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008a.

LORENZI, H. **Plantas daninhas do Brasil**: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas / Harri Lorenzi. – 4. ed. -- Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008b.

LORENZI, H. **Plantas ornamentais no Brasil**: arbustivas, herbáceas e trepadeiras / Harri Lorenzi, Hermes Moreira de Souza; computação gráfica Henrique Martins Lauriano. – 4. ed – Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008c.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil, vol. 1 / Harri Lorenzi. – 5. ed. – Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008d.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil, vol. 3 / Harri Lorenzi. – 1. ed. – Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2009a.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil, vol. 2 / Harri Lorenzi. – 3. ed. – Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2009b.

LOYOLA, M.A. **Médicos e curandeiros conflito social e saúde**. DIFEL Difusão Editorial S.A. São Paulo – SP. 1984.

MACEDO, M. **Canção dos orixás** / Mauricio de Macedo. - Maceió: EDUFAL, 2001.

MAIOLLI-AZEVEDO, V.; FONSECA-KRUEL, V.S. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. **Acta Botanica Brasilica**. 21(2): 263-275. 2007.

MARTINS, S.A.C. **Gender and Reproduction: Embodiment among the Karíri-Shocó of Northeast Brazil**. Tese de Doutorado. Universidade de Manitoba, Canada. 2003.

MAZUREMA, J. **Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa** / Juliana Mazuarama, Jaqueline Evangelista Dias, Lourdes Cardozo Laureano - Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2016.

MEDEIROS, P. M. et al. Etnia, Renda e Escolaridade. in: **Introdução à Etnobiologia** / Ulysses Paulino de Albuquerque (org.). – Recife, PE: NUPEEA, 2014.

MENDONÇA et al. **Plantas medicinais usadas por comunidades ribeirinhas do médio Rio Solimões, Amazonas**: identificação, etnofarmacologia e caracterização estrutural. / Maria Sílvia de Mendonça; Maria Anália Duarte de Souza; Mariana Franco Cassino; Andréia Barroncas de Oliveira; Maria Cristina de Souza; Ressiliane Ribeiro Prata – Alonso; Lucilene da Silva Paes. - Manaus. EDVA, 2014.

MERLIN, M.D. Archaeological evidence for the tradition of psychoactive plant use in the Old world. **Economic Botany**, New York, v. 61, 57(3):295-323. 2003.

MOTA et al. **Guia Prático de Métodos de Campo para Estudos de Flora** / Nara Furtado de Oliveira Mota, Luiza Fonseca de Paula, Pedro Lage Viana. Bocaina Biologia da Conservação. – 2. ed. – Belo Horizonte, MG. 2014.

MOTA, C.N. **Os filhos da Jurema na floresta dos espíritos**: ritual e cura entre dois grupos indígenas do nordeste brasileiro / Clarice Novaes da Mota; tradutores: Clarice Novaes da Mota, Marcelo Rangel. - Maceió: EDUFAL, 2007.

NASCIMENTO et al. Redundância utilitária: adaptação e funcionalidade de sistemas de conhecimento tradicional. in: **Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas**/ Ulysses Paulino de Albuquerque (org.). - - Recife, PE: NUPEEA, 2013.

NUNES, A.G.A. Os argonautas do mangue - uma etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória, ES / André Gustavo Alves Nunes. - - Campinas, SP: [s.n.], 1998.

OLIVEIRA, E.C.S.; TROVÃO, D.M.B.M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v.7, n. 3, p. 245-251, jul./set. 2009.

OLIVEIRA, E.R. **O que é medicina popular** / Elda Rizzo de Oliveira. - São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, M.E.C.B.; MUNE, S.E. A origem e a evolução das angiospermas. in: **Paleontologia: paleovertebrados, paleobotânica**, volume 3/ Ismar de Souza Carvalho, editor. 3ª ed. - Rio de Janeiro: Interciência, 2011.

Plantas Mediciniais: do curso de plantas medicinais / Coord. Haraguchi, Linete Maria Menzenga e Carvalho, Oswaldo Barretto de. São Paulo: Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. Divisão Técnica Escola Municipal de Jardinagem, 2010.

RABELO, M.C.M. Religião, Ritual e Cura. in: ALVES, P.C.; MINAYO, M.C.S. (org.). **Saúde e doença: um olhar antropológico** / organizadores Paulo Cesar Alves; Maria Cecília de Souza Minayo. - Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

RAVEN, P.H. **Biologia vegetal** / Peter H. Raven, Ray F. Evert, Susan E. Eichhorn; [coordenação da tradução Jane Elizabeth Kraus; revisão técnica Jane Elizabeth Kraus, Neuza Maria de Castro; tradução Ana Cláudia de Macêdo Vieira... et al.]. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

SANTOS, F.V. **O ofício das rezadeiras:** um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta / RN/ Francimário Vito dos Santos. - RN, 2007.

SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE / DAB - DATASUS. Secretaria Municipal de Saúde. SIAB - Sistema de Informação de Atenção Básica. Consolidado das Famílias Cadastradas do ano de 2014.

SILVA, A.J.R.; ANDRADE, L.H.C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral - Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. 19(1): 45-60. 2005.

SOLDATI, G.T. Transmissão de conhecimento: Origem social das informações e da evolução cultural. in: **Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas**/ Ulysses Paulino de Albuquerque (org.). - - Recife, PE: NUPEEA, 2013.

SOLDATI, G.T. A transmissão do conhecimento local ou tradicional e o uso dos recursos naturais. in: **Introdução à etnobiologia** / Ulysses Paulino de Albuquerque (org.). - Recife, PE: NUPEEA, 2014.

SOMMER, M.G.; PIRES, E.F. Conceitos e perspectivas. in: **Paleontologia: paleovertebrados, paleobotânica**, volume 3/ Ismar de Souza Carvalho, editor. 3ª ed. - Rio de Janeiro: Interciência, 2011.

STEHMANN, J.R.; SOBRAL, M. Biodiversidade no Brasil.in: SIMÕES, C.M.O (org.). **Farmacognosia: do produto natural ao medicamento**/ Organizadores, Cláudia Maria Oliveira Simões... [et al.]. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

TORRES-AVILEZ, W. et al. Gênero e idade. in: **Introdução à etnobiologia** / Ulysses Paulino de Albuquerque (org.). - Recife, PE: NUPEEA, 2014.

VÁRIOS AUTORES. **Plantas tóxicas**: estudos de fitotoxicologia e química de plantas brasileiras. - - São Paulo : Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2011.

ANVISA, 2018. Disponível em: < <http://portal.anvisa.gov.br/fitoterapicos> >. Acesso em Março/2018.

G1, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2012/06/gripe-h1n1-em-2009-matou-mais-que-o-estimado-diz-estudo.html>>. Acesso em Janeiro/2018

GOOGLE EARTH. Disponível em: <<https://www.google.com.br/intl/pt-PT/earth/>> . Acesso em Março/2015.

<<https://earth.google.com/web/@-9.20330673,-35.31415964,1.59064096a,7465.45728606d,35y,-51.23819203h,60.02843498t,-0r>>. Acesso em Março/2015.

<<https://earth.google.com/web/@-9.19485224,-35.32981497,10.47587327a,3030.18297237d,35y,-0h,0t,0r>>. Acesso em Março/2015.

<<https://earth.google.com/web/@-9.19565338,-35.32877549,9.37909138a,1551.3208553d,35y,77.84737141h,59.98848488t,-0r>>. Acesso em Março/2015.

GOOGLE MAPS. Disponível em : <<https://maps.google.com.br/>> . Acesso em Março/2015.

<<https://www.google.com.br/maps/place/Porto+de+Pedras+-+AL,+57945-000/@-9.3216116,-35.641159,10.75z/data=!4m5!3m4!1s0x700e544aae52819:0xa837f3d226c0c36e!8m2!3d-9.1541755!4d-35.4124355>> . Acesso em Março/2015.

IBGE, 2010. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/porto-de-pedras/historico>>. Acesso em Março/2015 e Janeiro/2018.

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/porto-de-pedras/panorama> >. Acesso em Março/2015 e Janeiro/2018..

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/porto-de-pedras/pesquisa/37/30255>>. Acesso em Março/2015 e Janeiro/2018..

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/porto-de-pedras/pesquisa/39/30279?ano=2013>>. Acesso em Março/2015 e Janeiro/2018..

REFLORA. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/ConsultaPublicoHVUC/ConsultaPublicoHVUC.do>>. Acesso em Janeiro-Abril/2017.

<<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB17581>>. Acesso em Janeiro-Abril/2007.

TROPICOS- HOME. Disponível em:< <http://www.tropicos.org/> > .Acesso em Janeiro-Abril/2017.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

(Em 2 vias, firmado por cada participante-voluntária/o da pesquisa e pelo responsável)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.”

Eu,

_____ ,
tendo sido convidada/o a participar como voluntária/o do estudo **“O conhecimento popular no uso de plantas com propriedades curativas pela população do povoado de Lages do município de Porto de Pedras – AL”**, recebi de Leomar da Silva de Lima, orientado pela Prof.^a Dr.^a Sílvia Aguiar Carneiro Martins, Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a registrar o manejo e a utilização das plantas com propriedades curativas pela população da comunidade de Lages do Município de Porto de Pedras;
- Que a importância deste estudo é a de conhecer e fortalecer o conhecimento adquirido e passado pela população sobre a importância e uso dessas plantas;
- Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: identificar as plantas utilizadas para sanar os males e entender como ocorre o processo de aprendizagem sobre tal;
- Que esse estudo começará em 2016, podendo ser concluído em um ano;
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: entrevistas com a população;
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

O presente projeto tem como objetivo principal fazer um pequeno resgate histórico do povoado de Lages, bem como de sua população, trazendo elementos que demonstram a relação que essas pessoas têm com a natureza, na forma de identificação e uso de plantas em processos de cura (fazendo uso de seus princípios ativos ou em rituais de cura) que vem passando por gerações, bem como fazer o reconhecimento dessas plantas e de suas famílias botânicas.

A participação das/os informantes será de forma colaborativa, sem fins lucrativos para ambas as partes (pesquisadores e pesquisados).

Se porventura o informante tiver que faltar no trabalho para ajudar na pesquisa, o pesquisador se compromete a pagar quantas diárias forem necessárias (com fundo próprio) no valor local, para que este não tenha prejuízo.

No caso de o informante se sentir lesado de algum modo através da pesquisa fazendo cumprir o inciso IV da Resolução 466/12 CNS, em todas as suas alíneas é garantido ao colaborador participante desistir ou desvincular-se da pesquisa no momento em que esse desejar, bem como o pagamento de indenizações pelo pesquisador aos participantes no caso de danos físicos, morais ou psicológicos aos mesmos, isto na forma da lei.

Toda pesquisa oferece riscos ao menos mínimos ao pesquisador e a seus colabores, no que tange aos riscos que possam estar sujeitos os colabores/entrevistados limita-se a possível constrangimento em dividir seu conhecimento com o pesquisador, devido a ausência de vínculos de relacionamento entre estes, ou pelo pluralismo de ideias existente entre as diferentes pessoas.

O informante terá consigo uma cópia desse documento que lhe garantirá todos os direitos previstos na resolução 466/12 – IV CNS.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da/o participante-voluntária/o

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Contato de urgência:

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Endereço do responsável pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Universidade Federal de Alagoas – Campus A.C Simões

Endereço: Av. Lourival Melo Mota S\N

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: Tabuleiro dos Martins, Maceió - AL, CEP: 57072-970

Telefones p/contato: (82) 99800-0763

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas:

Prédio da Reitoria, sala do C.O.C. , Campus A. C. Simões, Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041

<hr/> <p>(Assinatura ou impressão datiloscópica da/o voluntária/o ou responsável legal</p>	<hr/> <p>Nome e Assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo</p>
--	---

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO 1



Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde – ICBS

O conhecimento popular no uso de plantas com propriedades curativas pela população do povoado de Lages do município de Porto de Pedras – AL.

QUESTIONÁRIO 1

1º IDADE: _____

2º SEXO: F ____ M ____

3º ESCOLARIDADE: _____

4º TEMPO DE RESIDÊNCIA NO POVOADO: _____

5º QUANTAS PESSOAS HABITAM A RESIDÊNCIA?: _____

6º OCUPAÇÃO: _____

7º PERTENCE A ALGUMA RELIGIÃO?: SIM ____ NÃO ____ QUAL? _____

8º ATIVIDADE COM A(S) PLANTA(S):

- RAIZEIRO(A) _____
- CURADOR(A)/BENZEDEIRO(A) _____
- CONHECEDOR(A) _____

9º AS PESSOAS DE SUA FAMÍLIA UTILIZAM AS PLANTAS?: SIM ____ NÃO ____

10º COM QUEM APRENDEU A UTILIZAR A(S) PLANTA(S)?: _____

11º COM QUANTOS ANOS APRENDEU A UTILIZAR AS PLANTAS?: _____

12º TEM ENSINADO SOBRE A UTILIZAÇÃO DA(S) PLANTA(S)?: SIM ____ NÃO ____

13º A QUEM ENSINOU?: _____

14º PLANTAS UTILIZADAS/INDICADAS:

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO 2



Universidade Federal de Alagoas – UFAL
 Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde – ICBS

O conhecimento popular no uso de plantas com propriedades curativas pela população do povoado de Lages do município de Porto de Pedras – AL.

QUESTIONÁRIO 2

1º IDADE: _____

2º SEXO: F ____ M ____

3º ESCOLARIDADE: _____

4º TEMPO DE RESIDÊNCIA NO POVOADO: _____

5º QUANTAS PESSOAS HABITAM A RESIDÊNCIA?: _____

6º OCUPAÇÃO: _____

7º PERTENCE A ALGUMA RELIGIÃO?: SIM ____ NÃO ____ . QUAL? _____

8º QUANDO HÁ CASOS DE DOENÇA (GRIPE, DOR DE BARRIGA, FEBRE) NA FAMÍLIA VOCÊS: PROCURAM UM MÉDICO ____ OU UTILIZAM ALGUMA PLANTA MEDICINAL ____

9º MESMO QUE PROCUREM ATENDIMENTO MÉDICO, SUA FAMÍLIA FAZ USO DE ALGUMA PLANTA PARA TRATAR AS DOENÇAS?: SIM ____ NÃO ____

10º PLANTAS UTILIZADAS:

PLANTA	PARTE(S) UTILIZADA(S)	INDICAÇÕES

ANEXO A - CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Campus A. C. Simões - Av. Lourival Melo Mota, S/N

Cep: 57072-970, Cidade Universitária - Maceió-AL

comitedeeticaufal@gmail.com - Tel: 3214-1041



CARTA DE APROVAÇÃO

Maceió-AL, 04/08/2016

Senhor(a) Pesquisador(a), Sílvia Aguiar Carneiro Martins
 Nivaldo Aureliano Leo Neto
 Leomar da Silva de Lima

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), em Reunião Plenária de 07/07/2016 e com base no parecer emitido pelo(a) relator(a) do processo nº 55395016.8.0000.5013, sob o título **O CONHECIMENTO POPULAR NO USO DE PLANTAS COM PROPRIEDADES CURATIVAS PELA POPULAÇÃO DO POVOADO DE LAGES DO MUNICÍPIO DE PORTO DE PEDRAS - AL**, comunicar a **APROVAÇÃO** do processo acima citado, com base no artigo X, parágrafo X.2, alínea 5.a, da Resolução CNS nº 466/12.

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS 466/12, item V.3).

É papel do(a) pesquisador(a) assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA - junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e sua justificativa. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o (a) pesquisador (a) ou patrocinador(a) deve enviá-los à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem incluídas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item IV. 2.e).


Relatórios parciais e finais devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos no Cronograma do Protocolo e na Resolução CNS 466/12.

Na eventualidade de esclarecimentos adicionais, este Comitê coloca-se a disposição dos interessados para o acompanhamento da pesquisa em seus dilemas éticos e exigências contidas nas Resoluções supra-referidas.

Esta aprovação não é válida para subprojetos oriundos do protocolo de pesquisa acima referido.

(*) Áreas temáticas especiais

Válido até: AGOSTO de 2017.


 Prof.ª Dr.ª Deise Juliana Francisco
 Coordenadora do Comitê de
 Ética em Pesquisa -UFAL

ANEXO B - COBERTURA ASSISTENCIAL DE SAÚDE DE PORTO DE PEDRAS

ESTADO DE ALAGOAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO DE PEDRAS

DADOS REFERENTE A COBERTURA ASSISTENCIAL DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE PORTO DE PEDRAS:

O MUNICÍPIO POSSUI 4 ESTRATÉGIAS DE SAÚDE DA FAMÍLIA. ATINGINDO UMA COBERTURA DE 100% DE ATENDIMENTO PARA A POPULAÇÃO RESIDENTE, CADA EQUIPE DE PSF É COMPOSTA POR:

1 MÉDICO

1 ENFERMEIRA

1 ODONTÓLOGO

1 AUXILIAR DE SAÚDE BUCAL

1 TÉCNICO DE ENFERMAGEM

AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE

TODAS UNIDADES POSSUEM FARMÁCIA BÁSICA

A DISTRIBUIÇÃO DAS EQUIPES :

1 UBS NO CENTRO PSF 01

1 UBS NO POVOADO LAGES

1 UBS NA ZONA RURAL

1 UBS NO POVOADO DE TATUAMUNHA.

A ESTIMATIVA DE ATENDIMENTOS MÉDICOS INDIVIDUAIS É EM TORNO DE 350 MÊS POR UNIDADE BÁSICA.

ANEXO C - QUANTITATIVO DAS FAMÍLIAS CADASTRADAS NA UNIDADE DE SAÚDE VALDOMERO ANTONIO DA COSTA - LAGES

PAG.: 1
VERSÃO: 6.6.1
DATA: 13/01/2015

SECRETARIA DE ASSISTENCIA A SAUDE / DAB - DATASUS
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAUDE

SLAB - SISTEMA DE INFORMACAO DE ATENCAO BASICA
CONSOLIDADO DAS FAMÍLIAS CADASTRADAS DO ANO DE 2014

MUNICIPIO: PORTO DE PEDRAS
SECTORIO: 02 - RURAL (ZONA RURAL)
EQUIPE: 0004 - ESP VALDOMERO ANTONIO DA COSTA (Lages)

IDENT. NACIONAL DE EQUIPE NO CNES: 0000169374

Sexo	Faixa Etária (anos)										Total
	< 1	1 a 4	5 a 6	7 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 39	40 a 49	50 a 59	> 60	
Masculino		53	19	51	93	94	273	82	68	88	821
Feminino	2	43	41	28	92	73	271	80	64	82	776
Numero de Pessoas	2	96	60	79	185	167	544	162	132	170	1.597

Faixa Etária (anos)	Doenças referidas										Faixa etária (anos)	Condição referida	
	ALC %	CHA %	DEF %	DIA %	DME %	EPI %	HA %	HAN %	MAL %	TB %			CES %
0 a 14			0,24								2	10 a 19 anos	1,21
15 anos e mais	3	1	23	29		4	128				25	20 anos e mais	5,03
Total	0,26	0,09	1,96	2,47		0,34	10,89				27	Total	4,08

N. de famílias estimadas	%	ABASTECIMENTO DE AGUA		N. de famílias	%
		Rede pública	Outros		
441		19	4,31		
158	59,85	357	80,95		
770	65,53	65	14,74		

N. de famílias no Bolsa Família	%	TIPO DE CASA		N. de famílias	%
		Tijolo / Adoba	Taipa revestida		
301	6,80	322	73,02		
		58	13,15		
		60	13,61		
		1	0,23		

TRAT AGUA NO DOMICILIO	N. de famílias	%	DESTINO DO LIXO		N. de famílias	%
			Coleta pública	Queimado/Enterrado		
	97	22,00				
	102	23,13				
	242	54,88				

TRAT AGUA NO DOMICILIO	N. de famílias	%	DESTINO FEZES/URINA		N. de famílias	%
			Sistema de Esgoto	Fossa		
	4	0,91				
	280	63,49				
	157	35,60				

TRAT AGUA NO DOMICILIO	N. de famílias	%	Energia Elétrica		N. de famílias	%
	413	93,65				